



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Helen Brüggemann Bunn Schmitt

O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso:
O que é possível ver pela janela que se faz aberta

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schmitt, Helen Brüggemann Bunn

O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão
de curso : O que é possível ver pela janela que se faz
aberta / Helen Brüggemann Bunn Schmitt ; orientador,
Silvana Silveira Kempfer, 2022.

127 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, , Programa de Pós-Graduação em , Florianópolis,
2022.

Inclui referências.

1. . 2. Pesquisa de educação em enfermagem. 3.
Monografia. 4. Estudantes de enfermagem. I. Kempfer,
Silvana Silveira . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em . III. Título.

Helen Brüggemann Bunn Schmitt

O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso:

O que é possível ver pela janela que se faz aberta

Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em
Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do título de Doutor em Enfermagem
Orientadora: Profa. Silvana Silveira Kempfer, Dra.

Florianópolis
2022

Helen Bruggemann Bunn Schmitt

O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso:

O que é possível ver pela janela que se faz aberta.

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Jussara Gue Martini, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

Profa. Marília de Fátima Vieira de Oliveira, Dra.
Universidade Federal do Pará- UFPA

Profa. Marta Kolhs, Dra.
Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Enfermagem

Profa. Mara Ambrosina de Oliveira Vargas, Dra.
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Profa. Silvana Silveira Kempfer, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2022.

Este trabalho é dedicado a tudo, todos e todas que fazem parte de
minha existência!

AGRADECIMENTOS

O momento dos agradecimentos é para mim momento de extrema emoção!

Imagina quando se está agradecendo a realização de uma tese!

Pensei muito em relação aos agradecimentos e a cada vez anotava nomes de seres que não poderiam faltar, porém a lista estava enorme e ainda faltavam muitas e muitos seres e com certeza iria lembrar de alguém que não estava presente.

Como realizar os agradecimentos de uma tese em que cada ente e ser no mundo fez parte da minha existência e sou o que sou em virtude desta vivência, desta mundanidade?

Desta forma agradeço a todos e todas que passaram por mim e eu por eles, que passam por mim e eu por eles e que passarão por mim e eu por eles.

Assim agradeço!

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.”
(FREIRE, 1999)

DISCURSO PROFERIDO COMO SER-DOCENTE-PARANINFA
COLAÇÃO DE GRAU DO SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM PARTICIPANTE
DA PESQUISA EM JANEIRO DE 2022.

Boa noite, professora Janaína Peres, digníssima Diretora Pedagógica, quero cumprimentá-la e em seu nome cumprimentar toda a família da Faculdade de Santa Catarina, cumprimentando a Mestre de Cerimônias quero cumprimentar e agradecer os trabalhadores e trabalhadoras que estão fazendo desta noite um sonho.

Feito isto me dirijo a vocês queridos afilhados e queridas afilhadas, seus familiares, amigos e amores.

Me chamo Helen e sou professora da enfermagem, escolhida como paraninfa em 2020 e agora quase dois anos depois, escolhida para falar em nome de todos homenageados e todas homenageadas nesta noite.

Espero que consiga repassar um pouco do que viver a vida neste tempo nos apresenta.

Acredito que quando somos convidados para nome de turma, paraninfo, patrono e professor amigo da turma é porque deixamos um pouco de nós em cada um e que cada um deixou um pouco de si para nós.

Estamos vivenciando neste mundo tempos sombrios e difíceis da pós modernidade e da Pandemia de SARS-CoV-2, onde todos tivemos que nos reinventar e construir pontes e caminhos, pois não há receita pronta, não há certezas, mas a contínua vontade de viver, concluir cada etapa que nos é apresentada, vivenciando a Cruel Pedagogia do Vírus, como chama esta pandemia o Prof. Boaventura Santos.

Voltando à educação que vivemos e a jornada acadêmica, queridos afilhados e queridas afilhadas estamos fazendo este rito de passagem, celebrando a conclusão de uma etapa e privilegiada como sou, vou trazer aqui os sentimentos e as trocas vivenciadas com alguns de nós que aqui estão e penso, representará o sentimento dos demais.

A dois anos atras perguntei a alguns de vocês que janelas representavam o momento que estavam vivendo e seus significados!

Por que janelas?

Uma janela nos mostra aquilo que podemos perceber a partir do lugar onde estamos, cada vez que nos movimentamos para um lado ou outro, para frente e para trás ela (a janela) vê aspectos diferentes do que está no outro lado...o que lá está, será visto a partir do local que

estamos, e podemos ver diferente aquilo que lá está...vamos vendo a partir do nosso ponto de visão. Vimos muito isto ao longo destes nossos encontros, cada um de nós tem sua percepção a partir do ponto em que está, e o grande papel da vida é mostrar outros pontos destas janelas. Como também uma janela ainda faz a separação entre um lado e outro, quem sabe este rito de passagem que estamos vivenciando hoje.

Quando perguntei, vocês me falaram que as janelas de vocês eram feitas de Desafio, Esperança, Mudança, Coragem, Paz e Alegria, Sucesso, Paz e Tranquilidade, Objetivo, Luz da Manhã, Oasis e Reconhecimento. Vou pegar as falas de vocês e presentear-lhes agora!

Vocês disseram que cada vez que o sol nasce e quando acordamos temos a Esperança de um novo dia, que algo de bom vai acontecer, e que o horizonte as montanhas, o céu, o mar mostram que é possível ir longe, ter sucesso! Falaram que a vida é alegria e as flores o amor, o romance, as luzes trazem esta alegria, que tem vezes que parece que estamos num deserto, árido e dolorido e que um oásis é tudo do que precisamos.

Ainda em conversa vocês apresentaram que a janela luz da manhã representa o futuro, a profissão que vocês começam, os caminhos que terão que percorrer, e reforçaram que cada um tem a sua janela a partir da sua vida e seus problemas e soluções, não há como se apropriar de outra janela, porém é possível e preciso realizar as mudanças necessárias para que a janela fique cada vez melhor.

Tem a janela do Reconhecimento em relação ao nosso passado e nossas bases, o cuidado recebido dos familiares e o cuidado que iremos ter que prestar aos outros a partir de cada profissão aqui escolhida, e muita esperança, vocês falaram MUITO da esperança de dias melhores, reconhecimento na profissão, coragem para enfrentar os desafios que a vida coloca para que possamos ter paz e tranquilidade.

Então queridos afilhados e afilhadas está é a lição que vocês, antes de saírem da faculdade, antes deste rito de passagem já passavam para todos nós. Isto só vem demonstrar a sabedoria de Paulo Freire em sua Pedagogia do Oprimido: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam, mediatizados pelo mundo. Que vocês continuem na profissão a educar e serem educados mediatizados pelo mundo, sem nunca perder a amorosidade e lembrem-se que o educador se eterniza em cada ser que educa”

Que vocês sempre busquem o melhor lugar de sua janela e sejam muito felizes!

SCHMITT, Helen Bruggemann Bunn. **O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso: O que é possível ver pela janela que se faz aberta.** Tese (Doutorado em Enfermagem). Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. 127p.

Orientadora: Dra. Silvana Silveira Kempfer

RESUMO

Foi realizada uma pesquisa fenomenológica hermenêutica baseada no referencial teórico-metodológico-filosófico de Martin Heidegger que teve por objetivo compreender e interpretar o significado do ente trabalho de conclusão de curso para o ser-estudante-de-enfermagem de uma escola de graduação em enfermagem. Após aprovação no Comitê de Ética e autorização dos estudantes para gravação de imagem e som, a coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e maio de 2020. Em virtude do isolamento social necessário nos cuidados na pandemia por SARS-CoV-2, as entrevistas fenomenológicas foram realizadas por meio de plataforma virtual. Foram entrevistados quatorze estudantes de enfermagem que estavam realizando o trabalho de conclusão de curso, cada ser-estudante-de-enfermagem escolheu o nome e a figura de uma janela, que passou a ser seu codinome na pesquisa, sendo as entrevistas transcritas e salvas no software Microsoft Word® e armazenadas em HD externo e nuvem. O percurso metodológico foi guiado pelo círculo do compreender, Círculo Hermenêutico, onde a pré-compreensão consistiu na autocompreensão, no entendimento daquilo que se vê, ainda velado, o conceitual, a compreensão ocorreu por ocasião da entrevista fenomenológica e a interpretação se deu a partir das entrevistas. Para dar corpo à interpretação foram realizados três manuscritos, sendo eles: 1) Experienciando o círculo hermenêutico e a fenomenologia na pesquisa em enfermagem; 2) O ente trabalho de conclusão de curso e a existência do ser-estudante-de-enfermagem: o que há na janela a ser olhada? 3) A experiência do ser-estudante-de-enfermagem com o ser-docente no mundo da formação: o que a janela demonstrou além do que se procurava ver. O ser-estudante-de-enfermagem ao realizar o ente trabalho de conclusão de curso o percebe enquanto utensílio e preparação para o ofício de enfermagem, em sendo ser-estudante o trabalho impregna e é impregnado visceralmente em seu ser, mostrando ser-no-mundo e ser com-os-outros. Emergiu dos dados, mesmo sem fazer parte da pré-compreensão, o ente professor que sendo ser-docente no mundo da formação pode ser um exemplo de acolhimento, orientação e inspiração para o ser-estudante-de-enfermagem como também pode ser cruel e injusto. Este achado demonstra a importância da pesquisa fenomenológica na enfermagem por ser um método que permite descobrir os velamentos e ir-as-coisas-mesmas.

Palavras-chave: Pesquisa de educação em enfermagem. Monografia. Estudantes de enfermagem.

SCHMITT, Helen Bruggemann Bunn. **The Being-a-nursing-student and the end-of-course paper: what is possible to see through the open window.** 2022. 127 p. Thesis (Doctorate in Nursing). Nursing Post-graduation Programme. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

ABSTRACT

A hermeneutic phenomenological research was carried out based on Martin Heidegger's theoretical-methodological-philosophical framework, with the aim of understanding and interpreting the meaning of the being end-of-course paper for the Being-a-nursing-student in an undergraduate nursing school. After approval by the Ethics Committee and authorization from the students to record image and sound, data collection took place between April and May 2020. Due to the social isolation necessary in the care of the SARS-CoV-2 pandemic, the phenomenological interviews were carried out through a virtual platform. Fourteen nursing students who were doing their end-of-course paper were interviewed. Each Nursing undergraduate chose the name and picture of one window, which became his/her codename in the research, and the interviews were transcribed in Microsoft Word® software and saved in an external hard drive and cloud. The methodological referential was guided by the Hermeneutic Circle, where the pre-understanding consisted in the self-understanding, in the understanding of what is seen, still veiled, the conceptual; the understanding occurred during the phenomenological interview; the interpretation occurred from the interviews. To embody the interpretation, three manuscripts were produced: 1) Experiencing the hermeneutic circle and phenomenology in nursing research; 2) The being end-of-course paper and the existence of the Being-a-nursing-student: what is in the window to be looked at? 3) The experience of the Being-a-nursing-student with the professor-being in the world of training: what the window showed beyond what one tried to see. The Being-a-nursing-student, when carrying out the end-of-course paper, perceives it as a tool and a preparation for the nursing craft and in being a being-student, the work impregnates and is viscerally impregnated in his/her being, showing being-in-the-world and being-with-the-others. Even without being part of the pre-understanding, the being a professor who, being a professor in the world of education, can be an example of reception, guidance and inspiration for the being-a-nursing-student, as well as being cruel and unfair. This finding demonstrates the importance of phenomenological research in nursing, as it is a method that allows discovering the veils and showing themselves.

Keywords: Nursing Education Research. End-of-course paper. Nursing student.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEN	Associação Brasileira de Enfermagem
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COVID-19	Coronavírus Disease 19
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCN/ENF	Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Enfermagem
EDEN	Laboratório de Pesquisa e Tecnologia da Educação em Enfermagem e Saúde
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NUPEBISC	Núcleo de Pesquisa em Bioética em saúde Coletiva
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMC	Organização Mundial do Comércio
PP	Projeto Pedagógico
SARS-CoV-2	Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A minha janela.....	16
Figura 2 - Janelas e nomes do ser-estudante-de-enfermagem.....	92
Figura 3 - Martin Heidegger.....	117

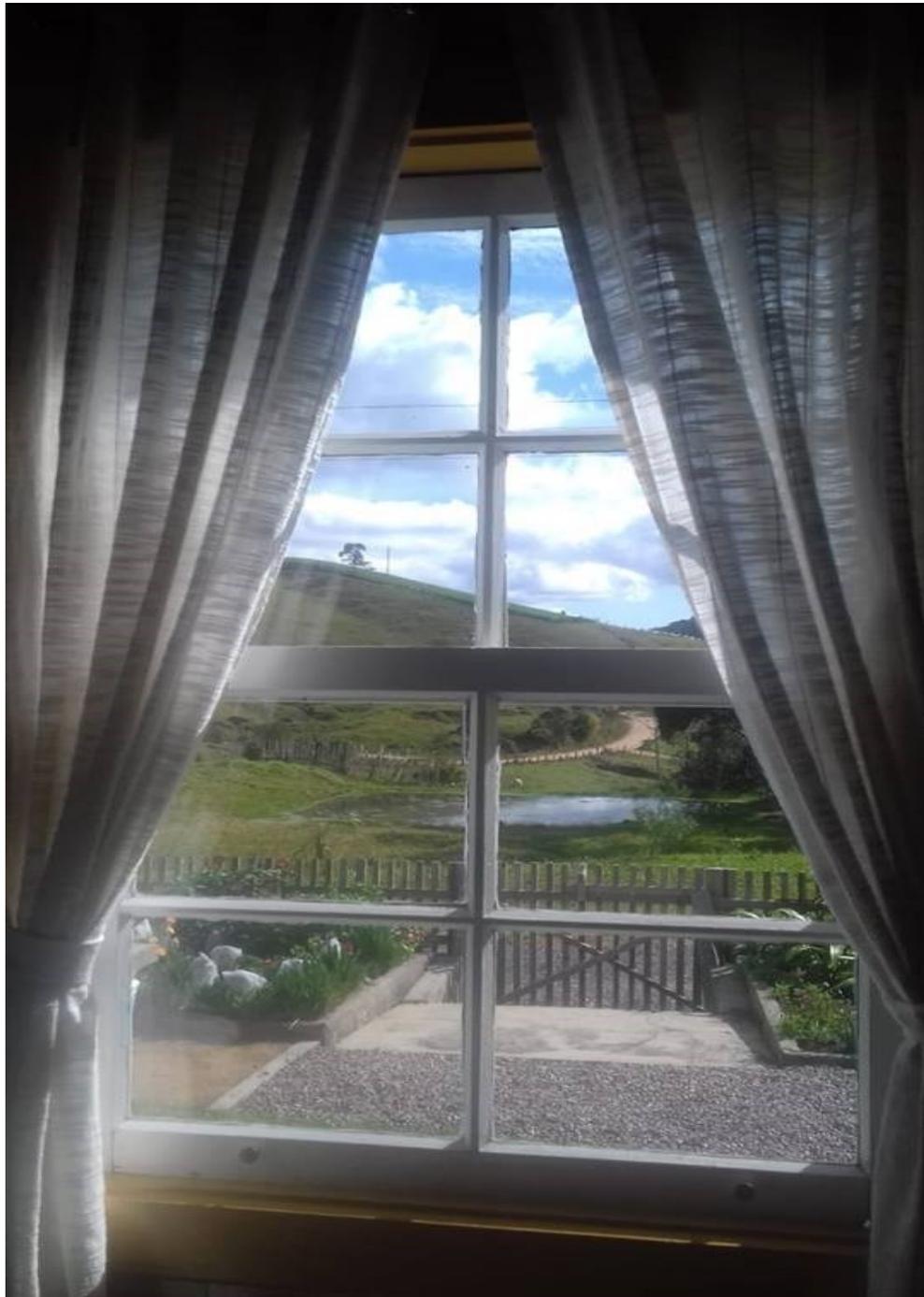
LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os nomes, as figuras e a fonte das janelas do ser-estudante-de-enfermagem. 73

SUMÁRIO

1	SER-NO-MUNDO	17
2	O QUE HÁ E O QUE SE DÁ NO MUNDO.....	27
2.1	UMA JANELA ABERTA PARA OS ENTES	29
2.2	UMA JANELA ABERTA PARA OS ENTES SOCIEDADE BRASILEIRA E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM.....	32
2.3	UMA JANELA ABERTA PARA O ENTE CURSO DE ENFERMAGEM.....	35
2.4	UMA JANELA ABERTA PARA O ENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	41
2.5	UMA JANELA ABERTA PARA O SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM.....	43
3	O QUE MOSTRA A NOVA JANELA.....	49
4	O CAMINHO PARA OUTRA JANELA.....	68
5	RESULTADOS	76
5.1	MANUSCRITO 1 - EXPERIENCIANDO O CÍRCULO HERMENÊUTICO E A FENOMENOLOGIA NA PESQUISA EM ENFERMAGEM	76
5.2	MANUSCRITO 2 - A EXPERIÊNCIA DO SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM E O ENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: O QUE HÁ PARA SE VER PELA JANELA?	88
5.3	MANUSCRITO 3 - A EXPERIÊNCIA DO SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM COM O SER-DOCENTE NO MUNDO DA FORMAÇÃO: O QUE A JANELA DEMONSTROU ALÉM DO QUE SE PROCURAVA VER	104
6	E A JANELA SE MANTÉM ABERTA	115
	REFERÊNCIAS.....	118

Figura 1- A minha janela



Fonte: Acervo particular, 2022.

1 SER-NO-MUNDO

“O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos.
O ser deste ente é sempre e cada vez mais meu”.
(HEIDEGGER, 2015, p. 85).

Início esta tese retornando ao ano de 1987, quando começo minha trajetória como enfermeira, após cinco anos e meio sendo estudante-de-enfermagem.

Aguardando minha colega de plantão com quem pegava uma carona, eu ficava na margem da BR 282, também chamada de Via Expressa, próximo à Ponte Colombo Salles em Florianópolis, capital de Santa Catarina.

Daquele lugar, na rua, toda vestida de branco, olhava para frente à direita e via os casebres descoloridos da comunidade chamada Covanca ou Vila Aparecida, com seres-entes andantes, pequenos à minha visão, se movimentando e sendo vida em seu mundo.

Continuava olhando para frente à esquerda e percebia minha casa e outras casas grandes, pintadas, que pertenciam ao bairro Coqueiros. Carros saíam das garagens com entes *privilegiados* dentro deles. Uma rua separava Coqueiros da Covanca, porém as diferenças eram muito maiores do que esta rua, diferença de mundos.

Ao lado da rodovia os carros passavam e deixavam seu rastro de vento, alguns buzonavam, outros rasgavam a rua velozes, outros acendiam e apagavam seus faróis querendo chamar minha atenção (e chamavam), ficava ali sendo eu, naquele momento uma enfermeira que iria assumir o plantão em um hospital.

Não conhecíamos os celulares ainda, tínhamos os telefones fixos em nossas casas e em nossos trabalhos, e quando saía de casa, andava dois minutos atravessava a Via Expressa, e o que ocorresse de atraso ou adiantamentos, de filas ou não, ficaria sabendo quando minha colega, algumas vezes acompanhada por seu pai, parassem o Fiat branco para que eu entrasse no carro.

Minha colega também enfermeira, tinha dois locais de trabalho em que exercia seu ofício, um durante o dia e outro durante algumas noites, nas noites em que saía de seu trabalho seu pai a auxiliava no transporte, caso contrário ela vinha dirigindo.

Enquanto esperava, ficava conjecturando e olhando para o relógio, o tempo passava, os ponteiros do relógio se mexiam, o combinado consistia em estar naquele local as seis horas e quarenta e cinco minutos, nosso plantão se iniciava as sete horas e o hospital que trabalhamos

estava a poucos quilômetros.

Havia dias chuvosos, desta forma eu aguardava com minha sombrinha aberta, vendo os pingos caindo, as poças de água se formando rapidamente no chão de terra e lembro que pensava: O que estou vivendo/sendo daria um bom livro, um dia irei escrever sobre isto...

O carro branco despontava, parava no acostamento, eu entrava e íamos conversando amenidades até o hospital, como tinha sido o plantão no outro hospital, como estavam todos e todas em suas casas, como seria o trabalho naquele dia, o que tínhamos de planos para o final de semana, como estava ou estaria o tempo, quais pessoas, lugares e acontecimentos que nos faziam sentido.

Ao chegarmos no Instituto de Cardiologia, víamos um número pequeno de funcionários e poucos carros desta forma conseguíamos estacionar sem problemas e entrávamos na instituição.

Penso hoje que o estacionamento demonstra de maneira inequívoca as transformações ocorridas ao longo dos anos, o aumento do número de leitos, de funcionários, de estrutura, de doenças e de doentes, de emergências, urgências e necessidades, de acesso, de poder de compra, de iniquidades e de privilégios, ou seja, um ente que em estando no mundo demonstra em ato a historicidade.

Recordando a minha infância, penso que sempre quis ser enfermeira, um ofício, mesmo sem saber que queria. Desde a mais tenra idade cuidava de meus irmãos, sempre fui muito interessada no outro ser, em seu bem-estar e na enfermagem e no hospital não era diferente.

Me formei em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, e logo após, passei no concurso público para a Fundação Hospitalar de Santa Catarina. Era o início dos tempos do Sistema Único de Saúde e em 1990 éramos parte integrante da Constituição Federal que legislava em seus artigos pelo acesso universal, equânime e igualitário dos seres para a atenção à saúde, a saúde vista enquanto qualidade de vida. Este movimento à época, não foi percebido por mim dentro da minha pouca experiência, porém viria a fazer muito sentido em meu mundo.

Com o passar do tempo e no tempo me dediquei a ocupação de ser-enfermeira buscando conhecer os instrumentos do ofício.

Estando lançada no mundo passei por muitos lugares, instituições e trabalhos e penso que modifiquei e fui modificada por cada uma destas vivências.

Do ambiente hospitalar experienciei a rotina, os protocolos, os horários, a continuidade da atenção, a importância de todos os serviços, a dureza, a aspereza, o cuidado, o aprendizado;

Da atenção básica fui lançada e lancei-me à cotidianidade, a historicidade dos seres e entes, o trabalho em equipe, o conhecimento dos seres, a dor e a angústia;

Da gestão dos serviços de saúde se apresentou para mim a dúvida, a incerteza e a certeza da incerteza, as relações entre os seres, a mundanidade, o sofrimento, a clareza e/ou escuridão;

Da docência eu consegui olhar para o ser-estudantes-de-enfermagem, para a superação, o desafio, a sobrecarga, a troca, os prazeres e desprazeres da educação, a enfermagem vista do início ou como forma de ganhar a vida.

Ao longo da caminhada eu sendo-enfermeira-no-mundo, quase sempre estava realizando várias atividades concomitantemente, no serviço, na docência e na academia, buscando um aprofundamento conceitual e laborativo, balizado pelas chamadas *políticas de saúde e do Sistema Único de Saúde*.

Do trabalho no hospital, lembro-me que fazia parte das nossas tarefas diárias, as reuniões com os usuários que iriam se submeter a cirurgias de médio e grande porte, onde eu prescrevia a forma de outro viver sua vida, a partir da literatura, as ações que eles poderiam ou não fazer, como eles *deveriam viver suas vidas* a partir do procedimento, muito falava e pouco escutava.

Faço aqui um recorte da minha caminhada acadêmica e seu pretense desvelar, tendo clareza que esta linha aqui descrita é meramente didática, uma vez que em sendo e estando no mundo, os acontecimentos não se dão de forma isolada e linear.

Nos últimos anos do século XX, ou seja, ano de 1990, a Política Nacional de Saúde do Trabalhador me foi apresentada mais propriamente a partir da Especialização em Saúde do Trabalhador pela Universidade Federal de Santa Catarina. Esta me apresentou a faceta cruel do trabalho, seus conceitos e pré-conceitos, o embate diuturno entre o capital e o humano, as iniquidades geradas por estes embates, o nexos causal da doença de trabalho, a exploração, a mais valia e com este curso comecei a engatinhar pelos caminhos da pesquisa, onde realizei minha primeira monografia.

Neste período temporal me casei e seis meses após o nascimento do primeiro filho, então em 1992, com 29 anos, fiz um aneurisma cerebral com pequeno sangramento que me acarretou perda da memória e esquecimento de muitas experiências vividas, não apresentei com

o episódio qualquer alteração motora. Este se apresentou como um divisor de águas na forma de viver a vida, uma vez que com a manutenção da rotina diária precisei reaprender algumas questões simples como operações matemáticas, desligar um aparelho eletrônico ou ler um texto. Também solicitei remoção do exercício profissional no hospital em virtude da jornada de trabalho e fui transferida para a atenção básica, onde continuei a estudar, trabalhar e conviver.

No início dos anos 2000, reabilitada do aneurisma, estava trabalhando na gestão municipal do Sistema Único de Saúde e com a Constituição Federal do Brasil dando corpo a um entendimento em que *a saúde é um direito de todos e dever do Estado* e que *o Sistema Único de Saúde-SUS tem o papel formador dos trabalhadores e trabalhadoras da saúde*, enquanto trabalhadora deste sistema, me foi ofertada uma quantidade expressiva de processos de formação.

Outras cinco especializações foram realizadas e monografias foram escritas, neste mundo-da-atenção-gestão chamado de *políticas do SUS*. Estas oportunidades me eram oferecidas e eu as acolhia, entendendo à época (e até bem pouco tempo) que havia uma diferença entre o sujeito e o objeto, que era possível realizar esta fotografia em separado, do sujeito e do objeto,

Lembro da Especialização em Gestão Estratégica do Serviço Público, onde me deparei com a responsabilidade de planejar as ações, conhecer os coletivos por meio da lente do gerir e escrevi minha segunda monografia que versava sobre *Os caminhos para a Saúde de Palhoça*, município em que eu trabalhava à época. Escrevi e imaginei cenários de saúde possíveis para aquela cidade, que me acolhia e me abrigava, mas também exigia de mim toda a resiliência. Deste momento de minha vida recebi o prêmio de melhor monografia do curso, fui também a oradora de turma e começava a se fortalecer em mim a vontade de continuar a estudar e a trazer o estudo para a prática e a prática ao estudo.

Continuando, estudei pela Universidade Federal de Santa Catarina o entendimento interprofissional ligado a Estratégia de Saúde da Família, a importância das diversas profissões da saúde e do trabalho coletivo e a mudança da forma de realizar o trabalho.

Com o SUS tomando o espaço na formação, na atenção e na organização do sistema de saúde no país, fui me encantando com a proposta, linhas de raciocínio foram sendo colocadas em prática, grupos de pensadores e cientistas saíram das universidades e construíram trilhas de conhecimento, autores foram sendo degustados, estudados, entendidos, jargões iam sendo destituídos e outros elaborados e dissecamos e problematizamos as práticas de saúde e da

gestão.

E eu no mundo ia desvelando e velando meus entes enfermeira, gestora, cuidadora, mulher, mãe, esposa, secretária, diretora, coordenadora, servidora, trabalhadora, pesquisadora, escritora, planejadora, professora, aluna, tutora...

As especializações de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde e de Apoio na Atenção Básica, a tutoria na Política de Humanização da Gestão e da Atenção no Sistema Único de Saúde e a Educação Permanente em Saúde em Movimento fortaleceram um certo gosto de contra hegemonia.

Enquanto todos e todas falavam do uno, do protocolo, do fechado, de planejamento normativo, da supremacia de grupos operativos, estas políticas para mim traziam um singular, um viver a vida de cada um, o acolhimento do individual, a escuta qualificada, o projeto terapêutico singular, a potência dos encontros, do contato e estes contra-argumentos me faziam sentido.

Neste meio tempo me dediquei ao mestrado em Epidemiologia pelo Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, onde busquei entender a associação entre indicadores de monitoramento, numéricos, com percentis e quartis e a Estratégia de Saúde da Família.

Minha dissertação me lembra um trabalho exaustivo, com a elaboração de um banco de dados detalhado de cada município catarinense e sua relação com os indicadores de Estratégia de Saúde da Família, uma infinidade de planilhas em *Excel*, cálculos matemáticos feitos por software buscando a correlação entre variáveis dependentes e independentes, tudo isto, num momento em que eu estava me aproximando do individual e do singular.

Os encontros e as vivências do cotidiano da enfermagem, da gestão, do cuidado e das políticas de saúde brasileiras, aliado à proximidade e contato com os enfermeiros docentes de enfermagem nas mais diversas instituições formadoras, me mantiveram em contato estreito com o aparelho formador e principalmente com a Universidade Federal de Santa Catarina.

Por cinco anos fiz parte do Núcleo de Pesquisa em Bioética em Saúde Coletiva da UFSC, o NUPEBISC, vivência que me desafiou continuamente a repensar, construir e desconstruir meu entendimento da vida. Entre tantas passagens marcantes, em uma delas, vívida em minha memória, está a pergunta que até hoje me acompanha, feita por uma das professoras do grupo.

Havia uma estratégia utilizada no NUPEBISC que consistia em assistir um filme e

realizar as reflexões bioéticas sobre este filme por meio de uma roda de conversa. Num dado filme, o personagem buscava a autorização jurídica para a eutanásia e para realizar seu desejo ele enfrentava a opinião contrária dos familiares, de amigos, dos representantes da igreja e do sistema jurídico de seu país, sendo que ao final do filme ele consegue realizar sua vontade. Lembro-me que em minha fala coloquei que eu pensava que o filme teria um final feliz, para mim o final feliz era diferente daquele que o filme trouxe. Uma das professoras do grupo olhou para mim e perguntou: - Final feliz para quem? Na hora percebi que o final feliz era para mim, não para o personagem. Muitas vezes refleti a partir daquele questionamento, tanto naquele momento quanto para outras passagens, percebi que existem finais felizes diferentes para pessoas diferentes.

As rodas de conversa, os espaços dialógicos, as trocas me fascinam. Ao longo desta trajetória participei da formação de servidores para o serviço público, de atores para o controle social, fiz palestras, proferi conferências, participei de eventos de saúde enquanto organizadora e palestrante, entre outras atividades participativas.

Tenho uma enorme facilidade de me comunicar e sou um ente privilegiado que consegue se expressar *pela fala e pelas mãos* com fluência. Esta característica aliada a formação em Epidemiologia me levou ao caminho da docência. Em 2011 quando recebi o convite e aceitei, me tornei professora na disciplina de epidemiologia de um curso de Graduação em Enfermagem.

A uma década venho me dedicando, numa mesma instituição a formar (e ser formada) pelo ser-estudante-de-enfermagem e novos enfermeiros e enfermeiras. Num currículo baseado em disciplinas, as que me dedico são as que conheci ao longo de minha caminhada e que as descrevi anteriormente. Sou encantada pelas políticas públicas, pela construção de redes de atenção, pelo planejamento das ações de saúde nos territórios.

Viver a docência me levou ao contato com o espaço/mundo da formação de nível superior e me apresentou ao ser-estudante-de enfermagem, este ente privilegiado, onde na pré-compreensão encontram-se minhas indagações. O ofício de ser docente se mostra a cada dia e esta tese é derivada deste ofício.

Pensar no ser-docente me remete aos sentimentos de carinho, angústia, tristeza, amizade, raiva, cansaço, gratidão, preocupação, realização, como também às palavras trabalho, companheirismo, alteridade, sinceridade, imaturidade, inovação, desafio. Para cada uma das palavras, existem vivências a serem relatadas.

Não poucas são as passagens que tenho guardadas em minha memória que quando lembro me fazem sorrir ou até mesmo encher meus olhos de lágrimas:

- Aquela conversa sobre a disciplina de Políticas de Saúde nas escadas da instituição, onde discorriamos sobre a angústia em relação ao ato da avaliação, ao estudo que foi realizado e que as questões não caíram na prova, sobre a necessidade de todos se dedicarem mais à leitura;

- Aquela troca de ideias no último dia de aula sobre quais as perspectivas para o próximo semestre, se teríamos ou não a possibilidade de disciplinas juntos na próxima fase;

- Os inúmeros convites, acompanhados de flores, cartões e chocolates, para ser paraninfa ou patrona das turmas que se formavam;

- Os discursos preparados com carinho e atenção, como sendo um dos últimos momentos a serem aproveitados para lembrar a existência autêntica que por vezes parece estar velada sempre;

- O sentimento de desolação quando o encontro tão demoradamente preparado, com textos encaminhados, plano de aula perfeito, não se mostrava atrativo e os rostos cansados fechavam os olhos e dormiam;

- As bancas de trabalho de conclusão de curso que quando terminada a tarefa acadêmica, nos agradecimentos, todos chorávamos num misto de agradecimento, dever cumprido, saudade e sentimento de perda;

- A angústia e o choro visualizados no rosto do ser-estudante-de-enfermagem ao se deparar num mesmo período com estágio, elaboração do trabalho de conclusão de curso, disciplinas, relações, cotidianidade e término da faculdade;

- As trocas de ideias acaloradas em sala de aula, onde ao rodar a palavra eram também trazidos os entes privilegiados em sua mundanidade, em sua existência autêntica ou inautêntica;

- O ser-estudante-de-enfermagem que ao ver findada a vida de seu animal de estimação, avisava aos prantos que não poderia realizar a prova final naquele dia, pois precisava acompanhar os restos mortais de seu querido de forma digna...

Cada experiência aqui relatada e outras tantas que poderiam ser aqui descritas me fazem ser-docente no mundo onde esta tese tem seu solo.

Outra faceta do mundo desvelava-se a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais-DCN dos cursos e mais profundamente nas da Enfermagem. Ao final do viver a graduação o ser-estudante-de-enfermagem precisaria ser-um-profissional crítico, reflexivo, humanista, com formação generalista tendo que prestar um cuidado integral a transdisciplinar, a escola e seu

Plano Político Pedagógico forneceriam as condições necessárias a esta formação.

Por onze anos meus entes professor, enfermeiro, planejador, servidor da saúde conviveram nos mundos do ensino e da gestão, sendo o que podemos chamar de dupla jornada de trabalho, foi quando no ano de 2017 decidi por solicitar minha aposentadoria da Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina, instituição que me deu as oportunidades de exercer ofícios.

Desta forma me dediquei à docência e iniciei minha trajetória nas entidades representativas da profissão, promessa que havia feito enquanto profissional *da ativa*, ou seja, defini que tão logo me aposentasse entraria para as entidades nas quais pudesse auxiliar no fortalecimento da profissão e das políticas de saúde.

Retirei outro projeto da gaveta, o de realizar o doutorado.

A algum tempo eu vinha participando das reuniões do Laboratório de Pesquisa e Tecnologia de Educação em Enfermagem e Saúde - EDEN da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

O EDEN enquanto grupo de pesquisa da educação em enfermagem tem como compromisso qualificar o ensino e o cuidado em enfermagem por meio da pesquisa, pesquisa esta que pode ser realizada com o discente, docente, comunidade e cidadão.

Os autores estudados pelo grupo, bem como as linhas de pesquisa fazem referência a formação e o saber docente e profissional e as práticas necessárias ao ser docente, a avaliação enquanto espaço de formação e a educação como emancipação, na saúde e na enfermagem, ou seja, a minha cotidianidade.

As reuniões me encantam, as pesquisas fazem meus olhos brilharem, eu me transporto em cada uma das pesquisas apresentadas e me vejo nelas, elas me fazem sentido.

Este grupo foi decisivo para a formação do questionamento, que por meio das reuniões e disciplinas oferecidas, provocam de forma repetida a reflexão sobre o ensino, a formação e a aprendizagem e constantemente me remetem àquele ser-estudante-de-enfermagem que verbalizava seu sofrimento com o trabalho de conclusão de curso.

Tendo a pré compreensão, o grupo pode me auxiliar a desenhar uma pesquisa que trouxesse a compreensão de como ocorre o processo de ensino-aprendizagem em outro *mundo*, que entendimento discente e docente que embasa este processo e por meio desta compreensão proporcionar espaços de reflexões e discussões nos mais diversos espaços de atuação, promovendo movimentos de mudança.

A enfermagem, a docência e os docentes, os seres-estudantes-de-enfermagem suas tarefas e seus mundos, me geram inúmeras perguntas que ficam sem resposta, e um projeto idealizado para responder a uma destas perguntas me levou ao doutorado.

Fui aprovada no processo de seleção no ano de 2018 com o projeto de pesquisa intitulado: *Entendimento dos alunos, orientadores e banca sobre a finalidade do trabalho de conclusão de curso em diferentes contextos educacionais*.

Eu queria entender a razão dos estudantes de enfermagem ficarem tão preocupados com o trabalho de conclusão de curso (TCC), uma vez que eles ao longo do curso vivenciavam a pesquisa, a escrita e não lhes era desconhecido o processo. À época para mim era uma relação de causa e efeito, conheço o objeto não sofro com o reconhecimento dele.

Hoje a tese se chama *O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso: O que é possível ver pela janela que se faz aberta*.

A mudança?

Penso que este caminho que percorri ser e sendo no tempo me levou a aceitar o desafio gentilmente oferecido pela Prof. Dra. Silvana Silveira Kempfer, orientadora nesta jornada (desorientadora como fala ela) e naquele momento eu soube, em aceitando, precisaria/buscaria me reinventar e aprender a aprender, uma vez que eu iria ter como percurso teórico e metodológico a fenomenologia hermenêutica heideggeriana, aceitei.

As disciplinas, as leituras, o aproximar-me de “Ser e Tempo”, o conhecer a filosofia, realizar disciplinas em outros programas, ler a buscar autores que não conhecia, mas que faziam todo o sentido para aquela vivência foram me surpreendendo e tornando o caminhar pesado e leve, certo e incerto, aberto e fechado...como uma janela...

Uma janela nos mostra aquilo que podemos perceber a partir do lugar onde estamos, cada vez que nos movimentamos para um lado ou outro, para frente e para trás ela (a janela) vê aspectos diferentes do que está no outro lado...o que lá está, será visto a partir do local que estamos, e podemos ver diferente aquilo que lá está...vamos vendo a partir do nosso ponto de visão...

Como também uma janela ainda faz a separação entre um lado e outro...

E com as janelas me acompanhando, um certo dia recebo uma imagem da janela da *Casa da Vargem dos Pinheiros*, no interior de Angelina, cidade próxima a Florianópolis- SC, que passou a ser a *minha janela* e a partir daquela imagem, busquei conhecer as janelas dos ser-estudante-de-enfermagem que eu iria conversar.

Eu entrevistei quatorze ser-estudante-de-enfermagem e soube de muitos aspectos relacionados a seus mundos, seus ofícios, suas vidas e suas janelas. As conversas foram prazerosas, tendo como *ofício* o trabalho de conclusão de curso, mas todas elas foram conversas do *mundo*.

Em tempos de COVID-19 a coleta de dados se deu de modo virtual, e realizar entrevistas fenomenológicas de modo virtual vai render uma boa conversa também.

Esta tese pretende então transformar em realidade o desafio apresentado e aceito. Sou a enfermeira de branco à beira da estrada, sou a gestora, sou a docente, sou a estudante, sou a planejadora, me apresentando e me escondendo, me velando e me desvelando e assim sendo buscando entender o fenômeno que o ser-estudante-de-enfermagem se mostra.

Até porque para Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (2015, p. 85) “o ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez mais meu”.

2 O QUE HÁ E O QUE SE DÁ NO MUNDO

“O primeiro passo consistiria, então, em elencar tudo o que se dá no mundo: casas, árvores, homens, montes, estrelas. Podemos retratar a “configuração” desses entes ou contar o que neles e com eles ocorre”.
(HEIDEGGER, 2015, p. 110).

Escrever uma tese fundamentada conceitualmente e metodologicamente na filosofia Heideggeriana foi um dos maiores desafios enfrentados por mim no *mundo acadêmico*.

Meu caminhar até então havia se dado por meio do planejamento normativo/estratégico, com mestrado em epidemiologia, na linha de pesquisa das desigualdades em saúde e estudar filosofia, a fenomenologia hermenêutica se apresentou como o caminho inédito, quem sabe para corroborar com o ineditismo que o programa de doutorado solicita.

Diante da trilha aceita, Heidegger me conduziu ao diálogo e a destruição com a tradição a qual fui formada e na radicalidade de seu pensamento que influenciou as novas gerações.

A destruição apresentada não se mostra como um sentido de negação da metafísica ou da história da ontologia, do saber estabelecido, mas como a desconstrução da metafísica da história da ontologia tradicional a partir da pergunta do sentido do ser. Ao propor esta nova ontologia nascida no solo da antiga tradição ontológica, que busca o sentido do ser e não a apresentação de entes, emerge a confrontação a qual denomina-se destruição.

Desta forma Casanova mostra a possibilidade desta destruição:

a possibilidade de colocar em questão o passado, de redescobrir nas palavras que foram se tornando opacas em meio ao uso irrefletido no mundo dos negócios acadêmicos um brilho originário e um novo poder de nomeação, de desvelar a articulação entre as diversas configurações do pensamento filosófico e seus mundos fáticos específicos (2015, p. 9).

Heidegger nos desafia com todo o seu empenho a conhecer novas terminologias e neologismos, as palavras são redescobertas e reescritas, apresentando um significado próprio, realizando a crítica à metafísica, dando voz a mais elementar, mais fundamental e radical das perguntas que consiste na questão do esquecimento do ser.

Para o filósofo é necessária uma “retomada explícita da questão do ser” pois apesar do progresso que se apresenta nos tempos vividos, a questão do ser caiu no esquecimento. Desta forma para o autor “(...) não sabemos o que diz ser. Mas já quando perguntamos o que é ser, mantemo-nos numa compreensão do é, sem que possamos fixar conceitualmente o que significa

este é” (HEIDEGGER, 2015, p. 41).

Trago esta provocação neste momento por ter sido levada a refletir que todo o ser é sempre o ser de um ente e quando interrogado, numa busca do ser, o que resulta é o próprio ente, lançado ao mundo. O ente privilegiado, o *Dasein* ou presença, na tradução de Marcia Sá Cavalcante, é trazido pelo filósofo, não como apenas um ente entre outros, mas com o privilégio de *estar em jogo* em seu próprio ser, o “privilégio ôntico que distingue a presença está em ela ser ontológica” (HEIDEGGER, 2015, p. 48).

Estas reflexões mostram-se importantes uma vez que iniciei este capítulo falando de *mundo* acadêmico e a palavra mundo para Heidegger merece especial detalhamento.

Em *Ser e Tempo*, o § 14 o filósofo apresenta a ideia da mundanidade do mundo em geral. Neste texto é desconstruída uma possível facilidade em apresentar o mundo enquanto unicamente ôntico ou ontológico e mesmo enquanto fenômeno, pois neste último conceito estaríamos nos referindo muito mais aos entes que se apresentam dentro do mundo, ou seja, como exemplo as casas, árvores, homens montes, estrelas, e não o fenômeno mundo, pois “fenômeno é o que se mostra enquanto ser e estrutura de ser” (HEIDEGGER, 2015, p. 110-114).

Desta forma para realizar uma revisão de literatura para *O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso: O que é possível ver pela janela que se faz aberta* este mundo acadêmico a qual me refiro neste capítulo, se apresentará mais com o olhar ôntico, onde teremos a totalidade dos entes que podem simplesmente se dar dentro do mundo.

Me desafiei neste capítulo a des-cobrir, em parte, a historiografia e a historicidade da educação em enfermagem na sociedade brasileira e nos cursos de graduação em enfermagem no país, refletir sobre a profissão enfermagem no Brasil e o que existe de escrito sobre o ser-estudante-de-enfermagem.

Comparando com o momento em que inicialmente me debrucei sobre a historiografia e historicidade de cada um destes entes, à época da qualificação no final do ano de 2019, percebo que estava me iniciando no descobrir a proposta radical na qual estava investida, se filosofar é ser iniciante e precisa sempre um constante retorno ao que levou a pensar, acredito estar trilhando o bom caminho (CASANOVA, 2015).

Ao longo do tempo em que construo a presente tese, a cada leitura e releitura dos textos escritos por outros pensadores e mesmo os meus próprios, em sendo ser e tempo, as palavras se mostram por vezes estranhas e não demonstram mais o sentido que pareciam ter tido, uma vez

que nada mais se mostra igual.

E nada mais se mostra igual também por um fenômeno que afetou a todos os entes neste início de Século XXI, conseqüentemente a mim, aos meus estudos, minha família, minha vida, a Pandemia da COVID-19, se apresentando como uma cruel pedagogia, denunciando a nossa inautenticidade na cotidianidade, nossa finitude, nossa condição de ser-para-a-morte, proporcionando-nos entender enquanto possibilidade, fazendo-nos pre-ocupar com os outros.

A COVID-19 se enrosca nas entranhas da vida e nesta vida o processo de tese, os encontros presenciais não são mais possíveis, as conversas, as orientações passam a ser intermediadas pela tecnologia e a experiência da entrevista fenomenológica precisa ser adaptada à necessidade do cuidado com o outro e do confinamento.

As janelas imaginadas desde o início da tese, pensadas como um grande símbolo desta caminhada, no tempo pandêmico de COVID-19, também precisam ser re-conhecidas no caminhar, no olhar, olhar este que, pela janela, também continua necessitando ser des-velado.

2.1 UMA JANELA ABERTA PARA OS ENTES

Uma janela é uma “abertura na parede, para deixar passar a luz e o ar, através da qual se pode ver o outro lado; fenestra, ventana” ou ainda “caixilho de madeira, ferro etc., com que se fecha esta abertura” ou então “abertura nos veículos, de forma variável, em geral com vidro, pelo qual os passageiros podem ver o exterior” (MICHAELIS, 2021).

Me imagino olhando por uma janela e nela, por meio dela enxergo o mundo-de-fora, porém o que me é permitido *ver pela janela que se faz aberta* é o que se mostra. Há muito mais do que se mostra do mundo-de-fora, porém o que enxergo é o que se mostra.

Ainda imaginando, no lugar em que me encontro, por detrás da janela, a cada movimento que faço com o corpo como um todo, para a esquerda ou para a direita, com minha cabeça para um lado e para outro, outras partes do mundo-de-fora me é mostrado ou se mostram e outras partes se escondem, o mesmo ocorre quando vou para frente e para trás, este velar-desvelar no-do mundo a partir de *meu mexer* se constituem em um *todo daquilo que é mostrado*.

Pela janela não é possível enxergar todo-o-mundo que há no mundo-de-fora e a cada movimento novas coisas se mostram e outras se velam... e se eu me imaginasse no mundo-de-fora muito mais eu poderia ver.

Se eu estivesse no mundo-de-fora eu poderia olhar para todos os lados, girar e olhar e

poderia conhecer tudo ou aquilo que se mostrasse a mim no mundo-de-fora. Veria então uma casa com uma janela e pensaria: se eu olhar pela janela daquela casa, o que eu veria no mundo-de-dentro?

Uma das constituições fundamentais do *Dasein* é ser-no-mundo e o fenômeno *mundo* pode ser entendido de diversas formas. Diante desta polissemia que a palavra apresenta, Heidegger, em seu modo de elaboração apresenta como “mundano” um caráter do *Dasein*, do ente privilegiado, o qual somos.

Um ente intramundano, em especial, que se apresentou ao longo da elaboração desta tese, a impregnando e sendo impregnado por ela, merece destaque: a pandemia da SARS-CoV-2, ou COVID-19. Este agravo se mostrou potente para despertar as mais diversas reflexões acerca das estruturas existenciais desta pesquisadora e dos ser-estudante-de-enfermagem enquanto ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte.

Para a Organização Panamericana de Saúde a:

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. (...) A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes. No entanto, qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente (OPAS, 2021).

Para Santos (2020) a pandemia de COVID-19 se mostrou uma cruel pedagogia. O mundo vive uma crise dentro de outra crise, uma vez que a pandemia vem ocupar um lugar já desgastado pelo capitalismo, pelo neoliberalismo e pelas injustiças sociais e se manter em crise aparece como uma agenda intencionalmente elaborada.

O que a sociedade tinha como sólido se desfez no ar, houve uma inversão dos costumes cotidianos impensável nos tempos pré-pandemia com um retorno ao particular, tendo como exemplo o estudo em casa, o trabalho em *home office*, a diminuição do consumo e das *necessárias* horas a serem dispendidas em centros comerciais.

O ser humano se viu frágil, e percebeu que para a situação apresentada a melhor forma de cuidar um do outro é não se contactando, sendo preciso mudar a forma de viver a vida, exercitar outros olhares, se despir de muitas certezas.

Corroborando com Santos (2020) a escritora e professora Marlene de Fáveri (FÁVERI, 2021, p. 119), por meio de crônicas publicadas semanalmente durante o ano primeiro da pandemia, mostra a lida do *Dasein* com o inédito, com a virulência nefasta, com o ser-para-a-

morte...“a pandemia está fazendo estragos na esfera do cotidiano e na orientação do calendário e do horizonte, o que era previsível virou do avesso” onde por meio de formas de viver a vida, os entes se mostram e se velam, lançados ao mundo virulento e violento.

Na educação bancária vimos as salas de aula fecharem, os encontros não serem mais possíveis, os professores não mais encontrarem os alunos, as avaliações precisaram ser repensadas, as plataformas virtuais se tornaram reais, as formaturas foram suspensas, as bibliotecas apagaram as luzes, os bares baixaram as portas, o pó se acumulou sobre computadores, data shows, mesas e cadeiras.

Fáveri (2021) apresentou ainda em suas crônicas uma outra face da história e historicidade do fenômeno Brasil, a gestão federal do país na pandemia, não somente em seu ente sanitário, mais do que isto...a desastrosa forma de gerir o país econômica-sócio-sanitariamente, por parte do gestor nacional que se esmerou em desagregar e desafiar a ciência, negar o cuidado, desqualificar o técnico, destruir o pouco anteriormente construído.

Caponi (2020) não diferente de Santos (2020) e Fáveri (2021) apresentou a pandemia a partir de um olhar, desnudando o Brasil e seus descaminhos como que adivinhando a tragédia que o país ainda iria viver. Seus escritos ainda no início de 2020, apresentavam um Brasil com vinte mil vidas finadas, findadas, que se trazemos Heidegger, não poderíamos a princípio nos abismar, pois somos seres para a morte. Porém o filósofo entende que as estruturas existenciais do *Dasein* também lançam as regiões ser-no-mundo e ser-para-o-outro e Caponi (2020) escreve questões que nos fazem pensar estas regiões.

Para a socióloga experienciamos em nosso país a não consideração à argumentos racionais e um negacionismo científico alimentado pelo atual governo no Brasil desde sua campanha eleitoral, refletida tristemente no enfrentamento à pandemia. O esquecimento proposital das populações vulneráveis e suas iniquidades levaram o país a uma crise bioética e de direitos humanos, tendo como alicerce as estratégias neoliberais, gerando um falso dilema entre “defender a vida” ou “defender a economia”.

A fenomenologia heideggeriana nos propõe vermos as coisas elas mesmas, retirar o velamento do fenômeno, mesmo não sendo o objeto desta tese, penso o quanto poderíamos buscar entender este país e os entes que aqui habitam por meio da lente da fenomenologia hermenêutica.

Tendo como preâmbulo a janela que se faz aberta num mundo pandêmico, apresento a revisão de literatura, olhando para alguma coisa do mundo-lá-fora do que se deixa mostrar, a

partir do lugar em que estou e sou, em um tempo cruelmente adoentado em que mais de nunca a pergunta originária sobre o esquecimento de ser apresenta-se.

Trago para esta revisão, em que no círculo hermenêutico dá corpo a minha pré-compreensão, os entes sociedade brasileira e a história da educação enfermagem, o curso de enfermagem, o trabalho de conclusão de curso e o ser-estudante-de-enfermagem. Enquanto ente lançado ao mundo, em sendo-no-mundo, a cada instante terei esta pré-compreensão ressignificada e longe de ser uma revisão acabada, sempre será uma revisão em elaboração.

2.2 UMA JANELA ABERTA PARA OS ENTES SOCIEDADE BRASILEIRA E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM

A historicidade da educação moderna em enfermagem no Brasil teve seu início no final do século XIX e meados de século XX no Rio de Janeiro. O trabalho-cuidado era exercido por meio do aprendizado em repetição, empírico, sem rigor científico, uma vez que a prioridade se dava em torno da higiene e conforto, trabalhos de limpeza e assistência ao doente. As instituições religiosas eram as responsáveis pelo ensino, numa lógica de caridade e misericórdia, não havendo programa formal de educação (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008; TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Em 1890 no Hospício Nacional de Alienados no Rio de Janeiro foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e no ano de 1901 em São Paulo, no Hospital Evangélico, instituído um curso destinado a capacitar pessoal para atendimento aos estrangeiros no país. No ano 1916 novamente no Rio de Janeiro, a Cruz Vermelha criou a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, buscando preparar voluntárias para atender as necessidades da II Guerra Mundial (TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Na segunda década do século XX, o Estado brasileiro vivia a implantação do serviço sanitário por meio da Lei Eloy Chaves com a necessidade de controle da febre amarela, cuidado com a manutenção da mão de obra cafeeira e agroindustrial, necessidade de saneamento dos portos e controle de endemias. Desta forma se abriu espaço para a qualificação da mão-de obra em enfermagem, pois se fazia premente atender as necessidades emergenciais (FERNANDES; SILVA; CALHAU, 2011; TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Demandas societárias com a necessária mobilização estatal, aliadas aos problemas advindos da Saúde Pública, levaram a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública e,

posteriormente, em 1923, este departamento instituiu a Escola de Enfermeiras. Criada a partir dos conceitos nightingalianos, essa escola passou a chamar-se Escola de Enfermeiras D. Ana Néri, sendo considerada a primeira escola de enfermagem moderna do país (TEIXEIRA *et al.*, 2006; FERNANDES *et al.*, 2013).

Para Medeiros, Tipple e Munari (2008, s/p):

A Enfermagem brasileira desenhada segundo os moldes do "Sistema Nightingale" foi trazida por enfermeiras norte-americanas com esta formação no início deste século, compreendendo desta forma como um ponto de partida no advento da Enfermagem moderna em nosso país.

No mundo, a primeira escola de enfermagem foi fundada por Florence Nightingale em 1860, no Hospital Saint Thomas em Londres, Inglaterra, contudo no Brasil a institucionalização do ensino da enfermagem passou a se concretizar somente a partir da modernização hospitalar e do desenvolvimento da indústria. “A institucionalização do ensino de enfermagem no Brasil, portanto, está contida num contexto que ganha suas amplas dimensões quando remetida aos problemas de organização e funcionamento da sociedade e do Estado” (TEIXEIRA *et al.*, 2006, p. 480).

A regulamentação legal do ensino da enfermagem ocorreu por meio da Lei 775/49, em que o Estado apresentou o aumento das escolas de enfermagem ainda atrelada às faculdades de medicina, na lógica hospitalocêntrica, regulamentando o ensino que atendia às necessidades do mercado, em uma “lógica de produção dos serviços de saúde” (FERNANDES *et al.*, 2013, p. 2; MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Seguindo a linha do tempo, em 1961 o estado publicou a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/61), onde se deu a abertura para a iniciativa privada pois “a educação passou a ser entendida como obrigação do poder público e livre para a iniciativa privada, favorecendo a intensificação da expansão quantitativa do ensino superior no país” (FERNANDES *et al.*, 2013, p. 2).

Em 1968 ocorreu a Reforma Universitária com o objetivo de modernização do ensino superior, formação de corpo docente, revisão dos currículos mínimos e ampliação do número de vagas. Esta reforma instituiu a qualificação de pessoal por meio da pós-graduação *stricto sensu*, pautado nas necessidades de mercado (FERNANDES *et al.*, 2013; TEIXEIRA *et al.*, 2006).

No que concerne à enfermagem, Teixeira *et al.* (2006, p. 480) apresentam a reforma universitária da seguinte forma:

Como integrante do aparelho universitário, o ensino de enfermagem seguiu as determinações da Reforma Universitária, que, em síntese, estavam dirigidas para a formação de maior número de profissionais e na reestruturação de um novo currículo mínimo, formalizado pelo Parecer nº 163/72 e Resolução 4/72 do, então, Conselho Federal de Educação. Um currículo voltado para o modelo biologicista, individualista e hospitalocêntrico, marcado por uma visão tecnicista da saúde, dificultando a compreensão dos determinantes sociais do processo saúde/doença.

Pautado no Plano Decenal de Saúde para as Américas, o Brasil viveu na década de 70 e 80 um incremento da necessidade de profissionais enfermeiros, com a abertura de novos cursos, na mesma lógica da reforma universitária estabelecida. No contexto socioeconômico, nos anos 90 evidenciou-se o fortalecimento da política neoliberal, o sucateamento do ensino universitário denunciado pelo corpo docente, servidores e discentes, bem como o aumento da exclusão social e da “primazia do econômico em detrimento do social” (FERNANDES *et al.*, 2013, p. 2).

Para Teixeira *et al.* (2006) numa sociedade de franca expansão neoliberal, a VIII Conferência Nacional de Saúde e a promulgação da Constituição Federal apresentavam um processo de luta contra hegemônica de atores sociais, objetivando a ampliação dos direitos sociais tão negligenciados.

Neste contexto sócio-político-cultural vivenciado à época, em 20 de dezembro de 1996 foi publicada a Lei 9.394, qual seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), mudando profundamente a educação superior no país. Em 2001 foi publicado ainda as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (FERNANDES *et al.*, 2013; TEIXEIRA *et al.*, 2006).

A partir da LDB, concretizou-se, em 7/8/2001, o Parecer 1133 do CNE/CES, que veio reforçar a necessidade da articulação entre Educação Superior e Saúde, objetivando a formação geral e específica dos egressos/profissionais, com ênfase na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde. Após esse Parecer, foi aprovada a Resolução CNE/CES Nº 03 de 7/11/2001, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (DCENF). (TEIXEIRA *et al.*, 2006, p. 480).

A expansão dos cursos de enfermagem no país se deu de forma acrítica, pouco planejada e com insuficiente análise das necessidades locais, privilegiando o mercado em detrimento das reais necessidades (ERDMANN; FERNANDES; TEIXEIRA, 2011; FERNANDES *et al.*, 2013; TEIXEIRA *et al.*, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Sabedores de que a educação em enfermagem está intrinsecamente relacionada a processos culturais e deles é resultante, tornou-se necessário o ajuste à evolução da sociedade,

uma vez que fazendo parte dos conjuntos sociais, a profissão precisa dar um retorno às necessidades tecnológicas e de inovação. O trabalho em enfermagem tem como objetivo último intervir na realidade que a cerca de forma cidadã (PEREIRA, 2013; ERDMANN; FERNANDES; TEIXEIRA, 2011; SEVERO; SIQUEIRA, 2013).

2.3 UMA JANELA ABERTA PARA O ENTE CURSO DE ENFERMAGEM

O processo educativo tem se apresentado como um grande objeto de estudo na enfermagem contemporânea, sendo necessário o entendimento autêntico deste processo.

Importante se faz refletir sobre qual a formação necessária para a enfermagem enquanto ciência do cuidado em um país como o Brasil, de dimensões continentais, coberto de desigualdades sociais, com problemas educacionais importantes e que constitui parte integrante de um macrojeto econômico globalizante.

Lino (2021, p. 11) apresenta que estudos têm sido realizados buscando entender as habilidades e competências necessárias aos profissionais da enfermagem, quando se considera as mais diversas demandas às quais estes profissionais estão afetos, entre elas, as “mercadológicas, políticas, econômicas, culturais e sociais de cada país”. Estes profissionais têm ainda a necessidade de superar a opressão, subordinação e estigma vividos enquanto categoria ao longo dos anos, buscando o fortalecimento da profissão.

Estas necessárias habilidades e competências, bem como a superação das fragilidades profissionais estão colocadas dentro de um mundo político social decorrente de construções e planejamentos supra nacionais que Antunes (2007) apresenta como “nova ordem educativa mundial”, ordem esta em que a educação é planejada e organizada em novos arranjos, por organizações transnacionais, internacionais e cosmopolitas que atuam, por meio de modelos e princípios globais numa educação também com esta particularidade.

Para Pereira (2018, p. 2) em decorrência do “processo de mundialização do capital, globalização da economia, transnacionalização do processo produtivo e de intervenções multilaterais em Estados-nação” há uma imposição de determinações e formas de pensar das nações hegemônicas em detrimento de outras menos imponentes, onde o modo de “produção capitalista intervêm diretamente na concepção de organização dos Estados-nação e nas políticas que deles são derivadas”, sendo que a educação está no cerne desta política.

Dando corpo a esta agenda, no Brasil estamos vivenciando nas últimas décadas e não

por acaso, a privatização dos serviços públicos então vistos como essenciais de forma que o estado passa a exercer um papel regulador e controlador do que anteriormente era sua responsabilidade prover. As instituições privadas passam a receber recursos públicos por meio de cooperação e prestam a assistência, levando ao enfraquecimento dos direitos e fortalecimento da regulação e mecanismos de controle decorrente da forma neoliberal de organizar as nações.

A formação necessária para a profissão enfermagem, tendo como solo esta macro agenda global, entrelaça-se ainda com as fragilidades nacionais, com problemas intrínsecos aos quais a profissão está submetida, dúvidas em relação a concretização da formação por competência, como também uma concepção tecnicista, fragmentada e individualizada do fazer e um enorme abismo entre “a formação teórico-prática e a práxis profissional” (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013, p. 98).

Num paralelo entre a história da educação em enfermagem e o curso de enfermagem, o ano de 1996 tornou-se extremamente importante para o ensino superior brasileiro. Se fazia aprovar a Lei n. ° 9.394/96, (BRASIL, 1996) conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), onde novas responsabilizações foram dadas às Instituições de Ensino Superior (IES). A partir da legislação citada, espaços se deram para a flexibilização dos currículos de graduação, os conceitos de currículo mínimo e grade curricular, autonomia didático científica passaram a ser repensados (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013).

Demonstrando a relação destas ações com a agenda global, Pereira (2018, p. 2-3) escreve que:

O Brasil insere-se na história da chamada cooperação internacional de suas políticas educacionais a partir da década de 1950, com os conhecidos “Acordos MEC- 3 Usaid”. Com destaque, um desses acordos originou a proposta de reforma universitária de 1968. Mais recentemente, os anos noventa são marcados por uma série de “acordos internacionais” embalados por uma concepção que vê a educação como um campo fértil de investimentos, trazendo para o centro dos debates educacionais a educação como um serviço e não mais como um direito.

Os organismos como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio (OMC), se mostram como os grandes apostadores da educação como um investimento para o crescimento econômico sendo este o pano de fundo para os caminhos que descrevo a seguir. A educação em enfermagem estava também dentro deste grande processo de visualização da educação como um produto a ser comercializado, sendo o mercado o regulador, a concorrência e o individualismo o “valor

moral radical” (PEREIRA, 2016, p. 18).

Dentro deste contexto, a LDB desencadeou discussões em todo o Brasil, protagonizada pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), onde foi se consolidando a articulação entre os diversos níveis de formação, buscando a necessária construção entre as áreas de saúde e de educação (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013; CHAVES, 2014).

Como fruto destas reflexões, no ano de 2001 foi aprovada as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Enfermagem - DCN/ENF, legisladas a partir da Resolução No. 3 de 7 de novembro de 2001, sendo a partir de então a base legal deste processo (BRASIL, 2001; FERNANDES; REBOUÇAS, 2013; SEVERO; SIQUEIRA, 2013).

As DCN/ENF composta por dezesseis artigos trouxe como sua função apresentar os:

princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de enfermeiros, estabelecidas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação em Enfermagem das Instituições do Sistema de Ensino Superior” (BRASIL, 2001, s.p).

Um dos pontos de destaque diz respeito ao perfil que as DCN/ENF apresentam para o enfermeiro. No perfil do egresso a legislação declara que os enfermeiros precisam ser profissionais éticos, críticos, reflexivos, humanistas, com conhecimento científico e intelectual. É preciso ainda que estes profissionais tenham a capacidade de intervir criticamente na realidade dos processos saúde-doença da população e realizem a leitura dos determinantes sociais dotados de senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania (BRASIL, 2001; COSTA *et al.*, 2017; FERNANDES; REBOUÇAS, 2013; FERNANDES *et al.*, 2013a; JESUS *et al.*, 2013).

Para Chaves (2014, p. 329) as DCN/ENF trouxeram à tona a reflexão necessária aos cursos de graduação em enfermagem no que tange a consideração das realidades locais com suas especificidades político-social-cultural, baseando o foco do aprendizado nos “três eixos orientadores: trabalho em equipe, apropriação do sistema de saúde vigente e integralidade da atenção”.

As DCN's apresentaram a formação da enfermagem definida a partir da fundamentação, dos princípios e das condições, trazendo para os projetos políticos pedagógicos dos cursos a responsabilidade também pelo desenvolvimento e avaliação desta formação. O enfermeiro é formado para atuar nos mais diversos cenários de prática, com competência e habilidade para um trabalho tanto no âmbito individual quanto coletivo, sempre procurando

sanar os problemas (COSTA *et al.*, 2017; FERNANDES; REBOUÇAS, 2013; FERNANDES *et al.*, 2013a; RODRIGUES *et al.*, 2013).

As DCN/ENF reforçaram a aderência da enfermagem no Sistema Único de Saúde, pois apresentaram como dever das instituições de ensino superior o entendimento do que este profissional crítico, reflexivo, precisa estar atento as demandas e características da sociedade para o qual é chamado a cuidar (FERNANDES *et al.*, 2013a; RODRIGUES *et al.*, 2013; CHAVES, 2014).

Diante desta nova realidade a enfermagem é chamada a ressignificar o processo ensino-aprendizagem, fazendo um pacto “ético-social”, aproximando a realidade do ensino, reaprendendo a ensinar e a prender, reconstruindo os modos de trabalhar os conteúdos, “implicando em um compromisso ético-social com a educação e com a saúde” (KLOH; LIMA; REIBNITZ, 2014, p. 485).

O artigo quatorze da DCN/ENF apresenta de forma didática os aspectos que o curso de enfermagem precisa assegurar, quais sejam,

- I - a articulação entre o ensino, pesquisa e extensão/assistência, garantindo um ensino crítico, reflexivo e criativo, que leve a construção do perfil almejado, estimulando a realização de experimentos e/ou de projetos de pesquisa; socializando o conhecimento produzido, levando em conta a evolução epistemológica dos modelos explicativos do processo saúde-doença;
- II - as atividades teóricas e práticas presentes desde o início do curso, permeando toda a formação do Enfermeiro, de forma integrada e interdisciplinar;
- III - a visão de educar para a cidadania e a participação plena na sociedade;
- IV - os princípios de autonomia institucional, de flexibilidade, integração estudo/trabalho e pluralidade no currículo;
- V - a implementação de metodologia no processo ensinar-aprender que estimule o aluno a refletir sobre a realidade social e aprenda a aprender
- VI - a definição de estratégias pedagógicas que articulem o saber; o saber fazer e o saber conviver, visando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer que constitui atributos indispensáveis à formação do Enfermeiro;
- VII - o estímulo às dinâmicas de trabalho em grupos, por favorecerem a discussão coletiva e as relações interpessoais;
- VIII - a valorização das dimensões éticas e humanísticas, desenvolvendo no aluno e no enfermeiro atitudes e valores orientados para a cidadania e para a solidariedade; e
- IX - a articulação da Graduação em Enfermagem com a Licenciatura em Enfermagem (BRASIL, 2001, s.p).

Duas décadas após a publicação das DCN/ENF, considerando o território vivo do Estado brasileiro, tornou-se possível realizar algumas análises acerca da formação e suas múltiplas nuances (FERNANDES *et al.*, 2013; TEIXEIRA *et al.*, 2013).

Teixeira *et al.* (2013) se debruçaram sobre o assunto e apresentaram particularidades o estado da arte da educação em enfermagem no Brasil. É possível observar que houve um

incremento importante no número de vagas para o curso de enfermagem ao longo do período, vagas presenciais e no ensino à distância, porém com uma insuficiência de qualidade.

Foi verificado também a privatização do ensino, a abertura indiscriminada de vagas sem consideração a necessidade locorregional, levando “a privatização do sistema, além da proliferação descontrolada de cursos e instituições cada vez mais distantes da ideia de universidade e de padrões mínimos de qualidade” (TEIXERA *et al.*, 2013, p. 108).

Para Fernandes *et al.* (2013, tela 7) a expansão do ensino superior, entre estes, dos cursos de graduação em enfermagem demonstrou que o país buscou se adequar às “exigências do mercado e pressões de grupos da sociedade civil, para abertura de novos cursos e oportunidades de acesso à educação superior”, deixando ao largo a formação qualificada, a necessidade dos territórios e a diminuição das iniquidades tão claramente observadas entre as regiões brasileiras.

Nesta linha de raciocínio, mesmo com as DCN/ENF sendo implementadas, os egressos dos cursos de enfermagem não se percebiam preparados para o cuidado. Estudos com egressos demonstraram a dificuldade para o desenvolvimento das competências durante a formação levando ao despreparo para o mundo do trabalho. Era necessária a qualificação da formação voltada à realidade para o enfrentamento da escassez de recursos materiais e humanos, para a inserção do novo profissional no mundo do trabalho, levando ao exercício ético da profissão, buscando a transformação da sociedade em que este profissional se insere (JESUS *et al.*, 2013; MEIRA; KURCGANT, 2013; RODRIGUES; CONTERNO; GUEDES, 2015; SOUZA E SOUZA *et al.*, 2014; SOUZA *et al.*, 2017; TREVISAN *et al.*, 2013).

Desta forma no ano de 2012 a Associação Brasileira de Enfermagem deflagrou o movimento “Em Tempos de Novas DCN’s” proporcionando a partir da construção coletiva com os diversos atores sociais envolvidos com a enfermagem, uma ampla discussão para a escrita de diretrizes que buscassem diminuir estas fragilidades (TEIXEIRA, 2017, p. iii).

Foram realizados fóruns ao longo de três anos entre 2015 e 2017, onde estratégias curriculares foram discutidas para dar corpo a formação em enfermagem interdisciplinar, engajadora, com o ensino e prática integrados, levando em consideração as necessidades de saúde da população. Por meio de atividades práticas correndo desde o início do curso de forma presencial, o documento construído minimizava as fragilidades vistas e referidas pelos docentes, discentes e comunidade (TEIXEIRA, 2017).

Um dos referenciais para a minuta foi o documento orientador elaborado pelo Grupo de Trabalho das DCN do Conselho Nacional de Saúde, que recomenda 12

pressupostos, princípios e diretrizes para a formação em saúde, a saber: defesa da vida e do SUS; atendimento às necessidades sociais de saúde; integralidade e redes de atenção à saúde; integração ensino-serviço-gestão-comunidade; formação para o trabalho interprofissional; projetos pedagógicos e componentes curriculares coerentes com as necessidades sociais de saúde; metodologias que privilegiem a participação dos estudantes no processo ensino aprendizagem; protagonismo estudantil; comunicação em saúde e tecnologias da informação e comunicação; avaliação não só de conteúdos com caráter formativo emancipatório; pesquisas e tecnologias de interesse dos serviços e comunidades; formação presencial. (TEIXEIRA, 2017, p. iv).

Para Adami e Teixeira (2018) mesmo com o desafio de se delimitar com precisão o termo qualidade, se fazia necessário realizar a reflexão sobre a qualidade da formação em enfermagem e a participação coletiva dos atores sociais para a construção de uma minuta com as novas diretrizes que confluíssem com este objetivo, e assim foi feito.

Uma minuta contendo as novas diretrizes, construída coletivamente por meio de participação efetiva de profissionais enfermeiros, docentes e convidados, foi encaminhada para análise aos setores competentes do Ministério da Educação e Ministério da Saúde.

O Conselho Nacional de Saúde (CNS) por meio da Resolução 573 de 31 de janeiro de 2018 devolve à sociedade as recomendações daquele conselho à minuta enviada, reforçando o SUS como o ordenador e formador dos recursos humanos para a área da saúde, bem como, oferecendo algumas questões de reflexão para a categoria (BRASIL, 2018).

Mesmo o CNS tendo dado seu parecer, durante os anos de 2018 a 2021 o Conselho Nacional de Educação (CNE) não enviou retorno aos órgãos de classe ou associativos da enfermagem em relação a minuta das DCN's.

Em abril de 2021 a Comissão de Revisão das DCN's do Curso de Enfermagem da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação enviou correspondência eletrônica para os órgãos associativos e de classe da enfermagem, contendo uma minuta de DCN's que em nada ou muito pouco representavam as construções realizadas no coletivo e entregues ao CNE em 2018.

A Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), publicou um manifesto onde entre outros órgãos signatários, rejeitaram e não reconheceram as diretrizes apresentadas. Como razões para o não aceite constam que as diretrizes não consideram o Sistema Único de Saúde como política nacional de saúde vigente, instituem a modalidade semipresencial para o ensino da enfermagem ainda sem os debates necessários, descaracteriza a centralidade da prática do profissional enfermeiro, desconsidera o papel educativo da prática de enfermagem além de não apresentar as necessárias reflexões sobre a licenciatura em enfermagem. Outras razões também

listadas no documento afirmam que aquelas DCN's não respondem aos anseios da categoria (ABEN, 2021).

Neste sentido o Conselho Nacional de Saúde por meio da Moção de Apoio 004 de 25 de maio de 2021, manifesta seu apoio à ABEN e aos órgãos signatários e apresenta as DCN's propostas como retrocessos na formação em enfermagem (BRASIL, 2021).

Quando damos um *corpo* ao cidadão que queremos formar, estão compondo esta proposição, entre outros aspectos, a visão que temos de mundo, a concepção de sociedade e o que entendemos por educação. Porém não podemos olhar o cenário da educação e legislação para a formação em enfermagem de forma ingênua, fundamental buscar entender quais são os caminhos pensados e traçados da macropolítica, em que cenário vivenciamos estas *novas* DCN's, qual a razão do não avanço de nossas pautas, como entender a enfermagem em um mundo globalizado, privatizante e de perda de direitos sociais.

2.4 UMA JANELA ABERTA PARA O ENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Descrevi anteriormente e reapresento neste espaço que, a educação integra o plano macroeconômico mundial e entre as formações existentes temos a de enfermagem.

Atualmente as atuais DCN's da Enfermagem são as datadas de 2001 e trazem em seu espaço de regulação a fundamentação fornecida pelo Projeto Pedagógico (PP) de curso:

O Curso de Graduação em Enfermagem deve ter um projeto pedagógico, construído coletivamente, centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem. Este projeto pedagógico deverá buscar a formação integral e adequada do estudante através de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência. (BRASIL, 2001, s/p).

Houve por parte das escolas/cursos de enfermagem, uma busca, apropriação e elaboração dos PP a fim de implantarem um processo ensino-aprendizagem inovador, que utilizasse metodologias ativas, implementando o estágio curricular obrigatório e a integração ensino-serviço, fortalecendo a relação teoria-prática (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013; RODRIGUES *et al.*, 2013).

Um projeto pedagógico da enfermagem precisa ser elaborado “voltado para o SUS, a Ética, a Cidadania, a Epidemiologia e o Processo Saúde/Doença/Cuidado” (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013, p. 100).

Em relação ao Projeto Pedagógico a Resolução No. 3 apresenta que, em conjunto com

as diretrizes curriculares, ocorre a orientação para a formação do enfermeiro. Este projeto pedagógico precisa orientar o currículo para o perfil acadêmico e profissional embasado nas necessidades da sociedade, precisando existir uma relação visceral entre o currículo do curso de graduação e o PP.

O currículo tem importante contribuição para a “compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural” (BRASIL, 2001, p. 5). Podemos entender por currículo “um campo permeado de ideologia, cultura e relações de poder”, onde se entrecruza o poder e o saber, a partir das culturas e ideologias (JESUS, 2019).

Diante disto, o currículo do Curso de Graduação em Enfermagem precisa conter “aspectos complementares de perfil, habilidades, competências e conteúdo, de forma a considerar a inserção institucional do curso, a flexibilidade individual de estudos e os requerimentos” a partir das necessidades locais (BRASIL, 2001, p. 5).

Um aspecto particularmente desafiador que as DCN/ENF apresentam, para dar conta deste currículo desafiador, que busca desenvolver um profissional multifacetado e pronto para o cuidado, diz respeito ao trabalho de conclusão de curso. O artigo doze apresenta que “para conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem, o aluno deverá elaborar um trabalho sob orientação docente” (BRASIL, 2001, p. 5).

Logo após a publicação da DCN/ENF, Saube, Wendhausen e Machado (2004) apresentam algumas conjecturas em relação ao trabalho de conclusão de curso (TCC). As autoras ofereceram um modelo de “implantação ou revitalização” do trabalho, atentas as necessidades da formação do corpo docente e discente para a operacionalização do TCC. Reforçaram a importância do ato de pesquisar para a profissão, bem como, a necessária relação entre o pesquisar e o fazer.

O trabalho de conclusão de curso apresenta para o aluno a pesquisa como uma ferramenta para o enfrentamento dos problemas, refletindo sobre a dicotomia teoria-prática, profissionalizando o fazer da enfermagem, imprimindo a necessidade da contínua aprendizagem de docentes e alunos (HEYDEN; RESCK; GRADIM, 2003; SAUPE; WENDHAUSEN; MACHADO, 2004; CAMILO *et al.*, 2015; DURANTE; RIBEIRO; ROCHA, 2019).

A partir das DCN/ENF as escolas estruturam seus Projetos Pedagógicos e organizam de forma particular as disciplinas, o planejamento, elaboração, temática do TCC, a relação

entre docente e discente, as áreas que precisam ser pesquisadas, sempre buscando qualificar o cuidado em enfermagem (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2015; FACULDADE DE SANTA CATARINA, 2017; HEYDEN; RESCK; GRADIM, 2003; SAUPE; WENDHAUSEN; MACHADO, 2004; CAMILO *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2009).

O TCC se materializa na responsabilidade da graduação em apresentar o mundo da pesquisa para o discente, pesquisa esta que embasada na metodologia científica leva aos caminhos da detecção, do conhecimento, da resolução de situações com proposição de atitudes que modifiquem a realidade. Neste momento o discente pode utilizar sua criatividade, é estimulado a refletir e questionar, desta forma se apresenta como um desafio, como a graduação também o é (SILVA *et al.*, 2009; LIMA *et al.*, 2017; HEYDEN; RESCK; GRADIM, 2003; CAMILO *et al.*, 2015).

As escolas, por meio de seus PP, tem idealizado a implementação das DCN/ENF e buscando aperfeiçoar a elaboração do TCC. Porém Saupe, Wendhausen e Machado (2004, p. 114) apresentam a necessária minimização do sofrimento por ocasião da realização do TCC, “sem a pretensão de considerar que a proposta deste modelo vai suprimir *o sofrimento* (grifo nosso), acreditamos que poderá minimizá-lo na medida em que representa uma organização de suporte ao aluno e ao orientador”. O sofrimento por parte do discente em realizar o trabalho de conclusão de curso se materializa nas palavras das autoras.

Este sofrimento a que as autoras se referem e que desde sempre pré-compreendi no ser-estudante-de-enfermagem em sendo ser-docente, me levou a buscar entender um ser-que-sofre em virtude do ente trabalho de conclusão de curso, e por meio desta pesquisa fenomenológica hermenêutica tento compreender e interpretar.

2.5 UMA JANELA ABERTA PARA O SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM

Ao iniciar esta tese, onde me foi apresentado o referencial teórico e metodológico de Heidegger, ainda entendia o estudante enquanto participante de pesquisa e o trabalho de conclusão de curso enquanto objeto a ser estudado. Em vivendo e sendo, percebi o quanto para mim a historicidade ainda se mantinha encoberta pela tradição, tradição que retira a capacidade do *Dasein* de questionar, de se guiar e escolher por si mesmo.

No caminho da busca pelo ser, apresento o ser-estudante-de-enfermagem, em que o uso do hífen demonstra a indiferenciação entre o sujeito e o objeto, mostrando que não estamos

separados do mundo e sim lançados. Por meio da busca em textos trago alguns dos escritos sobre o ser-estudante-de-enfermagem a partir da janela que abri.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), anteriormente referida, nos capítulos que versam sobre a educação profissional e o ensino superior, o ser-estudante-de-enfermagem se apresenta nas palavras aluno, *estudante e discente*.

Realizei um pinçamento dos parágrafos onde estes termos, quais sejam, aluno, estudante e discente se apresentam e obtive que ao *aluno* é dada a possibilidade de matrícula para a educação profissional, podendo ser este *aluno* trabalhador, adulto ou jovem. A legislação obriga a frequência *de alunos* às aulas presenciais e há possibilidade de transferência para cursos afins por parte de instituições de educação superior de *alunos* regulares e o acesso de *alunos* não regulares desde que passem por processos seletivos específicos.

Em relação ao termo *discente* é facultado seu aproveitamento em tarefas de ensino e pesquisa, por meio de monitoria. Em relação ao termo *estudante* encontro que “as instituições de educação superior credenciadas como universidades, ao deliberar sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, levarão em conta os efeitos desses critérios sobre a orientação do ensino médio, articulando-se com os órgãos normativos dos sistemas de ensino”. (BRASIL, 1996, s/p).

Em relação às Diretrizes Curriculares Nacionais da Enfermagem (BRASIL, 2001) repeti o exercício, buscando quais as partes do texto que apresentavam as palavras *aluno, estudante e discente*.

Não há a apresentação da palavra *discente* e quanto ao *aluno* a DCN/ENF redige que o fazer profissional é promovido pelo conjunto de conteúdos, habilidades e competências adquiridas pelo *aluno*, que esta precisa realizar um estágio curricular supervisionado, bem como, um trabalho sob orientação docente. Este *aluno* após egresso do ensino precisa ser crítico, reflexivo, solidário, ético, conhecedor da realidade social e ser capaz de intervir para sua mudança da realidade social no qual está envolto (BRASIL, 2001).

As DCN/ENF imprimem que a construção coletiva do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem demonstra-se:

centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem. Este projeto pedagógico deverá buscar a formação integral e adequada do estudante através de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência. (BRASIL, 2001, p.5).

A centralidade do *aluno* como sujeito de aprendizagem e a articulação necessária ao

estudante introduz o termo *estudante* ao texto, onde ainda aparece mais uma única vez quando grafa que esta precisa adquirir conhecimento por meio de atividades complementares, estudos e práticas independentes e “monitorias e estágios; programas de iniciação científica; programas de extensão; estudos complementares e cursos realizados em outras áreas afins” (BRASIL, 2001, p. 5).

A partir da existência deste aluno, discente e estudante apresentado nas legislações, nesta tese entendidos como ser-estudante-de-enfermagem, alguns textos buscam demonstrar suas características, perfil de gênero e socioeconômico, seus estressores e fatores que influenciam sua qualidade de vida, sua satisfação em relação ao curso entre outros aspectos.

Concernente ao gênero o ser-estudante-de-enfermagem é predominantemente feminino, maior representação na faixa etária de 19 a 23 anos, sendo 88% autodeclarado de cor de pele branca e em relação ao estado civil são solteiros, casados, acompanhados e separados. O estado civil possui uma variação quando comparado às faixas etárias, demonstrando um maior percentual de estudantes solteiros na faixa etária de 19 a 23 anos e casados de 24 a 34 anos. A grande maioria dos estudantes colocou que a enfermagem foi sua primeira escolha enquanto curso de graduação (SILVA; SAMPAIO; SANTOS, 2017; ALMEIDA *et al.*, 2018; BUBLITZ *et al.*, 2016; MOURA *et al.*, 2016; PEREIRA; PINHO; CORTES, 2016; HIRSCH *et al.*, 2015).

Importante ressaltar que ainda em relação a este perfil, um estudo em universidade da região nordeste do Brasil apresenta as mesmas características sócio econômicas de seus estudantes com exceção da cor de pele auto referida, onde a grande maioria se apresenta como de cor de pele parda e preta demonstrando as características diferentes das diversas regiões do país (PIRES *et al.*, 2013).

Na busca de conhecimento em relação ao ser-estudante-de-enfermagem um aspecto que denota atenção se refere ao estresse. Estresse ou estressores refere-se a demandas de cunho interno ou por parte do ambiente externo, que ultrapassa a capacidade individual disponível de uma pessoa superar uma determinada situação. Diz respeito as relações entre o ambiente e a pessoa e do sentido que esta atribui ao evento (ALMEIDA *et al.*, 2018; BUBLITZ *et al.*, 2016).

O ser-estudante-de-enfermagem está afeto a uma gama de fatores que geram estresse durante seu período de graduação, sendo apresentadas em dois eixos, sendo eles, os relacionados às atividades desenvolvidas no curso e os relacionados à Instituição de Ensino Superior. No primeiro eixo, o trabalho de conclusão de curso aparece como um fator estressor.

conciliar as atividades acadêmicas com a vida pessoal. O fato de estar se aproximando do final do curso, junto à sobrecarga de entrega dos portfólios, Trabalho de Conclusão do Curso, atividades extracurriculares, projetos e monitorias (E6). Muitas sínteses, projeto de extensão e pesquisa, ou seja, muitas atividades (E52). O trabalho de conclusão de curso, que é sempre preocupante em qualquer curso, sobretudo quando já nos encontramos com um certo desgaste físico e emocional que é no final do curso (E127). O desafio de tentar conciliar provas, trabalhos, estágio e a excessiva carga horária em algumas disciplinas com o Trabalho de Conclusão do Curso e o estágio curricular (E214) (COSTA *et al.*, 2018, p. 5).

São relatados também como desencadeadores de estresse os aspectos relativos infraestrutura, os estágios, a organização pedagógica do curso e os professores (COSTA *et al.*, 2018; FERNANDES PEREIRA *et al.*, 2014).

Estudos que analisaram o estresse, associando com as características sociodemográficas e acadêmicas demonstraram que o ser-estudante-de-enfermagem tem nível médio e alto de estresse, sendo mais prevalente nas escolas privadas. Por ser um momento em que este ser-aprendiz é jovem, coberto de incertezas, com decisões importantes a serem tomadas, pode-se dizer que a formação acadêmica é uma fonte geradora de estresse (BUBLITZ *et al.*, 2016).

Para Almeida *et al* (2018) possui relevância o apoio social fornecido pela família ao ser-estudante-de-enfermagem, sendo que a escola e os professores poderiam ter um maior protagonismo neste apoio, uma vez que podem auxiliar em relação à insegurança na transição do papel de estudantes para o de profissional. Desta forma

A criação de espaços mais acolhedores no ambiente acadêmico bem como estratégias para melhorar a transição da etapa de estudante para a de profissional são importantes recomendações para incrementar os modos de enfrentamento e adaptação destes estudantes às situações estressoras e certamente contribuirão para desfechos positivos em relação ao bem-estar emocional, desempenho acadêmico e futuro exercício profissional (ALMEIDA *et al.*, 2018, p. 6).

Este auxílio também é sugerido por Tomaschewski-Barlem *et al.* (2013, p. 761), a partir das falas do ser-estudante-de-enfermagem. As situações experienciadas pelos estudantes, como por exemplo, a carga horária elevada das disciplinas, a dicotomia entre a teoria e a prática, o excesso de atividades, os processos de avaliação por parte dos professores e a “falta de acolhimento durante as atividades práticas e estágios por parte das diferentes equipes de saúde, contato frequente com situações de sofrimento” podem levar a necessidade de cuidado diferenciado.

A qualidade de vida consiste em outro aspecto bastante investigado no que diz respeito ao ser-estudante-de-enfermagem. A expressão qualidade de vida foi apresentada pela primeira

vez em 1964 pelo então presidente dos Estados Unidos da América, Lyndon Johnson e desde então vem sendo conceituada das mais diversas formas, podendo ser entendida como o acesso a bens e poder de compra até entendimento de posição na vida em relação ao seu próprio viver (ASSIS *et al.*, 2014; BAMPI *et al.*, 2013; MOURA *et al.*, 2016; PEREIRA; PINHO; CORTES, 2016).

Na mesma linha de entendimento do estresse é possível identificar que este ser-estudante-de-enfermagem não se percebe como vivendo uma boa qualidade de vida. É atribuído ao excesso de horas do curso, a quantidade de atividades acadêmicas, a alimentação irregular, a falta de sono, a insatisfação no/do estudo, a pressão do futuro, o sedentarismo como fatores que diminuem a qualidade de vida na graduação, levando a problemas de saúde e dificuldades no processo de ensino aprendizagem (BAMPI *et al.*, 2013; MOURA *et al.*, 2016; PEREIRA; PINHO; CORTES, 2016; LIMA *et al.*, 2013).

Mesmo considerando os múltiplos cenários vivenciados no país em relação ao processo ensino-aprendizagem da graduação em enfermagem, cenários estes diversos e singulares, as pesquisas trazem o ser-estudante-de-enfermagem imersos nestes modos de viver.

Considerando estas particularidades, Lima *et al.* (2013) e Hirsch *et al.* (2015) apresentam vivências neste processo de graduação em enfermagem que trazem a satisfação pessoal. A satisfação pessoal está associada ao currículo da enfermagem e sua forma de ensino, onde a formação docente a didática apropriada e o uso de metodologias adequadas, a turma de colegas, o aprendizado e as amizades.

Como satisfação pessoal podemos entender a “harmonia entre os diferentes domínios que compõem a vida universitária, as relações afetivas e interpessoais, os recursos ambientais disponíveis, as expectativas de resultado ligada à satisfação de vida pessoal e profissional” (HIRSCH *et al.*, 2015, p. 570).

Este ser-estudante-de-enfermagem que conhecemos por meio do olhar da tradição, maioritariamente feminino, adulto jovem, com medo da profissão que se aproxima, em dúvida e estressado em seu processo de ensino aprendizagem, em busca de qualidade de vida e de satisfação pessoal, torna-se o egresso do curso.

Este egresso que precisa ser crítico, ético, transformador de sua realidade, profissional, técnico, preparado para o mercado de trabalho, traz dentro dele as vivências da graduação.

Desta forma estamos...

Retorno neste momento a analogia da janela e de quem olha por ela a partir do lugar

em que se encontra. As diretrizes da enfermagem analisadas desta forma se dão a partir do ente privilegiado- o *Dasein* lançado ao mundo- que sou eu, penso que outro ente ao vivenciar este fenômeno, o traria de outra forma a partir de seu ente, de seu ser-no-mundo.

Esta divisão que apresento nos diversos olhares pelas diversas janelas, quais sejam, uma janela aberta para a sociedade brasileira e a educação em enfermagem, uma janela aberta para o curso de enfermagem, uma janela aberta para o trabalho de conclusão de curso e uma janela aberta para o ser estudante de enfermagem, mostram-se como uma continuidade e se mesclam, mostrando uma pré-interpretação que trago das coisas. Tenho a clareza que, trazendo o pensamento heideggeriano, demonstro com este capítulo uma certa ingenuidade quando fixo a realidade dentro de conceitos e categorias.

3 O QUE MOSTRA A NOVA JANELA

“O nível de uma ciência determina-se pela sua *capacidade* de sofrer uma crise em seus conceitos fundamentais”.
(HEIDEGGER, 2015, p. 45)

Nesta pesquisa vivenciei o referencial teórico da fenomenologia hermenêutica fundamentada em Martin Heidegger. O verbo vivenciar não está escrito ao acaso, não há como realizar uma pesquisa em fenomenologia hermenêutica sem vivenciá-la, sem transformar e ser transformada, pois compreendo que a existência se instala na linguagem “é por isso que a linguagem é particularmente a casa do ser e a habitação do ser humano” (HEIDEGGER, 2010, p. 81).

Martin Heidegger foi um filósofo alemão, que por meio de seus escritos interrogou as *verdades* que a ciência moderna nos apresenta.

Descortina-se a janela temporal do século XX, na Alemanha, onde o filósofo se destaca como ícone e apresenta a dimensão hermenêutica para a fenomenologia estudada e defendida por seu mestre Edmund Husserl.

A fenomenologia descritiva tem em Husserl seu primeiro pensador, realizando o estudo descrevendo “as coisas” como as pessoas as vivenciam por meio da pergunta “o que sabemos das pessoas?” Por meio do “ouvir, ver, acreditar, sentir, lembrar e decidir”, são realizados os passos de “suspender, intuir, analisar e descrever”. (POLIT; BECK, 2019, p. 185). A fenomenologia interpretativa ou hermenêutica nos é apresentado por Martin Heidegger. Esta forma de ver o fenômeno vai para além da descrição deste, pois entende que a interpretação e compreensão também fazem parte dele.

Ele acreditava que a experiência vivida é inerente um processo interpretativo e argumentou que a **hermenêutica** (“compreensão”) é uma característica básica da existência humana (o termo hermenêutica refere-se à arte e à filosofia da interpretação do significado de um objeto, como um *texto* ou obra de arte.) Os objetivos da pesquisa fenomenológica interpretativa são entrar em um mundo e descobrir as compreensões encontradas ali. (POLIT; BECK, 2019, p. 186).

Para Martin Heidegger a fenomenologia possibilita um caminhar para o ser, pois pretende conhecer como a pessoa humana “*Dasein*”, traduzido como ser-aí encontra-se vivendo alguma situação ou significando sua relação com o mundo, a partir do mundo. O mundo onde o ser-aí mora e habita se apresenta anterior ao mundo topográfico e espacial, e ser-no-mundo se apresenta como uma totalidade articulada e imbricada, embasada num mundo compartilhado

com os outros.

Fenômeno, expressão grega, significa mostrar-se e por isso é o que se mostra, se revela, podendo ser o meio em que alguma coisa pode vir a revelar-se em si mesma. Para Heidegger (2015, p. 67) “deve-se manter, portanto, como significado da expressão “*fenômeno*” o que se revela, *o que se mostra a si mesmo*”. A possibilidade de evidenciar o fenômeno em si mesmo, indo além do “olhar habitual” trazendo a experiência individual, própria, com o entendimento que este fenômeno se mantém velado mesmo frente ao que se mostra, porém se mostra. Ainda:

O que ocorre é a possibilidade de algo que pode tornar-se fenômeno encobrir-se a ponto de o ser chegar ao esquecimento. É a possibilidade do esquecimento por conta do velamento do fenômeno que se tornou objeto da fenomenologia, aproximando, em seu conteúdo, o que exige tornar-se fenômeno. A partir dos escritos de Heidegger, pode-se compreender que o fenômeno é o que se mostra e o como se mostra (GONZALEZ *et al.*, 2012, p. 809).

A fenomenologia é sempre um perguntar a partir de um ente que se mostra, não encontraremos a resposta atrás do fenômeno, mas no mesmo fenômeno, iremos buscar o oculto naquilo que está aparente, uma vez que o que permanece encoberto é o ser do ente e não outro ente, e ao ser nos é pedido para fazer a pergunta.

Para Martins e Bicudo (2006, p. 16) a fenomenologia pode ser vista como uma “postura mantida por aquele que interroga” onde o fenômeno é entendido no seu manifestar, não se deixando *contaminar* por ideias ou conceitos prévios, é preciso ver o fenômeno a partir do que se mostra, buscando ir-à-coisa-mesma, “não como objeto concreto fenomenal que está-aí-diante-dos-olhos, mas como a maneira de esse fenomenal se dar à experiência de *ver* do inquiridor”.

O sentido do ser é uma pergunta fundamental, porém outros elementos fazem parte da pergunta que é feita a um ente. É necessário descobrir o que é uma pergunta, *perguntar para a pergunta*, tendo o *perguntante*, que é aquele que pergunta, quem pergunta. Outro elemento consiste no *perguntável* que é o ente que se utiliza para perguntar algo, *o perguntando* é o aquilo do que se pergunta e o *perguntado* é o que se pergunta (HEIDEGGER, 2015, p. 40).

Para Heidegger filosofar é ser principiante, mesmo que este principiante venha refletir não princípio enquanto começo, mas que represente a disposição de filosofar, fazendo renascer o entendimento da filosofia. Esta disposição radical irá se mostrar como um fenômeno único na filosofia e influenciar pensadores e cientistas do Século XX como a “filosofia política de Hannah Arendt, de Hans-Georg Gadamer, Jacques Derrida” bem como gerar oposições como “Theodor Adorno e Rudolf Carnap” (CASANOVA, 2015; SAFRANSKI, 2005).

Quem é Martin Heidegger e qual a pergunta fundamental que faz para *Ser e/no/em Tempo?*

Martin Heidegger nasceu em 26 de setembro de 1889 em Messkirch, uma das cidades do estado alemão de Baden-Württemberg, no sudoeste do país. Vindo de uma família considerada à época de classe média baixa, viviam uma vida simples e pacata na cidade de característica rural. A mãe de Heidegger chamava-se Johanna Kempf Heidegger e seus irmãos Fritz e Mariele, e o pai Friedrich Heidegger, exercia a função de zelador de objetos sacros e sacristão da Igreja na cidade natal, sendo o jovem Martin Heidegger o companheiro do pai nos ofícios ligados ao sagrado.

Na sua adolescência, mesmo a Alemanha sendo considerada uma grande e desenvolvida nação europeia, eram necessários recursos financeiros de grande monta para que as famílias menos abastadas tivessem acesso aos estudos para seus filhos. Em virtude de sua intimidade com os rituais da igreja, sua dedicação à tarefa e o consequente conhecimento dos representantes desta em sua região, o menino declara e assume a vontade de ser padre e começa a ter seus estudos patrocinados por bolsas ligadas a entidade católica.

Desta forma realizou seus estudos ginasiais em Constança, cidade da região administrativa de Friburgo, como bolsista, patrocinado pela igreja vivendo em um pensionato chamado Konradhaus. Com 20 anos, então no noviciado com os Padres Jesuítas em Vorarlberg na Áustria, adoeceu e precisou retornar para casa por diagnóstico de problemas cardíacos, fato que Safranski (2005, p. 41) escreve “talvez naquela ocasião o coração se rebelasse contra os planos da cabeça”.

Heidegger sempre se mostrou com uma compreensão diferenciada e profunda da filosofia e para continuar seus estudos necessitava de auxílio financeiro uma vez que não era mais aceito junto aos Jesuítas após sua doença. Para manter uma bolsa de estudos, se inscreveu no seminário teológico de Freiburg e iniciou seus estudos para teologia.

A Alemanha ainda um reinado, era vista como um grande centro de ideias, um espaço intelectual importante da Europa, porém vivendo os primórdios do que levará a mudança deste cenário. Neste período as ciências naturais se sobrepõem a filosofia, os intelectuais apresentam o domínio da natureza pela técnica, se exacerba a dicotomia entre o modernismo e o antimodernismo levando a batalhas filosóficas, onde Heidegger segue seu mestre Carl Braig, um sacerdote católico antimodernista. Neste tempo de mudanças conceituais, o jovem inicia suas aparições como pensador e filósofo, ainda que de forma insegura.

Para Safransky (2005, p. 49):

Este candidato a teólogo sustentado pela igreja parece bastante desajeitado no meio burguês do liceu e da universidade. Sempre será inseguro quando atuar em território não-filosófico. O “cheiro de gente pequena” gruda-se nele. E será sempre assim. Ainda nos anos 20 em Marburg, já secretamente rei da filosofia na Alemanha, muitos colegas e universitários que não o conhecem o confundem com o técnico da calefação ou o zelador da casa.

Aos 24 anos, em 1913, defendeu sua tese intitulada *A doutrina do Juízo no Psicologismo*, após ter estudado filosofia em Freiburg e encerrado seus estudos para o sacerdócio, uma vez que as contradições que vai encontrando na doutrina a medida em que se aprofunda na filosofia levam a esta ruptura.

A sua crise com os preceitos cristãos e fim do filosofar católico enquanto aspirante a sacerdote se dá quando, por meio de indagação e reflexão, não consegue encontrar um lugar para colocar Deus, quando entende que “sentido e importância só surgem no homem e sua história” por meio de estudos de Dilthey (SAFRANSKY, 2005, p. 185).

Nesta época como contato acadêmico com grandes mestres mantinha relação estreita com Carl Braig e iniciava seus estudos com Edmund Russerl onde demonstra uma força de vontade e um conhecimento que o vai colocando no mundo da filosofia e principalmente na fenomenologia.

Em 1914, inicia a Primeira Guerra Mundial e neste período o jovem acadêmico detém a livre docência na Universidade de Freiburg com a dissertação *A doutrina de Duns Scotus das Categorias e dos Significados*. Aos 26 anos, após alistamento, foi dispensado do serviço militar “Heidegger é recrutado (...), mas seu problema cardíaco faz com que apenas seja registrado como parcialmente capaz e dispensado” (SAFRANSKI, 2005, p. 85).

Com 28 anos, em 1917, casou-se com Elfride Petri, uma jovem protestante, emancipada, filha de oficial saxônico do norte do país. Sobre o casamento Safranski escreveu

não houve uma grande festa de casamento. Os pais não estão presentes. Casamento de tempos de guerra, sem órgão, vestido de noiva, tiara e véu, carruagem e cavalos, jantar festivo nem convidados, com as bênçãos dos pais de ambos, por carta, mas sem sua presença (2005, p. 101).

A primeira guerra mundial acontecia, os jovens alemães lutavam e morriam, porém, alguns filósofos incluindo Heidegger, mantinham seu filosofar *apesar* da guerra e da história, não se manifestando no campo da política, e por vezes sendo alheios aos horrores que o momento proporcionava.

Enquanto era assistente de Husserl em Freiburg, nasceram seus dois filhos, e aos 34

anos iniciou como professor em Marburg, mudou-se para seu chalé em Todtnauberg e iniciou a escrita de *Ser e Tempo*, que seria a sua obra mais importante.

A fenomenologia tomava corpo na Alemanha enquanto *movimento*, sendo Husserl seu grande inicializador e Heidegger seu mais talentoso discípulo. Discípulo este que na medida em que vai se empoderando e se destacando começa a confrontar o mestre, sendo por vezes seu crítico mais poderoso.

Heidegger inicia a criação de seu vocabulário próprio, sendo *MUNDA* sua primeira criação vocabular, que exprime o designar de um acontecimento que a princípio parece evidente, mas observando melhor revela uma complexidade para a qual ainda não há nome, e assim vai em apaixonadas formulações frias, laconicamente complexas. Nosso filósofo vai de uma maneira profunda questionando a ciência, a diferenciação entre sujeito e objeto e a elaboração do ser-aí, *Dasein* ou presença enquanto o ser lançado ao mundo (SAFRANSKI, 2005, p. 128-129).

Enquanto professor iniciou um caso amoroso com Hannah Arendt sua aluna, 17 anos mais nova, “em Marburg Hannah Arendt era a jovem que atraía todos os olhares com seu cabelo curto e roupa da moda” (SAFRANSKI, 2005, p. 175), entre espaços de não convivência e convivência, este romance irá perdurar por toda a vida de ambos e como todos somos ser e tempo, esta convivência proporcionou grandes reflexões em ambos e conseqüentemente em seus escritos e no mundo.

Com 38 anos Heidegger publica a primeira parte de *Ser e Tempo*, sendo que na obra consegue, conforme seu próprio pensar, chegar à sua filosofia e logo após em 1928, com 39 anos, assume na universidade de Freiburg a cadeira de Husserl. O livro *Ser e Tempo* faz parte do segundo Heidegger, que se dedica à filosofia e à questão do ser, pois temos no primeiro Heidegger o teólogo, cristão católico, aspirante a sacerdote. Após *Ser e Tempo* sua adesão ao nacional-socialismo se afasta da filosofia e se dedica ao pensar, se mostrando como um terceiro Heidegger.

O filósofo emerge na fenomenologia construindo ideias, vocabulário, voltando-se para a escuridão dos tempos, elaborando uma “autotransparência” da vida vivida fazendo nascer o *Dasein*, o ser aí lançado ao mundo, trazendo uma aura de mistério para a obra. Rigoroso e sistemático o filósofo leva a pensar na importância das perguntas sobre o esquecimento do ser.

Estava esquecida a questão do ser e estava esquecido também este esquecimento, a pergunta pela questão do sentido de ser precisava ser feita uma vez que para ele, a metafísica

embotou a busca pelo ser.

Tudo estava sendo entificado e as ciências estavam entendendo o ente enquanto ser ôntico, ente é tudo aquilo que é, ente são as coisas, ente é o papel, o livro, o computador e a caneta e o ôntico designa tudo o que existe, mas temos o ontológico que se mostra no “pensar curioso, espantado, assustado, sobre o fato de que eu existo e que qualquer coisa exista” (SAFRANSKI, 2005, p. 190).

Além da provocação às ciências, ao esquecimento da questão do ser, a não diferenciação entre sujeito e objeto, Heidegger dissecou a temporalidade, que é o passar, a vivência do passar e traz o grande passar que é a morte.

Tendo como pano de fundo estas provocações, a Alemanha está em franca ebulição com a ascensão de Hitler e sua proposta de construir uma nação forte, anexando territórios, prometendo devolver o orgulho ao país, após a derrota na primeira guerra mundial, com a criação de um povo unido e forte e então ocorre uma das partes mais controversas da biografia do filósofo.

Em 1931, então com 42 anos, a proposta de Hitler o faz aderir ao nacional socialismo. Para Safranski (2005, p. 176) “o que aconteceu com a tomada do poder nacional-socialista foi uma revolução para Heidegger; foi bem mais do que política, foi um novo ato da história do ser, a transformação de uma época. Com Hitler ele vê iniciar-se uma nova era”.

Com 44 anos Heidegger torna-se o primeiro reitor nacional-socialista da Universidade de Freiburg enquanto Adolf Hitler é eleito chanceler na Alemanha. Neste tempo nas cartas que trocava com seu irmão Fritz fica clara a intenção do filósofo de não pensar em si mesmo, porém no povo alemão, escreve ele:

Lieber Fritz, "Caro Fritz, parece que a Alemanha despertou, compreendeu seu destino. Gostaria que lesse o livro de **Hitler**, fraco nos capítulos iniciais autobiográficos. Já ninguém mais pode negar que este homem possui, e sempre possuiu, um seguro instinto político, quando todos nós ainda estávamos obnubilados. O movimento nacional-socialista crescerá no futuro, com novas forças adicionais. Já não se trata da mesquinha política de partido – trata-se antes a salvação ou do ocaso da Europa e da cultura ocidental" (IHU, 2016, s/p).

Aos 45 anos, decepcionado com os rumos que a guerra toma, sofrendo um processo adoeecedor de depressão, o filósofo discorda do regime nazista e demite-se da reitoria, sendo vigiado pela Gestapo em suas conferências e preleções, onde faz uma reflexão crítica sobre o poder e o nacional socialismo.

Em 1945 quando se encerra a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha novamente

derrotada, devastada, não estando mais no centro das elaborações filosóficas, com o auxílio de seu irmão, Heidegger organiza e coloca seus manuscritos em lugar seguro em sua terra natal, Messkirch e comparece ao Comitê de Desnazificação. “Teme pela sua casa, sua biblioteca. Olha para um abismo, mas não o de seu próprio erro político, e sim o da ameaça da degradação social e perda da possibilidade de trabalho (SAFRANSKI, 2005, p. 396). Em virtude do caminho tomado anteriormente é proibido de ensinar pela universidade e pelo governo militar francês, justamente quando estava iniciando uma segunda parte de sua carreira ou a virada.

Em 1952, com 62 anos de idade, tendo ficado nas sombras desde os 57, reiniciou suas aulas na universidade, realizou publicação de textos e conferências, aos 70 anos recebeu a honraria de cidadão honorário em sua terra natal. Neste tempo se mantém na maior parte em seu chalé na Floresta Negra, onde escreve e vive.

Com 87 anos, em 1976 Heidegger morre em Freiburg e seu corpo enterrado em Messkirch. “Olhando para o tempo como para um horizonte aberto, percebemos que muitas coisas certas nos aguardam, uma com toda a certeza: o grande passar, a morte” (SAFRANSKI, 2005, p. 191)

Os recortes da biografia de Martin Heidegger demonstram que o filósofo, num constante interrogar não separa a emoção da razão, uma vez que o ser engloba a totalidade, pois uma forma de ser-no-mundo é estar consciente de sua existência. A descrição das vivências do mundo do ser desveladas por meio da cotidianidade, permite a compreensão deste ser valorizando e permitindo ser presença ao estar com-o-outro.

Para Spanoudis ao apresentar a obra de Heidegger (HEIDEGGER, 1981, p. 9-10) enfatiza que Martin Heidegger convida a uma outra maneira de pensar e ir junto com ele a “caminhos difíceis e sinuosos” de uma outra reflexão. Não se trata de adquirir teorias sofisticadas ou elaborar novos pensamentos, recebendo lições com conteúdo prontos, muito antes, porém dar o “pulo necessário” para superar o modo de pensar “representativo, pragmático e tecnológico”

Dentro deste filosofar e de sua vasta escrita, a obra *Ser e Tempo* desponta como a grande obra do filósofo e que nesta pós-modernidade me ofereceu um caminho teórico e metodológico para a escrita de minha tese junto ao ser-estudante-de-enfermagem.

Em *Ser e Tempo* publicado em 1927, no sumário, o autor propõe um “fio condutor” onde apresenta duas tarefas, cada uma delas escrita em uma “parte”. Na primeira tarefa ou “primeira parte” vemos o ser em seu tempo e a “explicação do tempo como horizonte

transcendental da questão do ser” e na “segunda parte” ou segunda tarefa Heidegger propõe a reflexão fenomenológica sobre a destruição da ontologia trazendo o tempo e o ser (HEIDEGGER, 2015, p. 79-80).

As partes ou tarefas teriam cada uma delas três seções, sendo que na publicação o autor escreveu dois terços da primeira parte, tendo não mais terminada a obra, após os acontecimentos em sua vida. No livro não se encontra respostas satisfatórias ou conclusões exatas e precisas, porém uma proposta de superação de um modo de pensar (HEIDEGGER, 1981; HEIDEGGER, 2015).

Na parte da obra publicada e colocada em 1927 no leito de morte de sua mãe, podemos perceber *em ato a existência* no mundo, pois Heidegger assume que o ser do homem no mundo está sempre localizado no tempo e no espaço, aprofundando e (re)alinhando os caminhos elaborados por Husserl para a fenomenologia que tem como entendimento ‘ir às coisas mesmas’ (*zu dem Sache selbst*).

Safranski (2005, p. 186) ao falar de Ser e Tempo apresenta o livro como um fruto da história real, da historicidade, vivida pelo filósofo na Alemanha no pós guerra, do balançar do solo, solo este visto enquanto vida, a indagação realizada pelo autor em como a vida humana pode dentro de sua singularidade *se mostrar*, sendo que o filosofar de Heidegger “volta-se para a treva do momento vivido”.

A obra se demonstra como um questionamento em relação ao significado do vocábulo “ser” ou “sendo”, nos levando a uma imersão em sua ontologia fundamental (HEIDEGGER, 1981).

Mesmo afirmando que não possui obras, mas caminhos, o autor de Ser e Tempo, elabora a obra central de seu pensamento onde há a superação da “mera filosofia acadêmica e dos discursos dos especialistas” para ser uma forma diferente de vivenciar a filosofia, a corporificação de um marco decisivo de um percurso de extrema coesão (CASANOVA, 2015, p. 76).

Ainda para Casanova (2015) Ser e Tempo tem sua essência na hermenêutica, onde a descrição de todas as determinações em geral são determinações a partir da vida histórica no tempo, tudo é determinado historicamente, em que se tivéssemos outras tradições teríamos outras formas de concepção. Há diferença entre o significado e o sentido de ser, pois quando perguntamos o que algo é a pergunta busca de significados, porém quando algo *aparece* enquanto algo, não se reduz ao significado e sim ao sentido de *ser algo*. Deixa de ser uma coisa

de uso para ser o que *se constitui/determina* no seu sentido de ser.

Desta forma o filósofo se aprofunda no estudo da filosofia e das ciências naturais e se apresenta com um impulsionador da filosofia deste século, onde reflete com radicalidade, por meio de um vocabulário próprio, a existência humana interrogando sobre o sentido do ser. Os anos de 1900 se constituíam em tempos de fragilização da filosofia e o filósofo modifica a metafísica existente, uma vez que ressuscita a filosofia prática trazendo o tema do esquecimento do *ser*. (BRAGA; FARINHA, 2017; SAFRANSKI, 2005). Sua escrita se apresenta diferenciada e interrogante, com a linguagem (re) construída a partir da destruição da metafísica, seguindo os passos de seus mestres entre eles Husserl.

Nos é apresentada uma distinção entre a ontologia tradicional e fundamental, esta última amplia o conceito, havendo uma diferença do ôntico enquanto conceito anteriormente formado, estático no tempo e o ontológico que se torna tempo e não o acontecimento, também re-pensa o ser da metafísica e o ser da fenomenologia, este primeiro entendido como essência, ideia, permanência e o segundo a aparência e não algo que está por trás, é preciso ir as coisas mesmas. O filósofo nos provoca a despertar para a pergunta sobre o sentido do ser, para que haja a diferenciação entre ser e ente, sentido do ser este que se fez embotar pelo progresso da metafísica.

Esta pergunta sobre o sentido do ser passa a ser considerada supérflua na história do pensamento ocidental, o ser indefinível não requer definição, cada qual percebendo o seu obvio e o que é obvio passa despercebido.

Heidegger apresenta o que ele denomina de preconceitos em relação ao sentido do ser, trazendo reflexões desde a antiga Grécia até os tempos atuais, demonstrando que a filosofia não conseguiu resolver o problema central da ontologia, ou seja, o significado daquilo que é, do ser e do ser do ente. Ele coloca que o ser não delimita a região suprema do ente, ele não é um gênero e que desta forma daria conta de tudo, *nós vivemos as coisas e não precisamos conceituá-las para viver, vivemos*. Ainda o ser é um conceito indefinível que quando investigado, não pode ser tratado como ente, não se pode falar do ser como se fala do ente, é preciso outro jeito de tratar, desta forma precisaremos falar do sentido do ser e não da entificação deste. Como outro preconceito ele enfatiza que é preciso falar sobre o sentido do ser, pois não é porque é indefinível que se pode dispensar a pergunta sobre o sentido.

No cotidiano do mundo metafísico não se questiona o ser, se apresenta os entes que é tudo aquilo que visamos, que discorremos, que é tudo o que é, algo que é algo, pode ser

exemplificado no computador, no celular, no livro, na praia e na universidade e o perguntar ôntico das ciências positivas é um perguntar ingênuo. Pensando desta forma corremos o risco de identificar um ente como gênero supremo de todos os entes como exemplo, o homo sapiens, o ser humano, como a ciência moderna faz em pensar que elencar um ente pode explicar todos os outros, categorizar os fenômenos e os entes se dará a resposta do ser.

Heidegger busca outra via e traz novamente a questão do sentido do ser, que não está em plano algum, mostra-se se ocultando e não apresenta uma localização física, para o filósofo temos um entendimento mediano e vago do sentido do ser. O ser é o fundamento originário, quando ele passa a ser alguma coisa, não é mais ser, o ser por si só não é nada, é mistério. Para pensar o ser é preciso pensar num ente que se abre para este ser que é o ser-aí, o sentido do ser é tempo, ou seja, para se ter acesso ao ser, se precisa de um modo correto de acesso ao ente, este ente privilegiado que será o *Dasein* e que este determinado ente aberto ao mundo também somos nós a cada vez. Neste sentido “a compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser do *Dasein*. O privilégio ôntico que distingue a presença, está em ela ser ontológica” (HEIDEGGER, 2015, p. 48).

O *Dasein*, ao relacionar-se de alguma maneira com o ser, existe e se compreende e desta relação dessa ou daquela maneira, torna-se a existência, sendo que a questão da existência se dá dentro do próprio existir.

As provocações feitas pelo filósofo de como se dá o acesso ao *Dasein*, deste ser-aí lançado ao mundo, deste *Dasein*, ôntico e ontológico, que não está dentro do tempo, mas é tempo, que propõe uma ontologia fundamental, originária e nos pede para dar um passo atrás, vem seguidas de uma oferta de um método de investigação, o Método Fenomenológico.

De posse das provocações de destruição da metafísica, da crítica às ciências positivas, que dissociam o sujeito do objeto, da proposta de uma ontologia fundamental buscando descobrir o sentido do ser, deste ser lançado ao mundo, sabendo que a pergunta se faz a um ente na busca pelo sentido do ser, busquei outros autores que fizeram o percurso da pesquisa em fenomenologia hermenêutica na enfermagem e trouxe as experiências relatadas.

Para se construir conhecimento na enfermagem é preciso considerar as subjetividades de quem é cuidado e de quem cuida e pesquisar em enfermagem em abordagem fenomenológica leva a um “olhar efetivo sobre as experiências relacionadas à existência de seres humanos que vivenciam diferentes eventos”. A fenomenologia permite conhecer os fenômenos, compreender o não visível e gerar conhecimento levando a reflexão e mudanças (SOUZA; CABEÇA;

MELO, 2018, p. 232).

A enfermagem enquanto ciência, vem no caminho de fazer perguntas e a fenomenologia se mostra como uma alternativa para a pesquisa, uma vez que considera o mundo-vida, que será desvelado pelo pesquisador por meio do fenômeno que se desvela-vela, ampliando o olhar ao ser humano, repensando a tradição cartesiana, reducionista e fragmentadora imposta. Traduz o ser em suas múltiplas facetas, suas vivências e relações com a cotidianidade (PAULA *et al.*, 2012; CORREA, 1997; ANÉAS; AYRES, 2011; TERRA *et al.*, 2006). A fenomenologia permite buscar entender “o ser humano vivo com o qual o enfermeiro interage na prática” (CORREA, 1997, p. 86).

Para Anéas e Ayres (2011, p. 652) atualmente se percebe cada vez mais a presença da filosofia na área da saúde, uma vez que a área de saúde vem repensando seus modos de fazer. Trazer os preceitos de Martin Heidegger se torna apropriada uma vez que o filósofo propõe uma reconstrução radical das concepções tidas de homem, mundo e verdade conclamando a repensar, uma vez que “a superação da tradição, traz uma possibilidade de, por meio da compreensão da existência e do mundo, re-pensarmos, em seu desdobramento, as práticas em saúde e a questão do cuidado em saúde em seu sentido fundamental”.

Heidegger destrói a ontologia tradicional e reconstrói uma nova, que apresenta os fundamentos da existência humana, sendo assim, demonstra uma outra forma de análise dos fenômenos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, no campo da formação em enfermagem (SEBOLD; CARRARO, 2013; GONZALEZ *et al.*, 2012; SEBOLD *et al.*, 2016).

Bettancourt *et al.* (2011) buscam a compreensão sobre a vivência, nos campos da prática clínica da enfermagem, dos docentes e dos estudantes. Demonstram que é necessária a integração do ensino com a aprendizagem, para que os enfermeiros incorporem e realizem um cuidado autêntico. Codato, Garanhaní e Gonzalés (2017) apresentam que o estudante de graduação em saúde, entre eles o de enfermagem, ao realizar seu estágio nas Unidades Básicas de Saúde, ampliam a compreensão do processo saúde-doença e das possibilidades de cuidado. Desvelam ainda que o ser-estudante e sua forma de estar-no-mundo favorecem ou não a aprendizagem.

Gonzalés *et al.* (2012) em ensaio sobre a docência e a formação na área da saúde apresentam os conceitos educacionais baseados na fenomenologia Heideggeriana. A proposição que se faz, por meio dos preceitos de Heidegger, consiste em que a preocupação precisa se dar na educação ontológica, centrada no estudante, e não no processo ensino-

aprendizagem. A Educação precisa ser oportunizada na relação homem-sendo-com-outros homens.

Outro fenômeno estudado a partir da fenomenologia Heideggeriana, no âmbito da educação em seu aspecto ontológico, se deu quando Kikuchi e Mendes (2012) buscam compreender a avaliação da aprendizagem e o cuidado exercido neste fenômeno. Para as autoras desvelaram-se dois existenciais, quais sejam, vivenciando o cuidado autêntico e inautêntico no processo de avaliação e apropriando-se do cuidado de si mesmo no mundo da educação. A educação e a avaliação são indissociáveis, sendo que “o ser-aluno e o ser-professor sendo-com-no-mundo da educação cuidam, cada um, à sua maneira, de si mesmo, dos outros e do próprio mundo” (KIKUCHI; MENDES, 2012, p. 29).

O currículo da enfermagem também se mostrou como um fenômeno, quando Garanhani e Valle (2012) buscaram revelar como o ser-estudante-de-enfermagem vivenciou a experiência de um novo currículo integrado. Da pesquisa resultaram quatro unificações ôntico-ontológicas, que revelaram o movimento deste ser para a abertura da decisão e do trabalho, a prática educativa em enfermagem no mundo cotidiano, as relações e o ser-aluno na sua existência.

O cuidado em enfermagem tem se apresentado como um fenômeno de extremo interesse para a enfermagem. Os profissionais de enfermagem entendem que seu fazer se fundamenta no cuidado, tornando-se importante refletir sobre o ensino e a prática, sobre o *ente e o ser*, cuidado e cuidador no mundo, qual é o sentido do cuidado para os educadores, profissionais e ser-estudante-de enfermagem (ANÉAS; AYRES, 2011; DUARTE; ROCHA, 2011; KEMPFER, 2012; GARANHANI; VALLE, 2012; OLIVEIRA; CARRARO, 2011; SEBOLD; CARRARO, 2013; SEBOLD *et al.*, 2016).

A preocupação com o ser-enfermo se refere a outro aspecto que gera curiosidade em se compreender na área da saúde, uma vez que estudos buscam a compreensão nas situações de padecimento, o sentido do ser-aí (GONZALEZ *et al.*, 2012).

Kempfer e Carraro (2014, p. 734) se debruçam sobre o ser-acadêmico-de-enfermagem e a finitude. A consciência de ser-para-a-morte bem como a inserção temporal mostra-se desvelada para o ser-acadêmico-de-enfermagem e as reflexões trazidas pelo ser trazem à tona “um universo de possibilidades de interpretação desta finitude, quando reflete sobre a morte, e seu retorno constante às questões fundamentais de seu ser, configurando-se como a base de toda a sua interpretação sobre a vida e o viver”.

A enfermagem possui então, na fenomenologia de Heidegger, um dos caminhos para compreender os fenômenos que a cercam. Fenômenos que se velam-desvelam no cuidado e no cuidador, no *ser-com e no estar-no-mundo, no ser-estudante-de-enfermagem e no ser-professor*, nos processos de ensino-aprendizagem, na finitude, na existência, em todo um refletir filosófico aberto as descobertas do *ser-aí no mundo* (KEMPFER, 2012).

O desafio posto se dá na compreensão do ver o mundo por esta ontologia fundamental, imergindo nos pressupostos Heideggerianos, destruindo uma tradição cartesiana e fazendo com que o fenômeno se revele naquilo que é por meio da janela que faz aberta.

Buscando perguntar para o ser-estudante-de-enfermagem por meio da janela-ente trabalho de conclusão de curso como se apresentava o ser-com, o ser-no-mundo e o ser-em utilizaremos os preceitos de Martin Heidegger.

Há por detrás *desta janela que se faz aberta* uma profunda rede conceitual e questões filosóficas fundamentais, que se não conhecidas, aprofundadas correm o risco de empobrecer e banalizar os preceitos Heideggerianos (BARBOSA, 1998). Assim sendo, o pensamento de Heidegger utilizado neste estudo acarreta – ou deveria acarretar – o comprometimento com a sua ontologia e com a questão do ser, sendo imperioso a consideração de conceitos da sua ontologia fundamental.

Buscando apresentar significados de forma resumida e tendo a percepção da impossibilidade deste ato (o de resumir conceitos em Heidegger), trago a questão do **ser** enquanto a questão fundamental da proposta de Heidegger. Não há uma forma adequada, inteira ou verdadeira de conceituar o ser, não há conceito que dê conta deste questionamento filosófico ao qual Martin Heidegger constrói uma ontologia, propondo a ontologia fundamental. Para Casanova (2015, p. 79) a ontologia fundamental a que o filósofo se refere não diz respeito a uma “superontologia”, porém apresentar uma pergunta sobre a “possibilidade mesma da ontologia”, levar a pensar não mais em uma ontologia positiva, mas adentrar ao fundamento mesmo das ontologias em geral e sondar como retiram do fundamento a sua própria determinação.

O ser se apresenta maior do que um conceito, uma pessoa ou uma coisa, o ser é a existência. O ser tem origem no pensamento, se manifesta na linguagem, na temporalidade e na cotidianidade. A questão fundamental a ser colocada é a questão do sentido do ser, e as características que possibilitam as diversas maneiras de algo se manifestar é o ontológico. O ontológico que procura as origens genuínas que “possibilitam a todo manifestar-se ou apresentar-

se” pois o ontológico é “aquilo que possibilita as várias maneiras de algo tornar-se manifesto, presente, criado, produzido, atuado, sentido, etc.” (HEIDEGGER, 1981, p. 10).

O ser é a forma de se tornar percebido, presente, manifesto e conhecido para o ser humano, uma vez que se insere em um mundo. Não é possível na concepção de ser manter-se isolado, o ser é sempre um ser-no-mundo. “Não sabemos o que diz “ser”, mas já quando perguntamos o que é “ser”, mantemo-nos numa compreensão do “é”, sem que possamos fixar conceitualmente o que significa este “é”. (HEIDEGGER, 2015, p. 41). Heidegger lista três preconceitos em relação ao tema sendo o primeiro a pensar que o ser é o conceito mais universal de todos, que dá conta de tudo, como se pudesse encaixar e explicar todos os entes a partir do ser. O desafio que nos propõe é começar a pensar o ser humano a partir das “coisas mesmas”, pois vivemos as coisas, não conceituamos para viver, apenas vivemos. O segundo preconceito é que o ser é um conceito indefinível, desta forma se queremos investigar o ser, não podemos tratá-lo como ente, não podemos falar do ser igual falamos do ente, o ser não é algo como o ente, falar do ser é outro jeito de tratar. Precisaremos falar do sentido do ser, e não na entificação deste. No terceiro preconceito precisamos falar do sentido do ser, a indefinibilidade do ser não dispensa a pergunta pelo seu sentido, mais precisamente por isso a exige.

E o que é então o ente? O **ente** para o filósofo consiste em tudo o que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos, desta forma, o *ser-aí, presença, Dasein*.

Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente- que questiona- em seu ser. Como modo de ser de um ente, o questionar desta questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona- pelo ser. Designamos com o termo *presença- Dasein* este ente que cada um de nós mesmos sempre somos e que entre outras coisas, possui em seu ser a possibilidade de questionar. A colocação explícita e transparente da questão sobre o sentido do ser requer uma explicação prévia e adequada de um ente (da presença) no tocante ao seu ser (HEIDEGGER, 2015, p. 43).

O *Dasein* (na língua germânica) consiste no *ser-aí*, expressão escolhida pelo filósofo para determinar a existência, sendo que *Da* quer dizer o aqui, ali, aí e o *Sein* consiste no ser, que é presença. Refletir sobre o ser-no-mundo significa a reflexão da existência humana relacionada com a realidade-*facticidade*.

O ente se pode fazer compreender enquanto ser por meio do ente, desta forma o ente no qual o *Dasein* se faz essencialmente relacionado é o mundo, onde se mostra a si mesmo e a partir de si mesmo. Um ente que existe, o ôntico, se revela na própria existência por meio do ser-aí, constituindo a ontologia de um ente que existe. Portanto, somente o ser-aí existe e apenas

ele é capaz de perguntar pelo seu ser, sendo o ente privilegiado se apresenta como o ser lançado, projetado no mundo (HEIDEGGER, 2015).

O filósofo nos apresenta que com entes não humanos apresentamos duas formas de relacionamento e assim as define. Podemos falar dos “entes presentes sem nenhum envolvimento significativo” *Vorhanden* no alemão ou *present at hand* no inglês. Estes entes são aqueles afastados do vivencial “torna-se objetivado: os objetos de estudo tal como tem que acontecer para o empirismo e para as ciências exatas”. Em contraponto há o “ente presente num envolvimento significativo”, *zu handen* em alemão, ou *ready to hand* em inglês, onde em geral é nossa vida cotidiana o que faz sentido e fazem parte da cotidianidade, este momento o digitar esta tese se mostra um bom exemplo.

Mas há também o movimento na rua, o assentamento dos tijolos na construção do prédio a frente, o pet que está provavelmente ressonando sobre uma almofada e que podem passar despercebidas sendo vividas sem percepção, portanto para o filósofo não há percepção, mas *coisas e* “somente quando algo nos falha, falta ou quando se torna um obstáculo, é que seu significado pode tornar-se manifesto, saliente.

Diante desta cotidianidade, trouxe a questão do **ser e ente** então é preciso falar de **existência** que, para Heidegger (2015), é fundamentalmente ser-no-mundo, que não possui ligação com o significado contemporâneo de “realidade” que temos para a palavra, porém se apresenta a partir do verbo *ek-sistere* sendo desta forma algo que se manifesta, emerge, se desvela.

A filosofia Heideggeriana rompe com a tradição e busca compreender a experiência vivida pelo ser-aí, em seu existir no mundo, sendo o ser-aí o ente privilegiado entre todos os entes, que possui em seu modo de ser a possibilidade do questionamento e da busca do sentido de ser sendo-no-mundo, sendo a existência pura intencionalidade, aberta para o lado de fora, um projeto, um lançar-se.

O ser-aí, *Dasein*, pre-sença, é um ser lançado no mundo, enquanto ser-no-mundo e em estando no mundo, aberto às possibilidades, em liberdade em seu modo de ser, pode estar em dois modos, como existência autêntica, própria ou singular e inautêntica, imprópria ou impessoal.

A existência autêntica é o modo próprio do ser, a propriedade de existir, em que o ser-aí torna-se a si mesmo sendo um ser de presença revelador do ser, e na existência inautêntica uma parte da existência segue sem sua própria direção. Na existência autêntica a presença

pretende se libertar da impessoalidade e do anonimato, enquanto na inautêntica a projeção do ser-aí se dá nos objetos e a preocupação ocorre em relação ao mundo, havendo o aceite das normas e opiniões da massa, negando-se a si mesmo em detrimento dos outros, mergulhando no anonimato do ser social.

Desta forma é entendido que o ser-aí se constitui em um ente que possui, entre outras coisas, em seu modo de ser, a possibilidade de se questionar e de buscar o sentido de ser sendo no mundo, sendo fundamentais o tempo e espaço para a interpretação dos modos do ser-aí. (HEIDEGGER, 2015).

Para Heidegger (2015) o mundo se apresenta como um termo ontológico que se refere ao ser dos entes em suas múltiplas formas. O ser-aí é compreendido como abertura do mundo e da existência, o homem é um ser-no-mundo e coexiste com-os-outros no mundo, para trazer o pensamento do ser apresenta-se o *existencial* e no ôntico teremos o existenciário.

Esta **existência** se dá no **mundo**, uma vez que as estruturas existenciais do *Dasein* se constituem em ser-com-os-outros, ser-para-a-morte e ser-no-mundo, sendo que a polissêmica palavra mundo recebe de Heidegger todo um debruçar-se e a conseqüente apresentação de diversas significações a partir de seus nexos. Mundo pode ser um conceito ôntico quando apresenta os entes se dando dentro do mundo, bem como no contexto de ‘em que’ a presença fática vive como presença” sendo “pré-ontologicamente existenciário”, mundo pode ter seu caráter ontológico quando se pensa no “ser dos entes” vivendo no mundo, bem como o conceito existencial ontológico da mundanidade.

A própria mundanidade pode modificar-se e transformar-se cada vez, no conjunto de estrutura de mundos particulares, embora inclua o em si e o *à priori* da mundanidade em geral (HEIDEGGER, 2015, p. 112).

Para a fenomenologia é preciso olhar diferente, este olhar se dá a partir do mundo que se está inserido, pois o ser-aí numa relação incessante com o mundo se determina enquanto o ente que é “jogado em um determinado mundo fático, ele assume comportamentos a partir de orientações que recebe do mundo circundante” (CASANOVA, 2015, p. 93).

O homem se interroga, enquanto ente, sobre o sentido de ser e assim sendo como intencionalidade pura, projeta-se para as possibilidades, para um constante lançar-se, para a transcendência, entendida como um constante lançar-se e não como saída deste mundo para outro mundo, mas sendo desta forma entendida em sua relação com o mundo.

O mundo que Heidegger apresenta se dá onde o *Dasein* está lançado, este mundo que não entende a dicotomia entre sujeito e objeto, difere do mundo a ser contemplado como pedia

a filosofia antiga, também não se enquadra na filosofia moderna onde precisa ser adequadamente representado e tampouco na ciência moderna, onde o mundo é moldado de acordo com as diversas faces da finalidade humana. Assim se faz necessária a presença do hífen que apresenta a não diferenciação entre o sujeito e o objeto, pois não somos separados do mundo, mas antes pelo contrário, estamos lançados e somos mundo.

A mundaneidade do mundo demonstra as diversas maneiras específicas do viver “que podemos chamar de *o mundo do artista, o mundo do técnico e o mundo do cientista*”, portanto não se trata de um mundo geográfico, espacial, interior (HEIDEGGER, 1981, p. 25).

Quando falamos de ser-no-mundo falamos existência básica do ser humano, as diversas possibilidades a que o existir humano- *Dasein*- está lançado. “Ser-no-mundo é as múltiplas maneiras que o homem vive e pode viver, os vários modos como ele se relacionam e atua com os entes que encontra e a ele se apresentam” (HEIDEGGER, 1981, p. 16).

Na busca de responder à questão do sentido de ser, este ser sendo um ser presença fática, temporal, um ente “entre” nascimento e morte, Heidegger apresenta a ontologia da **historicidade**, apresentando que este ser possui a capacidade de demonstrar por meio de registros suas vivências e experiências (HEIDEGGER, 2015, p. 214).

Kempfer (2012, p. 58) imprime que no capítulo cinco de sua obra *Ser e Tempo*, o filósofo “chama a possibilidade do ser de observar e registrar momentos de “historicidade e historiografia”, bem como “Heidegger discorre sobre temporalidade e historicidade com o objetivo de discutir a questão procedente da essência da história e do que é verdadeiramente histórico”. Uma das críticas que o filósofo faz, ao longo de sua vida, consiste na forma cartesiana com que a ciência vinha tomando seus rumos, desta forma, a apresentação da historicidade não se refere ao caráter quantificável ou objetivo, mas ao ente, que nem sempre pode ser objetivado, e que o sentido temporal e da presença do ser precisa estar sendo nesta história (HEIDEGGER, 2015).

Para Kempfer e Carraro (2014) a compreensão ontológica da historicidade se dá a partir do existir, da temporalidade, do vínculo do acontecer da presença no mundo.

Além da historicidade o filósofo traz a historiografia, que por meio da ciência da história precisa conter outros aspectos objetivos dos contextos históricos, explicando os fatos cientificamente. (HEIDEGGER, 2015, p. 466). A **historiografia** considera os aspectos mais objetivos do contexto histórico, tendo o objetivo de explicar objetivamente os fatos temporais, de forma científica. Desta forma Heidegger (2015, p. 467) enfatiza que “é somente a partir do

modo de ser da história, a historicidade e de seu enraizamento na temporalidade que se poderá concluir de que maneira a história pode tornar-se objeto possível da historiografia”.

O ser-aí, *Dasein*, presença não se apresenta como dominador, espectador do mundo, mas como algo que é constitutivo de sua existência, ou seja, cuidador do mundo e constitui o mundo ao utilizar os utensílios, levando a uma dupla constituição, uma vez que os utensílios também constituem o ser-aí, uma vez que a relação de uso e de significados são independentes de sua mera vontade.

O modo de lidar do ser no cotidiano com o **mundo se dá na ocupação**, no ofício que é o desempenho da tarefa de ser o que se é no mundo e este modo de lidar no mundo com ente intramundano se dá numa multiplicidade de modos de ocupação, ou seja, lidamos com o mundo por meio da ocupação “Aqui o ente não é objeto de um conhecimento teórico do “mundo” e sim o que é usado, produzido etc.” (2006, p. 115).

Na **ocupação** somos apresentados aos **utensílios ou instrumentos** (na tradução de Marcia de Sá Cavalcanti). Para o filósofo as coisas intra-mundanas, as coisas do mundo, não são meros objetos, não são de dominação do sujeito sobre as coisas, o utensílio, coisa de uso, possui uma rede própria de significados que não é determinada só por quem o usa, mas o utensílio se mostra e depende também do utensílio a instauração de significados.

A totalidade utensiliar é entendida como os diversos modos de para que os utensílios se mostram onde apresentam “a serventia, a utilidade, a aplicabilidade, a manuseabilidade”, se apresenta dentro de uma complexa malha.

O homem (*Dasein*), na cotidianidade do mundo, lida com os utensílios no mundo que o circunda, sendo esta lida chamada ocupação, com os instrumentos nos ocupamos. Para Heidegger (2015, p.114):

A demonstração fenomenológica do ser dos entes que se encontram mais próximos faz-se pelo fio condutor do ser-no-mundo cotidiano, que também chamamos de *modo de lidar* no mundo e *com* o ente intramundano. Esse modo de lidar já sempre se dispersou numa multiplicidade de modos de ocupação. Como se viu este modo mais imediato de lidar não é o conhecer meramente perceptível e sim a ocupação no manuseio e no uso, o qual possui um conhecimento próprio.

O ente designado para vir ao encontro da ocupação é denominado de instrumento, que se apresentam de diversas formas, como exemplo, instrumentos para a escrita, para a medição, para a construção. Um instrumento não consegue ser sozinho, ele precisa se constituir num “todo instrumental” pertencente ao seu ser.

Trazemos desta forma o exemplo do jardineiro e do seu jardim, em que no dia-a-dia o

jardineiro se faz jardineiro na medida em que zela por seu jardim, realizando a poda, a irrigação e sementeira se realizando em seu ser-jardineiro utilizando seus instrumentos de jardinagem. O instrumento não se apresenta ele nele mesmo somente, mas como parte integrante do jardineiro. “Ele se faz aberto para todas as necessidades de que o jardim possa carecer. Se esse jardineiro se colocar disposto em cuidar do jardim, de “fazer” o jardim, ele conseqüentemente se faz – constrói – a si mesmo como homem (existente) e como jardineiro” (SANTOS, 2007, p. 4).

Ainda no mesmo exemplo, Santos (2007, p. 4) descreve a relação do homem e mundo, o ser-no-mundo onde o ser-aí dedicado se mostra disposto a um fazer radical e desempenha a tarefa de ser o que é, se “abandonando” ao jardim. Desta forma aprende a “medida certa de água para irrigar as suas plantas; aprende o momento oportuno para semear o solo e o tempo devido para retirar as ervas daninhas que aí nascem; aprende que, se quiser ter borboletas, não poderá mais matar as lagartas”.

No caso do jardineiro e do jardim, é preciso que o jardineiro esteja disposto, e sendo um ser-no-mundo compreenda sua relação com o jardim. A disposição, para Heidegger (2015) se apresenta como um existencial radical da pre-sença, favorecendo a abertura e o lançar do ser para a realização do ser-no-mundo.

4 O CAMINHO PARA OUTRA JANELA

“O método da ontologia, no entanto, permanecerá altamente questionável caso se queira recorrer às ontologias historicamente dadas ou a tentativas congêneres”.
(HEIDEGGER, 2015, p. 66)

Ao iniciarmos um estudo, o método é percebido como um dos desafios, uma vez que depende de vários fatores como: a natureza do objeto, a disponibilidade dos recursos materiais, a abrangência do estudo e, o fator principal se refere a inspiração filosófica e visão de mundo do pesquisador (GIL, 1999; MONTEIRO *et al.*, 2008).

Como apresentei anteriormente, na área da saúde entre elas na enfermagem, a fenomenologia tem se mostrado como uma teoria fundamental na busca de respostas para as perguntas dos pesquisadores, articulando suas análises a outros campos como o econômico, político e ideológico, gerando um movimento que busca ir de encontro ao pragmatismo científico pós-moderno (MINAYO, 1994; SEBOLD *et al.*, 2016). Nesta forma de pensamento Stein (1973, p. 7) se apresenta “convencido de que o método e objeto devem ser pensados num movimento unitário” e que se faz necessária a reflexão filosófica, sendo que a compreensão de método e objeto precisam se dar de forma totalizante.

A fenomenologia se apresenta como uma pesquisa qualitativa mostrando-se como um processo aberto, podendo levar a um sem número de desdobramentos, em que o pesquisador elabora um modelo central de investigação dando significado as investigações empíricas.

Enquanto modalidade de pesquisa qualitativa, a fenomenologia busca a compreensão do fenômeno interrogado, não se preocupando com explicações e generalizações. O pesquisador não parte de um problema específico, mas conduz sua pesquisa a partir de uma interrogação acerca de um fenômeno, o qual precisa ser situado, ou seja, estar sendo vivenciado pelo sujeito (CORREA, 1997, p. 95).

Na fenomenologia o movimento da compreensão é circular, por meio do Círculo Hermenêutico buscamos entender o fenômeno naquilo que se vela e desvela, trazendo a pré-compreensão, compreensão e interpretação deste propiciando ir-às-coisas-mesmas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa fenomenológica fundamentada nos princípios Heideggerianos.

Pré-compreensão: O *pré* da compreensão é a auto compreensão, o originário. Buscando o sentido do ser, Heidegger reflete que não há definição para o ser, uma vez que o ser é a partir do tempo de seu sentido. O filósofo destrói a metafísica até então dada e apresenta

uma nova, dando sentido profundo a cada palavra utilizada, sendo o sentido de compreensão e interpretação profundamente questionadas e elaboradas. Desta forma o intérprete possui uma pré compreensão de seu fenômeno, a partir da sua forma de ver-o-mundo. Como afirma Heidegger (2015, p. 211):

A interpretação de algo como algo se funda, essencialmente, numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia. A interpretação nunca é a apreensão de um dado preliminar isenta de pressuposições. (...) Em todo princípio de interpretação, ela se apresenta como sendo aquilo que a interpretação necessariamente já "põe", ou seja, que é preliminarmente dado na posição prévia, visão prévia e concepção prévia.

A estrutura ontológica da compreensão se encontra na pré-compreensão. Para Heidegger (2015, p. 209) “a apropriação do compreendido, embora ainda velado, sempre cumpre o desvelamento guiado por uma visão que fixa o parâmetro na perspectiva atual, o compreendido já de ser interpretado”

Heidegger (2015, p. 215) apresenta que o “círculo do compreender” composto pela pré-compreensão, compreensão e interpretação, tem suas raízes na presença, enquanto um “compreender que interpreta” onde o círculo ontológico se constitui a partir do ente que está como ser-no-mundo compreendendo e interpretando.

Compreensão: Em seu profundo refletir sobre a linguagem, Heidegger não utiliza a palavra/concepção *categoria* para seus pressupostos, utiliza a palavra existencial. Isto dito a compreensão tem relação com o existencial da disposição da pre-sença, e o “compreender constitui este ser” (HEIDEGGER, 2015, p. 202). A compreensão é a própria abertura do ser humano, é a abertura para o mundo, que para Heidegger é a existência.

Numa fala ôntica, usamos muitas vezes a expressão “compreender alguma coisa” no sentido de “estar a cavaleiro de...”, “estar por cima de...” poder alguma coisa. O que se pode no compreender, assumido como existencial, não é uma coisa, mas o ser como existir. Pois no compreender subsiste, existencialmente, o modo de ser da presença enquanto poder-ser. (HEIDEGGER, 2015, p. 203).

Interpretação: A interpretação se funda existencialmente na compreensão e nesse passo as palavras e seus significados têm relevância. Aquele que interpreta possui a pré-compreensão daquilo que interpreta, onde toda a perspectiva que se tema consiste em si uma compreensão e uma interpretação. O ser-aí se constitui numa conjugação dele no mundo e sua interpretação estará impregnada deste mundo. Assim a interpretação explicita a compreensão e ambas partem da estrutura. O intérprete deve deixar que o texto lhe diga algo por si, criticando

sua pré-compreensão.

O meu vivenciar do círculo hermenêutico de Martin Heidegger na presente pesquisa descrevo a seguir.

Na **Pré-Compreensão** quando ao exercer minha ocupação de docente na graduação em enfermagem, me deparei inúmeras vezes com o fenômeno do ser-estudante-de-enfermagem verbalizando que se sentia pressionado em relação ao ente trabalho de conclusão de curso.

Mencionei anteriormente nestes escritos, mais precisamente no capítulo apresentação, o título do projeto que submeti ao edital para doutorado em 2017, que transcrevo *Entendimento dos alunos, orientadores e banca sobre a finalidade do trabalho de conclusão de curso em diferentes contextos educacionais*.

O projeto desvela uma faceta da minha pré-compreensão do fenômeno e que naquele ano não era entendido por mim enquanto tal, mas como, unicamente uma questão de pesquisa a ser estudada a partir da curiosidade de um pesquisador.

No documento apresentei as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem e os fundamentos legais do trabalho de conclusão de curso, onde consta que o aluno precisa, sobre orientação docente realizar um trabalho de caráter avaliativo, demonstrando o conhecimento adquirido no curso.

Descrevi fragmentos da semana de apresentação dos Trabalhos de Conclusão de Curso na faculdade em que lecionava, e escrevi *as bancas acontecendo, os membros da banca, o coordenador do curso, o orientador, o aluno, cada um com seu papel a ser desempenhado* e neste momento me pergunto: - *São as bancas de avaliação de TCC processos pedagógicos? - É o TCC uma avaliação de aprendizagem? - O que representa uma banca de TCC para o ensino no contexto educacional? - Como se dá a percepção do exercício da banca para cada um dos atores envolvidos no processo? - Existe diferença de percepção quanto à universidade pública ou privada?*

Nesta pré-compreensão o fenômeno trabalho de conclusão de curso representava um fazer e um entendimento do aluno e professor como um processo ele nele mesmo ou no melhor dos planos um processo pedagógico decorrente da formação acadêmica, e o objetivo a ser alcançado era de compreender o entendimento dos alunos, orientadores e banca sobre a finalidade do trabalho de conclusão de curso em diferentes contextos educacionais.

O interesse neste estudo era fundamentado em que ao entender a representatividade do trabalho de conclusão de curso para os diversos atores envolvidos, em diversos contextos, se

possa refletir sobre quanto o mesmo representa uma ferramenta de transformação, de acúmulo, de troca não sendo um instrumento nele mesmo, mas uma demonstração de uma caminhada tanto acadêmica quanto de vida.

Com esta pré-compreensão me é dada a possibilidade de iniciar as disciplinas do doutorado, conhecer outros seres, com outras-formas-de-ser-e ver-no-mundo, a pergunta de pesquisa começa a ser entendida enquanto fenômeno, com a minha prática sendo transformada a partir de ser-no mundo.

Esta pré-compreensão me levou a querer compreender, indagando o fenômeno.

Para a Compreensão foi realizada a entrevista fenomenológica.

Para realizar a entrevista na pesquisa qualitativa há uma série de considerações a serem entendidas. O pesquisador precisa relembrar todo o percurso da entrevista, oferecendo a mesma como um “encontro social”, tendo a empatia, intuição e imaginação como características peculiares, uma vez que na empatia, vista como ato intencional há a “penetração mútua” de percepções, na intuição é necessário a contemplação e o aceite de como é dado, sem antecipação. A percepção dos outros e da experiência por eles vivida, se dá por meio desta contemplação. Diferente das pesquisas em ambientes controlados, na pesquisa qualitativa há conversa (diálogo), onde a relevância das informações é importante para o entrevistador e o entrevistado. A entrevista não é um método, mas um recurso metodológico (MARTINS; BICUDO, 1994, p. 53).

Uma entrevista fenomenológica é um encontro entre pessoas, que por meio da linguagem, do diálogo aberto, se busca escutar, captar, conviver e entender um fenômeno. A fenomenologia busca entender o “para que” das coisas e não o “por que” visto frequentemente na investigação positivista, desta forma a entrevista fenomenológica busca o fenômeno a partir do que se mostra, aberto a possibilidades. Na fenomenologia não se busca dar um significado as vivências antes, porém as vivências já possuem seu significado pelas pessoas que estão falando, explorando a singularidade (GUERRERO-CASTAÑEDA; MENEZES; OJEDA-VARGAS, 2017).

Me referindo ao percurso metodológico, após a qualificação de Projeto de Pesquisa realizada no dia 12 de dezembro de 2019, iniciei os trâmites para a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina. No primeiro trimestre de 2020, estando o projeto condizente com os termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, tendo a assinatura da Coordenadora pedagógica da Faculdade de Santa Catarina e com

o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE dentro das exigências da mesma resolução, o projeto foi aprovado sob o Número CAAE 2 9839820.0.0000.0121.

Com o propósito de conhecer o fenômeno foram convidados para participantes da pesquisa, dezessete ser-estudante-de-enfermagem da última fase de graduação do Curso de Enfermagem da Faculdade de Santa Catarina no semestre 2020-1, do turno matutino e noturno, que estavam realizando seus Trabalhos de Conclusão de Curso naquele momento.

Neste mesmo período vivemos a Pandemia por SARS-CoV-2 e realizei uma primeira reunião com todos pela plataforma ZOOM® onde apresentei a pesquisa, os objetivos, o método, bem como o TCLE. Apresentei também a todos o título da pesquisa e a origem da frase *janela que se faz aberta*. Provoquei a metáfora da janela, onde cada ser-estudante-de-enfermagem na data da entrevista, traria uma figura de janela, bem como um nome que representasse a figura, informei a todos que o nome de sua janela seria seu codinome na pesquisa.

Na segunda quinzena de maio até a primeira quinzena de julho, após o aceite de quatorze participantes, coletei os TCLE's e autorização de gravação das entrevistas e como não havia autorização sanitária para encontros presenciais, as entrevistas foram previamente agendadas por telefone ou WhatsApp® e realizadas todas pela plataforma ZOOM®.

A interpretação se deu a partir das entrevistas, em que cada entrevista seguiu dois momentos: Um primeiro momento de aproximação onde o ser-estudante-de-enfermagem apresentou sua janela, o nome e a razão desta escolha e um segundo momento em que foi feita uma pergunta aberta - Qual o significado do trabalho de conclusão de curso para a enfermagem e para a sua vida?

Realizei sete entrevistas no mês de maio de 2020, sendo a primeira realizada no dia oito de maio com a Janela do Sucesso, a segunda em nove de maio com a Janela Paz e Tranquilidade e a terceira entrevista com a Janela Objetivo em treze de maio.

No dia vinte e um de maio a entrevista foi com a Janela Luz da Manhã, e no dia 22 de maio realizei três entrevistas, pela manhã com as Janelas Oasis, no início da tarde com a Janela Reconhecimento e a noite com a Janela Esperança Um.

No mês de junho, dia dez, as entrevistas foram feitas com a Janela Desafio pela manhã e à tarde com a Janela Esperança Dois e no dia onze Janela Esperança três. Dia dezoito a entrevista foi realizada com a Janela Mudança, dia dezenove com a Janela Coragem, dia vinte e sete com a janela Paz e a última entrevista foi realizada no dia trinta de junho com a Janela Alegria.

Os quatorze ser-estudante-de-enfermagem e as suas janelas:

Quadro 1 - Os nomes, as figuras e a fonte das janelas do ser-estudante-de-enfermagem.

NOME DA JANELA	IMAGEM DA JANELA	FONTE
Janela Esperança Dois		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Sucesso		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Alegria		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Oasis		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Luz da Manhã		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Mudança		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem

Janela Reconhecimento		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Esperança Três		<u>Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em CC BY-NC-ND</u>
Janela Desafio		https://www.pngwing.com/pt/free-png-bcudo
Janela Coragem		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Esperança Um		https://www.gettyimages.pt/fotos/janela-aberta
Janela Objetivo		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem
Janela Paz e Tranquilidade		Acervo pessoal do ser-estudante-de-enfermagem

Janela Paz		<u>Esta Foto</u> de Autor Desconhecido está licenciado em <u>CC BY-NC-ND</u>
------------	-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Cada entrevista se mostrou única, amorosa, amiga, íntima à sua maneira, como se espera que uma entrevista fenomenológica ocorra e as janelas trouxeram compreensão, enfeitaram e trouxeram beleza ao momento.

5 RESULTADOS

A instrução normativa 01/PEN/2016 do Programa de Pós-graduação em Enfermagem alterou os critérios para elaboração e o formato de apresentação dos trabalhos de Doutorado em Enfermagem. Legislou que os trabalhos de conclusão deverão conter artigos/manuscritos como forma de apresentação dos resultados, trabalhos estes que precisam demonstrar o conjunto da obra.

Fazendo desta forma sempre acompanhada pelas janelas, apresento três manuscritos, sendo que no primeiro apresento a minha incursão na fenomenologia sob o título “Experienciando o círculo hermenêutico e a fenomenologia na pesquisa em enfermagem”. No segundo faço uma reflexão sobre qual a percepção do ser-estudante-de-enfermagem sobre o ente trabalho de conclusão de curso com o título “A experiência do ser-estudante-de-enfermagem e o ente trabalho de conclusão de curso: o que há para se ver pela janela?” e como terceiro manuscrito apresento “A experiência do ser-estudante-de-enfermagem com o ser-docente no mundo da formação: o que a janela demonstrou além do que se procurava ver”.

5.1 MANUSCRITO 1 - EXPERIENCIANDO O CÍRCULO HERMENÊUTICO E A FENOMENOLOGIA NA PESQUISA EM ENFERMAGEM

EXPERIENCIANDO O CÍRCULO HERMENÊUTICO E A FENOMENOLOGIA NA PESQUISA EM ENFERMAGEM

RESUMO

Objetivo: Descrever a experiência do Círculo Hermenêutico vivenciado na busca do desvelamento do fenômeno trabalho de conclusão de curso em um curso de graduação em Enfermagem, em um momento de pandemia por SARS-CoV-2.

Método: Foi realizada uma pesquisa fenomenológica com coleta de dados por meio de entrevista, com quatorze ser-estudante-de-enfermagem. As entrevistas de cunho fenomenológico foram realizadas por meio virtual em virtude da pandemia por SARS-CoV-2, gravadas, transcritas e analisadas para o desvelamento das unidades de sentido.

Resultado: Foi possível realizar as entrevistas fenomenológicas por meio virtual e manter a singularidade da pesquisa, onde o pesquisador e o ser-estudante-de-enfermagem se colocaram. A partir de uma pergunta aberta cada ser-estudante-de-enfermagem escolheu seu nome representado por uma janela e apresentou suas vivências em relação ao fenômeno.

Conclusão: A experiência vivenciada com o ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso guiada pelo círculo hermenêutico, permitiu ir-às-coisas-mesmas por meio do desvelamento do fenômeno e da compreensão do ser, demonstrando a importância da

pesquisa fenomenológica na enfermagem.

Descritores: Enfermagem. Pesquisa de Educação em Enfermagem. Pesquisa em Enfermagem. COVID-19. Entrevista.

INTRODUÇÃO

A enfermagem enquanto ciência se apresenta como arte do cuidado, e o conhecimento em enfermagem se constrói por meio da subjetividade de quem cuida e de quem recebe o cuidado. É necessário o olhar direcionado para as experiências relacionadas a cada existência, na singularidade de cada fenômeno em seu ser (SOUZA; CABEÇA; MELO, 2018).

No caminho de elaboração das perguntas e na busca das respostas em enfermagem, a pesquisa fenomenológica vem se apresentando como alternativa, uma vez que permite ir às-coisas-mesmas, considera o mundo-vida, provoca um novo olhar na busca da destruição da tradição cartesiana, que reduz os fenômenos a objeto e sujeito, fragmentando as possibilidades de vida (PAULA *et al.*, 2012; CORREA, 1997; ANÉAS; AYRES, 2011; TERRA *et al.*, 2006). Para Correa (1997, p. 86) a fenomenologia permite entender “o ser humano vivo com o qual o enfermeiro interage na prática”.

O perguntar, na fenomenologia, se faz para o ente que se mostra, buscando o oculto naquilo que está aparente, não atrás do fenômeno, mas nele mesmo, entendendo o fenômeno no seu manifestar indo às-coisas-mesmas. O fenômeno, desta forma, significa o mostrar-se, revelar-se a si mesmo, dentro de um velamento possível.

Para Gonzalez *et al.* (2012) a partir dos escritos de Heidegger pode-se compreender que a fenomenologia tem como reflexão a possibilidade de um fenômeno encobrir-se a tal ponto de o ser chegar ao esquecimento e que ao ser questionado pode ser desvelado ou não.

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) discípulo de Edmund Husserl (1859-1938), se debruça sobre a fenomenologia Husserliana e a modifica com a criação de um vocabulário próprio, provocando a sociedade contemporânea a refletir sobre o esquecimento do ser, propondo a destruição da tradição metafísica e a elaboração de uma ontologia fundamental que busca não somente o significado, mas levando o homem a se interrogar sobre o sentido do ser.

O livro *Ser e Tempo* publicado em 1927, visibiliza o projeto da Ontologia Fundamental criado por Heidegger. Embalado nos tempos escuros e pesados da guerra, do nacional-socialismo, o filósofo escreveu que a ciência e a metafísica esqueceram a questão do ser e que

esqueceram também deste esquecimento, o ente sendo entendido enquanto ser, tudo se entificando e que era preciso se voltar ao ontológico, ao espanto de um olhar em direção ao fato da própria existência, como também sobre o fato de que qualquer coisa exista (SAFRANSKI, 2005, p. 190).

A temporalidade também embasa Ser e Tempo, uma vez que o ser está na temporalidade, no estar lançado ao mundo, no estar-aí, no ser-aí, então *Dasein*, o ente privilegiado. A essência do *Dasein* está em sua existência, no passar, a vivência do passar sendo ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte, num constante lançar-se, na transcendência.

Ser e Tempo tem sua origem na hermenêutica, na interpretação, pois se consideramos que somos seres determinados por uma existência, se tivéssemos outras formas de ver a vida, nascidos em outros espaços e épocas, seríamos outros e teríamos outras formas de concepção.

Afirmando não possuir obras, mas caminhos, Martin Heidegger enfatiza que o movimento da compreensão de um fenômeno é circular, composto por pré-compreensão, compreensão e interpretação, o Círculo Hermenêutico, possibilitando entender o fenômeno naquilo que se vela e desvela, propiciando ir às-coisas-mesmas.

Em sendo um *Dasein*, aberto as possibilidades, lançada ao mundo, me foi apresentado o referencial teórico-metodológico de Martin Heidegger ao entrar para o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2018.

Entre inúmeros outros entes que me faço ser, formei-me em enfermagem, fato que me proporcionou ser docente de um Curso de Graduação em Enfermagem em uma faculdade privada e ser docente me propiciou também conhecer o mundo da docência, da formação de nível superior e me apresentou o ser-estudante-de-enfermagem.

Este ser-estudante-de-enfermagem me proporciona momentos que trago enquanto ser-docente na minha memória, entre estes, conversas sobre as disciplinas realizadas, sobre as formas de avaliação e o resultado dessas, expectativas e frustrações, convites de honra em formaturas e em particular a realização do trabalho de conclusão de curso (TCC) na fase final da graduação em enfermagem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem normatizam a realização de um TCC, que precisa constar nos Projetos Pedagógicos dos Cursos, como parte integrante da formação do enfermeiro, estimulando o ser-estudante-de-enfermagem a pesquisar, questionar, refletir e criar (SILVA *et al.*, 2009; LIMA *et al.*, 2017; HEYDEN;

RESCK; GRADIM, 2003; CAMILO *et al.*, 2015).

Em minha vivência, as narrativas por parte do ser-estudante-de-enfermagem em relação ao TCC se mostram sempre como um momento de dificuldade, trabalho excessivo, angústia, sofrimento intenso. Em minha pré-compreensão me questionava em relação aos sentimentos relatados, uma vez que as disciplinas cursadas, as orientações em encontros, davam conta de deixar o TCC como uma tarefa a se realizar, um laboratório, uma vez que em sendo enfermeiro, as pesquisas precisariam ser realizadas ao longo da vida profissional.

Para minha entrada no programa de doutorado, apresentei então a proposta de um projeto de pesquisa com o título *Entendimento dos alunos, orientadores e banca sobre a finalidade do trabalho de conclusão de curso em diferentes contextos educacionais*, título este que trazia como solo toda uma construção teórico-metodológica até então vivenciada, como também a necessidade de um caminho a percorrer.

Desde que fui apresentada à fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger venho me debruçando sobre seus escritos, lendo os escritos sobre os seus escritos, e assim lançada minha curiosidade transformou-se em *O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso: O que é possível ver pela janela que se faz aberta*.

O *aluno* passou a ser entendido enquanto ser-estudante-de-enfermagem, uma vez que interpretei não haver possibilidade de separação entre o sujeito e o objeto, pois somos pura intencionalidade, somos essência e a existência nos constitui enquanto ser e tempo.

A *janela que se faz aberta* me faz sentido quando penso que podemos enxergar pelo que a janela nos mostra e a cada movimento que fazemos em um lado, ela nos mostra uma imagem diferente no outro lado. Não poucas foram as vezes em que o ente janela apareceu ao longo do meu caminho doutoral, nas aulas, nas palestras, na vida particular, percebi que vamos vendo a partir do que a janela deixa mostrar.

Desta forma o que antes era disciplina e um trabalho transformou-se em fenômeno e a entrevista fenomenológica apresentou-se como uma forma de desvelar este fenômeno, onde provoqueei a cada ser-estudante-de-enfermagem a encontrar e nominar uma janela que os representasse, e esta janela seria a sua e o representaria enquanto imagem e nome ao longo da caminhada que faríamos.

Definidas as nossas janelas realizamos um caminho para o entendimento da realização do trabalho de conclusão de curso para o ser-estudante-de-enfermagem em sua vida.

MÉTODO

Para a realização de um trabalho a escolha do método se mostra um grande desafio uma vez que contempla a visão de mundo do pesquisador, sua inspiração filosófica, bem como as mais diversas possibilidades do fenômeno (GIL, 1999; MONTEIRO *et al.*, 2008). Considerando estes fatores e a minha trajetória realizei uma pesquisa fenomenológica baseada teórico-metodologicamente nos preceitos de Martin Heidegger.

Neste referencial vivenciei o Círculo Hermenêutico onde a Pré-compreensão é o originário, a concepção e visão prévia do fenômeno a partir de sua forma de ver-o-mundo. A compreensão relaciona-se com a existência, com a abertura do ser humano para o mundo e a Interpretação se funda existencialmente na compreensão e interpretação, uma vez que quem interpreta possui uma pré-compreensão do fenômeno.

O projeto de pesquisa *O ser-estudante-de-enfermagem e o trabalho de conclusão de curso: O que é possível ver pela janela que se faz aberta* foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina com o número CAAE 2 9839820.0.0000.0121. no início do terceiro ano de doutorado, em 2020.

Em a pesquisa e o pesquisador *sendo no tempo*, no mesmo ano de 2020, explode no planeta a COVID-19 transmitida pelo SARS-CoV-2, transformando o mundo, trazendo uma pedagogia cruel para um aprendizado social e mostrando as nossas fragilidades e potencialidades enquanto seres-no-mundo (SANTOS, 2020). Para a coleta de dados convidei dezessete ser-estudante-de-enfermagem que estavam vivenciando a elaboração do trabalho de conclusão de curso na faculdade em que exerço a docência, para uma primeira reunião utilizando a plataforma ZOOM®, uma plataforma específica para reuniões virtuais, em virtude do distanciamento social que a pandemia nos impunha.

Nesta reunião apresentei a pesquisa, os objetivos, o método, a importância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE, bem como, a razão do título e a origem da frase *janela que se faz aberta*. Informei que faríamos uma entrevista fenomenológica e que utilizei a metáfora da janela, explicando que cada ser-estudante-de-enfermagem escolheria um nome e uma figura para sua janela, que o representaria ao longo de nossas vivências na pesquisa e no mundo.

A entrevista fenomenológica consistiu numa possibilidade de encontros e diálogos entre pessoas que geram também possibilidades de captar, conviver e entender o fenômeno (GUERRERO-CASTAÑEDA; MENEZES; OJEDA-VARGAS, 2017). Isto posto, as

entrevistas foram previamente agendadas por telefone ou WhatsApp® e realizadas todas pela plataforma ZOOM®, realizadas em maio e junho de 2020 e se iniciaram com a busca e escolha da janela, após isto, pela resposta à pergunta aberta: Qual o significado do trabalho de conclusão de curso para a enfermagem e para a sua vida?

As entrevistas foram gravadas na Plataforma ZOOM®, os arquivos foram salvos e copiados. Realizei a transcrição das entrevistas no software MICROSOFT WORD®, e após leituras sucessivas e detalhadas realizei a interpretação à luz do referencial teórico metodológico de Martin Heidegger.

RESULTADOS

Experienciando o círculo hermenêutico com estudantes de enfermagem

Na minha Pré-Compreensão entendia o ser-estudante-de-enfermagem como o aluno com as dificuldades de realizar um único trabalho, que anteriormente estudado por ele, tinha um caráter avaliativo, porém consistia em desenvolver algo já estudado, sabido. Acreditava também que o trabalho de conclusão de curso tinha seu papel pedagógico quando membros de uma banca faziam considerações sobre um produto e que este produto era a única *coisa* sendo avaliada, havendo uma clara distinção entre sujeito e objeto.

Para a compreensão realizei entrevistas fenomenológicas com os quatorze ser-estudante-de-enfermagem, que aceitaram meu convite, bem como, autorizaram as gravações e juntos enfrentamos o desafio de realizar entrevistas fenomenológicas por meio de plataformas virtuais.

Continuando o círculo hermenêutico, a interpretação se deu pela revisita, leitura e releitura das entrevistas transcritas do ser-estudante-de-enfermagem nominados por suas janelas, que são: a Janela do Sucesso, Paz e Tranquilidade, Objetivo, Luz da Manhã, Oasis, Reconhecimento, Esperança Um, Desafio, Esperança Dois, Esperança Três, Mudança, Coragem, Paz e a Janela Alegria.

Cada entrevista se mostrou única, amorosa, amiga, íntima à sua maneira, como se espera que uma entrevista fenomenológica ocorra e as janelas trouxeram compreensão, enfeitaram e trouxeram beleza ao momento.

DISCUSSÃO

Para se realizar uma pesquisa em fenomenologia hermenêutica fundamentada em

Martin Heidegger é necessário por parte do pesquisador uma abertura à desconstrução, desconstrução esta que se faz em cada vocábulo, em cada entendimento, em cada passagem.

Iniciei a leitura dos escritos de Heidegger a partir de *Ser e Tempo* no primeiro ano do doutorado (HEIDEGGER, 2015). Concordo com Casanova (2015, p. 9) quando apresenta que apesar de ser controverso e polêmico, seu constante voltar à tradição nos apresenta outro olhar, nos desvela o que já estava encoberto pelo “mundo dos negócios acadêmicos” e por um certo olhar *óbvio* que é preciso vasculhar, desvelar, desestabilizar.

Desta forma, para a realização de uma pesquisa fenomenológica é necessário um olhar diferente, a partir do mundo em que se está inserido, não na separação das partes, como se isto fosse possível, mas muito antes no entendimento de o quanto cada parte está intrinsecamente ligada a outra, visceralmente somos o ser e o tempo, somos pura intencionalidade ontológica.

Este olhar diferente começa a fazer algum sentido para mim, a partir do segundo ano do programa de doutorado, quando além das leituras e diálogos com os pares e a tentativa, muitas vezes fracassada, de trazer para o concreto a radicalidade do pensamento, realizei também seminários no Departamento de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, que por meio de reflexões auxiliaram na tarefa. Heidegger elabora um vocabulário próprio onde cada palavra se mostra como um fenômeno a ser desvelado, sendo levada às-coisas-mesmas.

Em sua vida, fazendo reflexões a partir dos escritos platônicos da antiga Grécia, percorrendo a filosofia medieval e moderna, Heidegger apresenta que toda a curiosidade busca se fazer visível a partir de uma pergunta, sendo preciso que a pergunta seja feita pelo sentido do ser, questão que foi sendo esquecida e considerada supérflua na história do pensamento ocidental, nos faz refletir que precisaremos falar do sentido do ser e não na entificação deste.

Para Heidegger (2015, p. 42) o ente é muitas coisas nos mais diversos sentidos, o ente é “tudo de que falamos, desta ou daquela maneira, ente é o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado...” O ente é tudo aquilo que discorremos, que visamos, que nos comportamos desta ou daquela maneira.

O ser não delimita a região suprema do ente, o ser não é um gênero, não é porque pensamos e conceituamos que as coisas existem, antes vivemos as coisas e depois elas podem ser ditas, conceituar para que se exista é uma destruição que precisa ser feita, é preciso abalar a estrutura e a rigidez da tradição petrificada. Pensada desta forma a destruição não tem a conotação negativa de arrasar a ontologia tradicional, porém questionar e delimitar tal ontologia a ponto de liberar potencialidades que ali se encontram.

Com esse olhar vivencio minha primeira grande descoberta, eu estava fazendo a pergunta separando sujeito-objeto, buscando entender um fenômeno, o trabalho de conclusão de curso em enfermagem, enquanto objeto, estanque, como se ele enquanto ente ou utensílio não fosse transformado pelo sujeito e o sujeito por ele sendo no mundo. O aluno era visto por mim enquanto sujeito, separado do mundo, entificado e aprendi que quando trago o ser-estudante-de-enfermagem com hifens, demonstro o ser lançado ao mundo, com os hifens ligando o sujeito e objeto, aproximando o ser do mundo onde ele vive.

O meu despertar para o sentido do ser se deu quando a pergunta começou a ter outra forma, não mais se encaixando na visão tradicional, transformando-se em outra pergunta, pois para se ter acesso ao ser é necessário um movimento para o aparecimento das coisas, se precisa do modo correto de acesso ao ente privilegiado, perguntante em seu ser, a partir do *Dasein*, ser-ai, presença. A neutralidade do pesquisador exigida na tradição passa a ser percebida como impossível, uma vez que o ser sendo pura possibilidade, está lançado ao mundo e envolvido naquilo que vivencia, e somos mundo, todos nós.

Me deparo com a questão de fazer a pergunta para o ser, pergunta está que será feita ao ente que é o interrogado em seu ser, mas qual ente? Questionamos o ser pelo *Dasein*, o ente privilegiado que nós mesmos sempre somos e que também possui a possibilidade de questionar.

Entendendo que o ser-estudante-de-enfermagem consiste no fenômeno e um ente a ser interrogado, me deparo em como fazer a pergunta? Qual a forma de fazer a pergunta na busca do desvelamento de fenômeno? Como continuar no caminho fenomenológico na busca pelo sentido do ser?

Heidegger nos apresenta o que viemos a nominar de Círculo Hermenêutico onde a circularidade do movimento de compreensão se faz por meio da pré-compreensão, compreensão e interpretação.

A pré-compreensão se constitui na auto compreensão, o que é originário, a concepção prévia, visão ou posição previa. Com sua origem no *Dasein* partir do ente que está como ser-no-mundo compreendendo e interpretando.

Eu convivía com ser-estudante-de-enfermagem expressando continuamente sua tristeza, cansaço, desânimo, desconhecimento ao realizar o trabalho de conclusão de curso (TCC) que a meu ver eram exageradas. Para mim, o fenômeno TCC se constituía num trabalho com passos anteriormente estudados, portanto conhecidos e que tinha como resultado um escrito sobre sua busca, demonstrando a caminhada acadêmica vivenciada nos bancos escolares.

A minha pré-compreensão me levou a querer compreender indagando o fenômeno, e indagar o fenômeno me transformou. Fui olhando e transformando minha pré compreensão que levou a mudança e transformação da minha prática enquanto ser-docente.

Em relação a continuidade do círculo eu precisava passar pela compreensão que, no *existencial* se constitui no ser enquanto existir, rompendo mais uma vez com a fala ôntica de que a compreensão é “estar por cima de...” alguma coisa. Mais uma vez tenho que revisitar a tradição e desconstruir, uma vez que em sendo seres lançados ao mundo em seu tempo, com possibilidade de ser, a concepção/palavra *categoria* não serve ao propósito que se precisa, não há mais como entender assim, pois estamos falando em ser-no-mundo, ser-junto-ao-mundo, ser-com e ser-si-mesmo, impossível de categorizar em virtude de ser lançado ao mundo em um tempo, sendo aberto a possibilidades decorrente deste tempo e desta vivência.

Defini por realizar entrevistas fenomenológicas para a compreensão, uma vez que nestes encontros pode se interrogar, questionar o ser em seu ente, por meio de uma conversa com empatia, com abertura e diálogo, proporcionando o desvelamento do fenômeno.

Em sermos seres lançados ao mundo aberto as possibilidades, vivenciamos na época de nossas entrevistas, o que o planeta estava também vivenciando, a pandemia por SARS-CoV-2 que não permitia os encontros físicos, que proporcionavam as trocas até então pensadas e planejadas. Desta forma utilizamos o meio virtual para a realização das conversas, com profunda troca de percepções e sentidos, onde as entrevistas foram percebidas enquanto um encontro de entes, que utilizando a linguagem buscaram compreender o fenômeno, explorando as singularidades, buscando desvelar o ser.

Cada entrevista foi iniciada com a escolha de uma janela por parte do ser-estudante-de-enfermagem e ao realizar esta ação foi possível perceber a existência onde o *Dasein* se distingue onticamente em seu ser, estando em jogo seu próprio ser, se compreendendo em seu ser, sendo. Para Heidegger (2015, p. 48), a existência é “o próprio ser com o qual a presença pode relacionar-se dessa ou daquela maneira e com a qual ela sempre se relaciona de alguma maneira”. As janelas trouxeram, por meio da entrevista, ao ente privilegiado lançado ao mundo os existenciais do ser-com e ser-para-o-mundo, sendo a questão da existência esclarecida pelo próprio existir.

Na continuidade do círculo, Heidegger (2015) propõe a interpretação que consiste na compreensão daquilo que interpreta, onde toda a perspectiva que se tem consiste em si uma compreensão e uma interpretação. O ser-aí se constitui numa conjugação dele no mundo e sua

interpretação estará impregnada deste mundo. Assim a interpretação explicita a compreensão e ambas partem da estrutura.

As quatorze entrevistas se mostraram únicas, à sua maneira, como se espera que uma entrevista fenomenológica ocorra e as janelas trouxeram compreensão, sentido, enfeitaram e trouxeram beleza ao momento. Me foi apresentada as janelas do mar, praia, natureza, paz, esperança de que trazem sensações, sentimentos e emoções, com o sentido remetendo ao efêmero, etéreo, levando para possibilidades além dos nomes, mas de sentidos.

Para encontrar as unidades de sentido, busquei primeiro compreender o significado do que cada ser-estudante-de-enfermagem trazia sobre o fenômeno, que é aquilo que me foi dito, e enquanto ser aberto às possibilidades assim compreendido busquei o porvir, o sentido que se deu para o fenômeno e para a existência que consiste na interpretação.

Em fenomenologia não há elementos comparativos, não existem categorias, uma vez que somos entes privilegiados e pura possibilidade, lançados ao mundo, olhar e re-olhar cada entrevista, cada ser-estudante-de-enfermagem, se mostrou e se velou fenômenos que a partir da compreensão foram por meio da redução eidética, interpretados, únicos, ônticos e ontológicos.

A partir do círculo hermenêutico, em estando no mundo e sendo-mundo, com-os-outros, enquanto *Dasein*, em tempos de recolhimento em virtude da pandemia, vivenciei uma proposta radical de destruição da tradição a qual estava lançada.

A pesquisa fenomenológica me fez compreender mais aberta a escuta sobre os métodos de avaliação, sobre a orientação de trabalhos, sobre as vivências dos seres-em e seres-com e assim sendo proporciono a interpretação. Ou seja, a minha pré-compreensão me levou a querer compreender o fenômeno, indagando-o, desta forma também me transformando e assim sendo, modificando novamente a minha pré-compreensão, fui modificando a minha prática, compreender o fenômeno, interpretar e transformá-lo a partir desta compreensão faz acontecer o Círculo Hermenêutico.

CONCLUSÃO

Realizar uma tese em fenomenologia hermenêutica heideggeriana na enfermagem exigiu de mim o embrenhar-me em uma outra forma de ver as coisas, conceitos novos, caminhos diferentes, onde o desafio de enfrentar o porvir, sair do lugar comum, conhecer outras áreas de conhecimento, me lançar, foi a proposta feita.

As palavras já não diziam o mesmo, elas faltavam e em assim sendo precisei buscá-las em outras janelas. As janelas se mantiveram sempre presentes como um portal de dois na mundos, um mundo que precisa contar, definir, diagramar e categorizar as janelas e outro que pode compreender e interpretá-las para além do que se mostram.

Além dos desafios individuais conceituais e metodológicos, o planeta vive uma transformação nas relações entre as pessoas, nas possibilidades, na forma dos encontros, nos mostrando por meio de um vírus que somos ser-para-a-morte, além de sermos ser-para-o-mundo, a enfermagem como ciência do cuidado precisou enfrentar o fenômeno na linha de frente.

O círculo hermenêutico propiciou o desvelamento do fenômeno, por meio do ente que mostrava seu ser, ou seja, o ser-estudante-de-enfermagem se fez mostrar-se por meio de suas vivências, historicidade e existência.

Neste solo, a fenomenologia desvelou para mim uma outra luz para o trabalho de conclusão de curso na vida do ser-estudante-de-enfermagem, que vai além do protocolar, da avaliação, do legal, pois por meio do círculo hermenêutico interpretamos o trabalho enquanto processo de vida, objetivo e transformação da vida acadêmica e da vida docente.

A pesquisa fenomenológica demonstrou a possibilidade de ir-às-coisas-mesmas e trazer um outro olhar para o ser-estudante-de-enfermagem por meio do TCC ressignificando minha compreensão pois como apresenta Heidegger (2015, p. 85), “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez mais meu”.

REFERÊNCIAS

ANÉAS, T.V, AYRES, R.C.M. Significados e sentidos das práticas de saúde: a ontologia fundamental e a reconstrução do cuidado em saúde. **Interface: Comunicação e Saúde**, v.15, n.38, p. 651-62, 2011. Disponível em: <https://link.gale.com/apps/doc/A444045832/AONE?u=capex&sid=AONE&xid=0e96a242>. Acesso em: 13 out. 2019.

CAMILO, A.P. T *et al.* Tendências temáticas e metodológicas dos trabalhos de conclusão de curso de acadêmicos de enfermagem. **R. Enferm. Cent. O. Min. Minas Gerais**, v.5, n.3, 2015. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1094/927>. Acesso em: 02 out. 2019.

CASANOVA, M.A. **Compreender Heidegger**. 5.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

CORREA, A. K. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 83-88, 1997. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v5n1/v5n1a10.pdf> Acesso em: 26 out. 2019.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZALEZ, A. D. *et al.* Heidegger's phenomenology as a framework for health education studies. **Interface**, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 809-817, 2012 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 ago. 2019.

GUERRERO-CASTAÑEDA; R.F, MENEZES, T.M.O. OJEDA-VARGAS, M. G. Características de la entrevista fenomenológica en investigación en enfermería. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 2, e67458, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.67458>. Acesso em: 11 nov. 2021.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes/Universitária São Francisco, 2015.

HEYDEN, M. S. T.; RESCK, Z. M. R.; GRADIM, C. V. C. A pesquisa na graduação em enfermagem: requisito para conclusão do curso. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 56, n. 4, p.409-411, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672003000400021>. Acesso em: 03 set. 2019.

LIMA, A. *et al.* Análise dos trabalhos de conclusão de curso de graduação em enfermagem de uma faculdade do interior paulista. **UNIFUNEC Ciências da Saúde e Biológicas**, v. 1, n. 1, p. 16-24, 2017. Disponível em: <https://seer.unifunec.edu.br/index.php/rfce/article/view/2167>. Acesso em: 02 out. 2019.

MONTEIRO, C.F.S. *et al.* Maternal experiences in the reality of having an autistic son: an understanding for nursing. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 61, n. 3, p. 330-335, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

PAULA, C.C. *et al.* Analytical movement - Heideggerian hermeneutics: methodological possibility for nursing research. **Acta Paul. Enferm.**, v. 25, n. 6, p. 984-989, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000600025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

SAFRANSKI, R. **Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SANTOS, B. S. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SILVA, V. *et al.* Análise dos trabalhos de conclusão de curso da graduação em enfermagem da UNIMONTES. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 11, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46897> Acesso em: 30 set. 2019.

SOUZA, M. M, CABECA, L.P.F. MELO, L. Pesquisa em enfermagem sustentada no referencial fenomenológico de Martin Heidegger: subsídios para o cuidado. **Avances en Enfermería**, v. 36, n. 2, p. 230-237, 2018. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002018000200230&lng=en&nrm=is. Acesso em: 28 out. 2021.

TERRA, M.G. et al. Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 15, n. 4, p. 672- 678, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/y5SXYgj5pqcDkQ739y6cH6j/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2019.

5.2 MANUSCRITO 2 - A EXPERIÊNCIA DO SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM E O ENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: O QUE HÁ PARA SE VER PELA JANELA?

A EXPERIÊNCIA DO SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM E O ENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: O QUE HÁ PARA SE VER PELA JANELA?

Objetivo: Interpretar como o ser-estudante-de-enfermagem experiencia o ente trabalho de conclusão de curso em uma escola de graduação em enfermagem

Método: Realizei entrevista fenomenológica com quatorze ser-estudante-de-enfermagem que cursavam o último semestre do curso de enfermagem. Os participantes escolheram seu codinome e responderam à pergunta aberta sobre qual o significado do trabalho de conclusão de curso para a enfermagem e para a sua vida. A análise foi realizada conforme o referencial teórico metodológico de Martin Heidegger tendo como guia o Círculo Hermenêutico.

Resultado: Foram encontradas cinco unidades de sentido, quais sejam, a historicidade do ser-no-mundo como significado de sua existência, a temporalidade do ser-estudante-de-enfermagem, a existencialidade do ser-no-mundo da pandemia, a ocupação como significado de ser-com-os-outros e ressignificando o sentido do ser a partir dos utensílios.

Conclusão: O ser-estudante-de-enfermagem percebe o ente trabalho de conclusão de curso, enquanto a sua existência no mundo, sua historicidade e temporalidade e não como somente uma tarefa a ser realizada.

Descritores: Enfermagem. Pesquisa de Educação em Enfermagem. Pesquisa em Enfermagem. Monografia. Estudantes de Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A fenomenologia hermenêutica apresentada pelo filósofo Martin Heidegger é sempre um perguntar pelo sentido do ser a partir de um ente que se mostra, é ir as coisas mesmas, compreendendo e interpretando o fenômeno a partir de seu desvelamento (POLIT; BECK, 2019), sendo que fenômeno é aquilo que se “revela, o que se mostra a si mesmo” (HEIDEGGER, 2015, p. 67).

Há na pesquisa fenomenológica uma radicalidade que faz necessário o rompimento com a tradição, com a metafísica, com as ciências positivas, levando a uma destruição do

pensamento tradicional, no sentido de perguntar sobre como é possível a dissociação entre sujeito e objeto, uma vez que há uma intrínseca relação entre eles. Desta forma o filósofo propõe a ontologia fundamental, que rompe com a tradicional, buscando descobrir o sentido do ser lançado ao mundo, sabendo que a pergunta se faz a um ente na busca pelo sentido do ser (HEIDEGGER, 2015).

Nesse movimento para a compreensão do ser, é importante mencionar que o ser e o ente são duas possibilidades existenciais, o ente é tudo aquilo que é, ente são as coisas, ente é o papel, o livro, o computador e a caneta sendo ôntico tudo o que existe, o ontológico por sua vez se mostra no “pensar curioso, espantado, assustado, sobre o fato de que eu existo e que qualquer coisa exista” (SAFRANSKI, 2005, p. 190).

No caminho para o ser, conduzido pelo olhar da fenomenologia, a pessoa humana é designada por ‘Dasein’; traduzido como ‘ser-aí’ ou ‘presença’. Este ente privilegiado possui a possibilidade de indagar pelo seu ser, e, se encontra vivendo alguma situação ou significando sua relação com o mundo, a partir do mundo. O ser-aí mora e habita o mundo, porém não só o mundo topográfico e espacial, mas o ser-no-mundo se apresenta como uma totalidade articulada e imbricada, embasada num mundo compartilhado com os outros (HEIDEGGER, 2015).

Para pensar sobre o sentido do ser, desafiando o positivismo cartesiano e as ciências nele fundamentadas, Heidegger (2015) nos leva a pensar na existência. Primeiro existimos para em seguida teorizarmos, o sentido do ser se dá pela sua existência e o nosso já existir; o dá-se no mundo, demonstra o vivencial antes de qualquer reflexão teórica. A analítica do *Dasein* pode indicar o caminho para o problema do ser, pois sendo o único ente que se preocupa e pergunta pelo seu ser, poderá buscar entender a existência humana.

Em sua elaboração teórica acerca da existência, o filósofo propõe uma distinção entre existensivo (*existenzial*) e existencial (*existenzial*), onde, o primeiro se refere à concretude dos problemas relacionados à condição humana, a existência mais imediata dos problemas cotidianos concretos e, para o existencial, apresenta uma reflexão ontológica, sobre os problemas, sobre a existência, onde o *Dasein*, sendo pura possibilidade no mundo, percebe sua finitude e facticidade apontando para uma saída de si e esta “possibilidade é, com efeito, o próprio sentido do conceito de existência” (VATTIMO, 1998, p. 24).

Para Heidegger (2015) o *Dasein* possui três estruturas existenciais sendo: ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte e esta possibilidade, este projeto, do ente tensionado para algo fora de si, ultrapassagem na existência, mostra-se como transcendência,

como um constante lançar-se, que faz uso das coisas do mundo enquanto utensílios. A existência é então constituída de alguma maneira no contexto do lançar-se no mundo, o que pode ser metaforicamente representado por uma janela para o mundo. A janela é uma abertura, uma possibilidade de ser. Nesse contexto, uma janela mostra aquilo que podemos ver no lugar em que estamos e quando mudamos ela nos mostra outro espaço, outro momento, já não somos e não vemos a mesma coisa, mesmo estando no mesmo lugar, somos no mundo vida constantemente ser e tempo.

A motivação para desvelar o ser-estudante-de-enfermagem no contexto do trabalho de conclusão de curso, se deu a partir de minha vivência docente, onde os estudantes manifestavam sentimentos e emoções que muitas vezes denotavam sofrimento por ter a necessidade de realizar trabalho de conclusão como: falta de tempo, choro, nervosismo, apatia e tristeza.

Em minha pré-compreensão acreditava que o trabalho enquanto tarefa, não deveria ser assim tão difícil, uma vez que os mecanismos de pesquisa eram exercitados durante a graduação. Os estudantes eram apresentados às normas técnicas para realização do trabalho, os temas escolhidos por eles tinham uma importância secundária, pois eram para se realizar as buscas nas bases de dados, enfim era um laboratório para a realização de pesquisas ao longo da carreira.

O trabalho de conclusão de curso (TCC) consiste em um dos rituais do mundo da graduação (BRASIL, 2001). Este instrumento tem a responsabilidade de demonstrar que o ser-estudante-de-enfermagem foi apresentado ao mundo da metodologia científica e da pesquisa, e que desta forma percorrerá os caminhos do conhecimento e da busca de soluções para os problemas, conseqüentemente modificando a realidade. Assim usando sua criatividade, há o estímulo e questionamento à reflexão, onde o desafio se transforma em conhecimento (SILVA *et al.*, 2009; LIMA *et al.*, 2013; HEYDEN; RESCK; GRADIM, 2003; CAMILO *et al.*, 2015).

Desta forma neste manuscrito busco apresentar a minha compreensão e interpretação sobre o fenômeno *a experiência do ser-estudante-de-enfermagem e o ente trabalho de conclusão de curso* apresentada pelo ente privilegiado lançado ao mundo-vida que tive a oportunidade de conhecer e conversar na academia enquanto ser-docente.

MÉTODOS

Realizei uma pesquisa fenomenológica hermenêutica conforme o referencial teórico metodológico de Martin Heidegger, sendo a entrevista fenomenológica a forma de coleta dos

dados e o círculo hermenêutico o guia para a análise por meio da pré-compreensão, compreensão e interpretação.

Este percurso tem sua fase de implementação no mês de dezembro de 2019, onde após a qualificação do projeto, ele foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina sendo aprovado sobre o Número CAAE 2 9839820.0.0000.0121.

Para entender o fenômeno do ser-estudante-de-enfermagem e o ente trabalho de conclusão de curso realizei quatorze entrevistas fenomenológicas com seres-estudantes-de-enfermagem que estavam realizando seus trabalhos ou haviam terminado a menos de 4 meses.

Estávamos ainda aprendendo a conviver com o vírus SARS-CoV-2 e havia a orientação sanitária para o isolamento social, desta forma todas as entrevistas foram realizadas pela plataforma ZOOM® entre a segunda quinzena de maio e a primeira quinzena de julho de 2020. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizaram a gravação das entrevistas que foram previamente agendadas por telefone ou WhatsApp®. Realizei uma reunião prévia, também de forma virtual, onde apresentei a pesquisa e minha pré-compreensão em relação ao fenômeno

As entrevistas foram planejadas de forma a que cada ser-estudante-de-enfermagem trouxesse uma figura e um nome de janela que seria a ‘sua’ janela e seu codinome na pesquisa, desta forma o diálogo se iniciava com as falas do *Dasein*, lançado ao mundo, desvelando seu ser a partir do utensílio janela. Além da escolha da janela fiz a pergunta -Qual o significado do trabalho de conclusão de curso para a enfermagem e para a sua vida? Onde o ser-estudante-de-enfermagem foi convidado a apresentar o significado e por vezes o sentido.

As entrevistas fenomenológicas foram transcritas e revisitadas por mim em sua versão de imagem e de escrita, onde alguns entes se desvelaram, alguns existenciais foram percebidos e outros nem tanto, que consistiu em minha interpretação do fenômeno.

RESULTADOS

Nas entrevistas, cada ser-estudante-de-enfermagem trouxe uma figura e o nome de uma janela que apresento na Figura 2.

Figura 2 - Janelas e nomes do ser-estudante-de-enfermagem



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O desvelamento do fenômeno se deu por meio das unidades de sentido nos existenciais ser-no-mundo e ser-com-os-outros. Encontrei cinco unidades de sentido sendo elas: a historicidade do ser-no-mundo como significado de sua existência, a temporalidade do ser-estudante-de-enfermagem, a existencialidade do ser no mundo da pandemia, a ocupação como significado de ser-com-os-outros e ressignificando o sentido do ser a partir dos utensílios.

A historicidade do ser-no-mundo como significado de sua existência foi a unidade de sentido mais presente, e se fez quando para este ser-estudante-de-enfermagem, o seu modo de agir e se relacionar com o ente TCC e com outros entes que fazem em sua história de vida. O ser-estudante-de-enfermagem relatou a insuficiência de conhecimento para realizar o trabalho, resultado de sua presença na graduação sem ter contato com as exigências, normas e regras, para a elaboração do TCC e o entendimento deste *Dasein* se ver enquanto *Dasein*.

[...] chegou a dizer para mim que quando me conheceu não gostava de mim e nos últimos dois semestres a gente não se desgrudou entendeu? Então assim, teve essa percepção, eu pensei, vamos ser ruim para quem é para ser ruim, eu falo assim, volto para trás e digo assim ao meu pai, mas hoje ele me ajuda, de uma certa forma, e qualquer coisa que acontece, que ele tem problema de saúde quem vai socorrer sou eu. Então assim, eu criei uma armadura pela forma de ter sofrido muito novinha, eu sempre digo que eu não lembro das coisas boas que eu vivi quando eu era pequena, eu lembro só das coisas ruins. Acho que por isso eu fiquei assim talvez, ríspida, fechada, mal humorada como me chamavam e com o tempo a gente muda, se a gente realmente quer mudar a gente muda, ou se adapta ao novo mundo, deixei pessoas entrarem em minha volta (Janela Coragem).

[...] Eu quis fazer o TCC neste tema para superar o meu medo, eu fui vítima de violência e vítima de abuso sexual [...] fui violentada e eu queria sarar disso [...]

Como vou poder agir quanto ao alcoolismo, drogadição, para mim este TCC foi como se um curativo de uma ferida minha. Ninguém nunca soube o que houve (Janela Esperança Um).

[...] eu acho que no final, sexta ou sétima fase, que começaram as apresentações, a gente assistia então, eu acho que se eu tivesse percebido antes teria procurado tema, já tentado começar, eu acho que já teria que ter essa disciplina, pelo menos o projeto, a gente teria que ter antes de chegar no final para ter uma noção, pelo menos o projeto eu acho que teria que ser ali pela quarta fase, quinta fase e daí tu já teria uma noção (Janela Alegria).

[...] eu acho que eles tentaram me preparar para o TCC, só que eu não me preparei, não foi culpa deles, foi minha culpa, em meio a esse misto de emoções que passa na minha vida eu não foquei em algumas coisas que eu deveria focar,, na verdade quando a minha tia adoeceu, quando faleceu, quando teve o abandono da minha filha pelo marido dela, quando surgiu a doença do meu marido, do meu filho, quando teve toda a situação minha e do meu marido, de a gente ficar meio afastadinho, eu acho que foi isso (Janela Oásis) .

[...] então o TCC pra mim foi isso, a parte da emoção, de glória, eu consegui, eu cheguei, eu passei, um momento de agradecimento, o TCC é um rito de passagem (Janela Esperança Dois).

Nesta unidade de sentido, entre todas as falas, me chamou especial atenção quando o TCC, para a Janela Esperança Um, se apresentou como uma forma de diminuir/sanar os sofrimentos escondidos no passado, fala esta que tem seu desvelamento por meio da pesquisa fenomenológica.

A temporalidade do ser-estudante-de-enfermagem foi a segunda unidade de sentido encontrada. O ser-estudante-de-enfermagem apresenta o tempo enquanto um dos entes presentes em sua narrativa, tempo este inexistente resultado do acúmulo de tarefas entre a escola, o emprego, a família, as pessoas e as exigências para a elaboração do TCC.

[...] é, eu tive que falar assim, olha [...] a minha parte, para eu poder te ajudar mais, porque eu não tenho esse tempo, começou a me dar um surto. Eu vou ter que sentar-me na frente do computador e decifrar esses artigos que não são brasileiros, vou pagar alguém para poder traduzir isso, para poder te ajudar, para poder te mandar, e então nos ajuda porque facilita também para gente porque não dá, TCC para mim também foi um custo financeiro, porque eu não tinha motivação para aquilo ali (Janela Esperança Dois).

[...] eu acho que é o acúmulo de atividades junto com o TCC em pouco tempo [...] porque são muitas coisas para fazer em praticamente quatro meses, mais ou menos isso (Janela Reconhecimento).

É tudo, ele é muito difícil (o TCC), porque tu vai pesquisar, tu tem que ter tempo, para pesquisar, para montar, para ter um retorno do teu orientador, uma coisa que eu tive bastante dificuldade, porque no semestre passado a minha orientadora era a [...], ela estava com problemas familiares muito sérios, então assim, eu montei todo o meu TCC, eu mandava pra ela, estava viajando, ela estava com problemas com o pai dela doente, a sogra dela estava doente e ela demorava pra me dar retorno, então assim sobre isso, quando ela me deu retorno, faltava poucas semanas pra eu apresentar, eu entrei em desespero, eu digo pelo fato pelo tempo eu não tinha tempo, quando ela

marcava para eu ir na casa dela eu não conseguia ir pelo fato de ter que desmarcar paciente, que eu trabalhava com agenda, não tinha como desmarcar pacientes em cima da hora para me encontrar com ela, e assim é tudo, o tempo que eu não tinha, o tempo que eu não tinha de ir na casa dela, o tempo de pesquisar era uma período que eu estava em estágio, então se torna complicado pelo fato da gente ter pouco tempo pra fazer o TCC, eu acho que é pouco tempo (Janela Esperança Três).

O tempo, eu acho o projeto de TCC deveria ser feito mais à frente e o TCC com um mais um ano, tipo sétima e oitava (fases) abranger o TCC, porque a sétima e oitava tu tem tempo de pesquisar, de refletir, de fazer com calma, porque assim, três, quatro meses tu não abrange tudo, tu sempre fica fazendo correndo, e tu não aproveita, o teu aproveitamento, faz muito correndo, então assim, um tempo maior para trabalhar isso contigo mesmo, pro teu aproveitamento (Janela Paz).

[...] A não...assim...se eu soubesse... não da facilidade porque não posso falar que é fácil, mas que não é tão difícil quanto eu imaginava... é ruim, é ruim, por que é ruim? porque tu tens o compromisso de estar fazendo aquilo ali, está te privando de fazer outras coisas sabe vou falar para ti que durante todo esse semestre eu fiquei... passando o final de semana todo estudando e eu não consegui aproveitar muito tempo com meu namorado não! Se eu falar isto para ti eu vou mentir, mas assim nas últimas duas semanas antes da entrega do prazo do TCC para a banca... talvez nas últimas três semanas eu acabei passando um pouco mais afastada dele (Janela Mudança).

Sendo em sua maioria mulheres, trabalhadoras da saúde, acadêmicas, realizando estágio concomitante, com relações afetivas das mais diversas, o ser-estudante-de-enfermagem relatou inúmeros afazeres uma vez que desempenha ações de diferentes entes. A temporalidade se apresentou como uma unidade de sentido presente, principalmente porque não conseguiam realizar todas as atividades que julgavam necessárias.

Este *Dasein* indagado por meio do ente TCC nos desvela a sua historicidade e temporalidade como unidades de sentido e nos revela também sua existencialidade no mundo da pandemia.

A terceira unidade de sentido denominada de a existencialidade do ser no mundo da pandemia, o ser-estudante-de-enfermagem trouxe a pandemia de SARS-CoV-2 como um ente que modificou a forma de realização dos encontros entre os ser-docentes, ser-estudante-enfermagem e dos entes, redimensionando a relação e as trocas entre estes, também como uma causa de preocupação com o outro e consigo mesmo.

[...] no fim acho que era para a gente ter mudado mesmo, veio o coronavírus, daí mesmo que a gente não ia conseguir [...] tem uma dupla que está passando trabalho, que eles foram aprovados no comitê de ética para fazer pesquisa de campo, veio o coronavírus e agora elas vão ter que fazer um questionário por e-mail para dar para o pessoal responder (Janela Sucesso).

[...] tem bastante coisa que eles não tem noção por causa da pandemia que tivemos que esperar [...] que só a coordenadora resolvia e questão do TCC também eu achei assim que foi muito, a gente teve aula online, e aula online é ruim, aula online não ajuda, não ensina, a aula online a gente só vai lá e lê, entre aspas, porque eu tenho certeza que a grande maioria não lê, aquilo que eles colocam lá, então não ajuda, a

gente aprendeu a fazer o TCC pelo que vocês, junto com a gente passaram agora nessa parte final, mas se fosse depender do que eles deram em aula, não ajuda (Janela Coragem).

[...] ela deixou bem claro que devido essa questão do COVID-19 o pessoal estava bem estressado, sobrecarregado [...] a questão do COVID-19 teve aquele início ali que teve o decreto, a gente ficou sem saber se ia voltar, depois logo em seguida veio outro decreto, a gente colocou ali para fazer a validação, daí a gente selecionou alguns professores da assistência, e demorou um mês para o pessoal dar retorno (Janela Luz da Manhã).

[...] num lado é seguro, é seguro, é bom, é muito bom isso pra evitar, porque hoje a gente não tem condições disso mesmo, a gente tem que evitar o máximo esse contato, um com outro, que a gente não sabe com quem tu falou, com quem tu andou, porque não é brincadeira não e depois que pegar, acontece com A, acontece com B mas ele recuperou mas você não vai recuperar, a gente não sabe, é muito sério isso, a gente pode trazer para nossa família, para os de casa também não é professora, é muito sério, é trabalhar assim num lado é bom saber professora, num lado é bom (Janela Desafio).

[...] então eu solicitei minhas férias para este período justamente para conseguir fazer o trabalho e deu tudo certo, só que bom ou ruim o corona vírus veio, ajudou o TCC e atrapalhou o estágio (Janela Paz e Tranquilidade).

Esta unidade de sentido se mostrou presente nas falas do ser-estudante-de-enfermagem não somente enquanto uma pandemia que pode levar ao adoecimento e morte de outros entes familiares ou que recebem o cuidado, mas também enquanto o mundo conhecido que se desfaz.

Elaborar outras formas de viver e de trabalhar foram necessárias, na existência que precisou ser reinventada, modificada bem como, a necessidade de uma nova forma de viver e trabalhar a ser construída.

Assim encontro a quarta unidade de sentido que apresenta a ocupação como significado de ser-com-os-outros, quando a escolha do tema do TCC se apresenta como uma possibilidade de por meio do ser-enfermeiro, estando e vivendo com o outro, buscar cuidar desse outro.

Aquilo estava me assustando, eu estava recebendo tipo as vezes eram dois por plantão, e toda semana e quase todo dia a gente recebia [...] o que está acontecendo, mas comecei a ficar meio assustada, queria aprender a lidar com ele, a entendê-los, para poder prestar um serviço de qualidade para eles, entendeu, porque como tinha falado [...], tem muito estigma, as pessoas tem muito preconceito, pré-julgamentos, então é muito triste, aquela pessoa está te dando sinal que ela precisa de ajuda, ela está no desespero maior da vida dela, então dizem: ela tá querendo chamar a atenção! se quisesse fazer mesmo tinha feito! Essas coisas [...] me entristece muito sabe, então eu queria estudar mais sobre isso, para poder compreender e poder prestar um atendimento de qualidade para essas pessoas, e buscar estratégias para poder evitar possíveis novas tentativas, mas eu sei que isso eu sozinha não conseguiria, teria que trabalhar com uma equipe agora descobri que tem um grupo de estudo de saúde mental que pode ajudar (Janela Paz e Tranquilidade).

[...], mas o TCC eu não consegui concluir, e eu não quis fazer junto com outra colega o tema dela porque eu achei que eu ia me diminuir entendeu? Eu cheguei até aqui e

eu não vou fazer o meu TCC? Então isso vai entre aspas, mas que profissional que não conseguiu fazer o TCC? Então esses dois anos que eu fiquei juntando dinheiro para voltar e fazer de novo, quando a professora [...], assim falou, tem uma menina que está sozinha, eu falei ótimo, adorei a ideia sabe, eu achei que aquilo era uma coisa errada minha, um pensamento meu errado, que enquanto a gente faz junto, e o profissional quem faz é a gente mesmo não é o que os outros falam (Janela Alegria).

[...] Então esse tema já despertou a minha atenção desde o início do curso, eu vim trazendo até o presente momento para a realização do TCC, toda essa trajetória significa muito pra mim, momento de muito aprendizado, é aonde eu vi realmente nos artigos, é, nos artigos, nas pesquisas, o que realmente essa população passa, por toda a dificuldade, por toda a dificuldade de acesso então eu acho que esse trabalho, o resultado dele no final não vai ser algo grande só pra mim, mas sim uma construção tanto pro meio acadêmico da enfermagem como para a população (Janela Objetivo).

[...] Não porque eu não tinha nem o pensamento de fazer esse tema, minha ideia não era essa, minha ideia era fazer idoso ou alguma coisa relacionada a gestão, mas não [...] comecei depois de um tempo a me identificar um pouco com ele, foi por causa da [...], na realidade a maioria das coisas foi por causa da [...] enfermagem, TCC (Janela Reconhecimento).

O ser-estudante-de-enfermagem desvelou que, existindo num mundo assolado pela pandemia, o TCC também se apresenta como um ente que promove o cuidado-com-o-outro por meio da ocupação, mas que é visto enquanto utensílio por representar uma produção realizada pelos entes privilegiados.

Apresenta-se assim a quinta unidade de sentido denominada de ressignificando o sentido do ser a partir dos utensílios, onde a valoração de todo um emaranhado de significados pode possuir em um valor numérico, que é a nota recebida e a possibilidade de lançar-se na ocupação em decorrência desta nota, o que por vezes leva o ser-estudante-de-enfermagem a cogitar ou realizar o pagamento para que pessoas não participantes do grupo realize o trabalho e que esteja pronto para ser valorado em tempo hábil . O trabalho enquanto utensílio também se apresenta como um produto, que em sendo manuseado pelo ser-estudante-de-enfermagem em duplas ou trio tem sua valoração diferenciada por cada ser a partir de sua temporalidade, existencialidade e ocupação.

Para demonstrar esta percepção, apresento falas de cinco janelas:

[...] espero que seja um dez [...] mas se for uma nota nove ou oito eu vou ficar feliz do mesmo jeito [...] queria um dez mas se não for [...] eu não acho que eu precise de um dez, eu acho que um merecimento pelo esforço, todo esforço que eu e a [...] a gente teve, foi bem estressante, não foi nada tipo, merecimento foi todo meu e dela, a força foi só de nos duas ali lutando e fazendo todo dia [...] se for um oito eu vou ficar um pouco triste, vou querer saber o porquê, eu ia ficar triste né, ia achar que a banca estava de implicância, eu sei lá algo assim porque pelos elogios da [...] e da [...] eu acredito que a gente tem chance de tirar um dez (Janela Sucesso).

E em relação a fazer o TCC em dupla eu acho que deve ser bom estar dividindo uma responsabilidade você não fica se sentindo tão pressionado. E eu vejo como benefício é tu não desistir, sabe não quero mais fazer isto daqui porque tu sabes que tu vais prejudicar uma outra pessoa. Por exemplo se só eu ficasse prejudicada com isso, mas se tu estás prejudicando outra pessoa junto daí já é uma outra situação sabe! só que é o que eu vejo que eu acho para mim seria ruim está fazendo o TCC junto com qualquer outra pessoa porque se eu não confiasse totalmente na pessoa, no que ela poderia escrever se ela iria fazer da forma correta isso me dá muita agonia. Se eu fizesse qualquer pessoa eu ia ficar conferindo a referência para ver se realmente ela estava fazendo realmente a referência se ela colocou uma referência qualquer, enfim... eu fico sempre com um pezinho atrás. [...], Mas eu não imaginava que eu iria conseguir fazer... sempre se fosse perguntar para mim o ano passado eu iria fazer o TCC eu ia te dizer que eu ia pagar para fazer porque eu não acreditava na minha capacidade de estar desenvolvendo um TCC (Janela Mudança).

[...] com esse pouco tempo que a gente teve pra fazer, porque a gente não conseguiu se preparar logo em sequência que saiu do projeto, a gente fez o projeto, ficou um ano parado, acho, um ano e meio parado o projeto, pra depois fazer o TCC, então assim, com esse acúmulo de coisas todas que tem que fazer, eu não espero dez, eu até esperaria, mas eu acho que dez não vai ser, mas assim um oito ou nove mas dez acho que não vai dar não ficou assim perfeito, perfeito entendeu, mais pelo tempo a gente não conseguiu se dedicar totalmente a isso né [...] não digo mais tempo, mas se dedicar somente a esse TCC, sem se preocupar com prova, com atividade, com blog, com palestra, entendeu, acho que se a gente ficasse só com o TCC ficaria perfeito, me dedicaria só naquilo ali, dorme e acorda já pensando no TCC, hoje eu não tenho como pensar nisso, eu fiz uma lista um tempo atras, fiz uma lista pra mim ela está lá no escritório, toda atividade que a gente termina e entrega, a gente coloca ok, e já fala assim, menos uma atividade (Janela Reconhecimento).

Eu espero receber a nota máxima, a nota máxima pra mim é como mostra a Janela Objetivo, a janela do carro, a nota máxima pra mim, ela significa que eu alcancei o meu objetivo, é com excelência, com todas as expectativas alcançadas, concluídas, então acho como eu falei eu gosto muito de buscar as informações e fazer um trabalho de qualidade, então se tem muito esse prazer pela busca, essa motivação pelo tema, essa vontade de fazer, eu acho que acaba a nota máxima acabe sendo uma consequência disso. [...] Se não for um dez com certeza eu vou me sentir triste e eu vou buscar essa informação do porquê que eu não tirei a nota máxima, preciso entender o que levou a não dar esse dez, ou dar um oito, ou dar um sete, porque eu tirei um sete, aonde foi que eu errei, a onde não ficou bom, pra que eu possa nos trabalhos futuros melhorar essa, essa déficit que ficou faltando, ou também se o professor, se a banca não entendeu da maneira que deveria ser interpretado, eu vou também expor essa informação (Janela Objetivo).

[...] Vou ver se acho alguém para fazer comigo, eu poderia pagar, mas achei melhor não. Daí pensei puxa é obrigatório sou obrigada a fazer, pedi ajuda e ninguém me ajudou, me mandaram ir pesquisar. Daí surgiu a possibilidade de entrar outra pessoa [...] Tenho colegas que foram pagar o TCC e depois de pagar a pessoa ela não realizou o trabalho e não quis devolver o dinheiro (Janela Esperança Um).

Realizei quatorze entrevistas fenomenológicas que demonstram que o ser-estudante-de enfermagem se entende como ser-no-mundo e ser-com-os-outros, emergindo cinco unidades de sentido que remetem à existência, sua historicidade, temporalidade, a ocupação, os utensílios em tempos de pandemia.

A realização da pesquisa baseada no método fenomenológico hermenêutico, por meio

do círculo hermenêutico guiando a análise, foi fundamental para o desvelamento das unidades de sentido, me propiciando ir-as-coisas-mesmas.

DISCUSSÃO

A formação em Enfermagem precisa ter uma relação de mão dupla com os processos culturais da sociedade, apresentando o retorno necessário em inovação e tecnologia para intervir na realidade de forma cidadã e para concretizar esta educação, discussões urgentes precisam ocorrer na busca de respostas para que educação se quer, qual a serventia da educação, como estão nossas políticas educacionais e o que precisamos fazer para uma educação que provoque mudanças (BRASIL 2001; PEREIRA, 2013; ERDMANN; FERNANDES; TEIXEIRA, 2011; SEVERO; SIQUEIRA, 2013).

Dentro da formação existente, o trabalho de conclusão de curso se apresenta como uma última avaliação, uma exigência, um passaporte para a formação de enfermagem, formação em que o egresso precisa ser dotado de criticidade, reflexão, humanidade, conhecimento científico e intelectual, sendo ainda necessária a capacidade de intervir na realidade do processo saúde-doença das comunidades, por meio de uma interpretação da sociedade gerando compromisso com a cidadania (BRASIL, 2001; COSTA *et al.*, 2017; FERNANDES; REBOUÇAS, 2013; FERNANDES *et al.*, 2013a; JESUS *et al.*, 2013).

A realização deste trabalho ocorre nos últimos semestres do curso onde o estudante tem, concomitantemente, no seu currículo a realização de estágios obrigatórios, relatórios, disciplinas, que exigem dele uma dedicação quase que exclusiva à academia.

Este ser-estudante-de-enfermagem não tem sua iniciação no mundo-vida a partir da graduação, ele desde sempre fez parte de uma sociedade, com valores e normas, com seu sistema familiar, experiências vividas nas mais diversas fases de vida, sua moradia, seu trabalho e suas dificuldades e facilidades. Não está afeto unicamente as questões da escola, do momento ou de fatores internos e externos da atualidade, ele tem uma existência que o faz ser o que é, sentir o que sente, viver o que vive.

Desta forma uma das dificuldades apresentadas em relação ao ente TCC diz respeito ao entendimento equivocado pela sociedade de que o estudante *está aí para isto*, ou seja, ele precisa unicamente estudar, sem poder se entender enquanto ser em relação ao mundo e aos outros (HEIDEGGER, 2015).

Desta forma vemos o ser-estudante-de enfermagem tenso, angustiado, triste pois

precisa equacionar seu tempo entre os mais diversos compromissos ligados à sua subsistência, seu ofício e de cuidados com os outros em sua família e amigos, ele possui uma vida com-os-outros que não deixa de existir enquanto está na academia.

Este fato se reflete, em que ao ser questionado em relação ao TCC este ser mostrou sua temporalidade e historicidade, trazendo razões diferentes e entendimentos diferentes para um mesmo trabalho. Enquanto uns a representação era o sucesso, outros era a cura, outros ainda o TCC representava a esperança ou então significava um livramento, um rito de passagem. Os relatos do ser-estudante-de-enfermagem são repletos de sentimentos, advindos de pessoas e fatos do passado, sendo que se dá a busca temporal para os significados (KEMPFER, 2012).

Esta temporalidade, em uma forma tradicional de pensar pode ser entendida como a soma de experiências e vivências, como se fossem blocos que vão se sobrepondo, porém entendo que nada há por detrás ou por debaixo, o ser-estudante-de-enfermagem é a própria temporalidade um todo tempo-história.

Neste sentido, para desvelar um fenômeno do ser-estudante-de-enfermagem e o ente TCC, não é possível fazê-lo fragmentando o objeto do sujeito, o homem da mente ou homem e corpo, mas, é preciso entender que são indissociáveis (HEIDEGGER, 2015, p. 54).

Os anos de graduação fazem parte do extensivo e do existencial do ser-estudante-de-enfermagem, sendo preciso pensar, construir e planejar uma formação em enfermagem que questione o entendimento do ser enquanto uma folha de papel em branco a ser escrita, racionalidade presente em nosso tempo-mundo.

O ser-estudante-de-enfermagem percebe o ente TCC como um percurso para a sua formação, parte integrante do seu ser-enfermeiro, que leva a uma educação cidadã como rezam as DCN's, como também por vezes ele entende que é mais um *trabalho* que precisa ser realizado para que possa se tornar enfermeiro.

Entende ainda que para que o trabalho seja reconhecido, precisa ser avaliado com *nota alta* e quando por alguma razão esta nota não se materializa, mesmo com toda a superação dos desafios impostos o sentimento é de fracasso.

O TCC desta forma é entendido enquanto um produto acabado nele mesmo e não enquanto utensílio que representa toda a vivência, dedicação e a manualidade em seu entorno. Para Casanova (2015) os utensílios possuem um uso e significados constituídos por si mesmos e por sua relação de uso com o ser, toda uma totalidade utensiliar que se dá na sua imersão em um campo de uso, o que não ocorre quando o ser-estudante-de-enfermagem pensa em pagar

para que uma outro ser o faça, para tirar uma boa nota.

É preciso superar a prática tradicional e hegemônica difundida da pré-escola à universidade, que acredita em um ensino de qualidade mediante uma avaliação classificatória, que legitima o entendimento elitista e alicerçado no capitalismo, onde notas altas representam bons trabalhos, desta forma desconsiderando a historicidade e existencialidade do ser (HOFFMANN, 2014).

Outro ponto de análise merece atenção, qual seja, a realização do TCC em duplas ou em trio, onde o tema a ser aprofundado decorre da historicidade e temporalidade de um dos ser-estudante-de-enfermagem por meio de sua existencialidade. Esta prática diminui o gasto financeiro da instituição de ensino na medida em que exige menos quantitativo de ser-docente orientador, porém leva ao desinteresse daquele ser-estudante-de-enfermagem cuja historicidade e temporalidade traria um outro fenômeno para a investigação, fenômeno que nasce do modo de ser no mundo e de estar-com-os-outros.

Esta experiência de ser-enfermeiro em sendo ser-no-mundo, lançado ao mundo, indissociável do mundo, necessariamente sendo entendido por meio de sua relação com o mundo, trouxe durante a formação do ser-estudante-de-enfermagem um novo ente, a pandemia.

Inesperada, que não mostra um caminho correto ou outro inadequado, porém exhibe caminhos sendo vividos na cotidianidade, que precisam ser construídos, elaborados, por meio da intrínseca relação com o mundo que não é mais o mesmo, e não se sabe qual é.

O ser-estudante-de-enfermagem inicia as aulas e os encontros de forma virtual, realizados por meio do uso de máquinas, permitindo a representação por seu *avatar* com rosto congelado na plataforma virtual. Não há mais encontros na cantina, não há mais salas de aula a serem habitadas, a ambiente doméstico que antes preservado passa a ser disponibilizado para o mundo, as diversas atividades que antes tinham um ritual, na pandemia se sucedem em um contínuo sentar-se em frente ao computador.

Neste mundo-com de entendimentos medianos de viver a vida, vivenciamos o que Heidegger chama de impessoal, facilitando o viver a vida de forma superficial e mediana até ser despertado pela angústia uma vez que esta rompe com a impessoalidade, levando à estranheza daquilo que era familiar (ROEHE; DUTRA, 2014; HEIDEGGER, 2015).

Em sendo ser-com-os-outros o ser-aí se constitui no cuidar-das-coisas e cuidar-dos-outros, em estando com os outros pode haver um simples estar junto, como uma forma inautêntica de existência, como também, pode-se exercer um cuidar que vai auxiliar na busca

do cuidado próprio, que ele chama de forma autêntica da existência. Deste forma o ser-estudante-de-enfermagem se vê enquanto ser-com-os-outros entendendo no TCC como o ocupar-se na preocupação com o outro, buscar estudar mais para mais poder cuidar, buscar entender mais, se aprofundar para mais ajudar.

O ente janela, nesta pesquisa, desvelou-se como um utensílio generoso que nos leva a uma totalidade utensiliar, onde não estava presente somente à vista, mas como uma rede referencial em jogo, a exemplo do que nos é colocado acerca da natureza no parágrafo 15 de Ser e Tempo, onde Heidegger apresenta que a floresta pode ser desmatamento, o vento é vento “nas velas”, a hidrelétrica é o rio e várias pedras são montanha (CASANOVA, 2015).

Assim as janelas foram para o ser-estudante-de-enfermagem a esperança, alegria, sucesso, oásis, reconhecimento, mudança, desvelando o ontológico de cada ser, onde com olhos voltados para cima o ente privilegiado conseguia desvelar-se ontologicamente.

Realizar esta busca pelo entendimento do fenômeno ser-estudante-de-enfermagem e o ente TCC por meio da fenomenologia hermenêutica heideggeriana me levou a interpretar o equívoco que havia na minha pré-compreensão e que ao longo das conversas com o ser-estudante-de-enfermagem pude perceber.

O TCC não é mero estudo ou laboratório ou ainda o resultado de quatro anos de estudo vivenciados de forma ruim ou boa que culmina em um trabalho a ser apresentado, bem como o ser-estudante-de-enfermagem não é somente o aluno que se senta à nossa frente ou atrás da tela do computador para escutar/receber um conteúdo, o filósofo me provocou a não cair na armadilha desta dicotomia sujeito-objeto ou elaboração de categorias estanques que para serem reais precisam fragmentar.

A partir do significado dado por este ente privilegiado, *Dasein*, presença, busquei o sentido, procurei ir às coisas mesmas, desta forma interpreto que o choro de ser-estudante-de-enfermagem ao relatar a realização do TCC é outra coisa além do utensílio ou o ente, mas resultado de sua relação com o mundo, com as coisas e com a vida e sendo a forma ontológica de ser-com, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte.

CONCLUSÃO

A realização de uma pesquisa fenomenológica demanda uma outra postura, um outro modo de compreensão da vida e das relações, é preciso desconstruir a forma de entender o mundo como ainda é preciso destruir a tradição na qual estamos imersos. É com este solo que

busquei entender o fenômeno da experiência do ser-estudante-de-enfermagem e o ente trabalho de conclusão de curso.

Os relatos desvelaram que o ente trabalho de conclusão de curso não é somente um trabalho, mas resultado da existencialidade do ser-estudante-de-enfermagem em sendo-no-mundo e sendo-com-os-outros e em assim sendo leva ao sofrimento. No mundo contemporâneo, em particular, ainda vivenciamos o ente pandemia por SARS-CoV-2 que trouxe outros desafios experienciados, além da maneira como a educação em enfermagem e a avaliação está configurada na nossa sociedade.

O momento da escolha das janelas mostrou-se singular e deu abertura para a realização da entrevista fenomenológica, que se mostraram leves, amorosas, únicas como único é o *Dasein* que se demonstra em seu ser.

Importante relatar que em relação ao método, as entrevistas fenomenológicas e as consequentes unidades de sentido desvelam a compreensão e interpretação do fenômeno, levando a interrogar a minha pré-compreensão que desconsiderava a intrínseca relação que há entre o ser e a temporalidade, levando a perceber em ato que o ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES no. 3, de 7/11/2001**. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf> Acesso em: 02 out. 2019.
- CAMILO, A. P. T. *et al.* Tendências temáticas e metodológicas dos trabalhos de conclusão de curso de acadêmicos de enfermagem. **R. Enferm. Cent. O. Min. Minas Gerais**, v. 5, n. 3, 2015. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1094/927>. Acesso em: 02 out. 2019.
- CASANOVA, M.A. **Compreender Heidegger**. 5.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- COSTA, R.R.O. *et al.* Positivismo e complexidade: interfaces e influências no contexto do ensino na graduação em enfermagem. **Rev. Baiana Enferm.**, v. 31, n. 1, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/17067/pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.
- ERDMANN, A.L.; FERNANDES, J.D.; TEIXEIRA, G.A. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. **Enfermagem em Foco**, v. 2, p. 89-93, 2011. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/91/76>. Acesso em: 03 set. 2019.

FERNANDES, J.D. *et al.* Aderência de cursos de graduação em enfermagem às diretrizes curriculares nacionais na perspectiva do Sistema Único de Saúde. **Esc. Anna Nery**, v. 17, n. 1, p. 82-89, 2013a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/Hm3jFJYTm779Fq5bdNcHVRH/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2019.

FERNANDES, J. D.; REBOUÇAS, L. C. Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios. **Rev. Bras. Enferm**, v. 66, p. 95-101, set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GZqsmsHGddpqFhBNWHpzs8d/?lang=pt> Acesso em: 03 set. 2019.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes/Universitária São Francisco, 2015.

HEYDEN, M. S. T.; RESCK, Z. M. R.; GRADIM, C. V. C. A pesquisa na graduação em enfermagem: requisito para conclusão do curso. **Rev. Bras. Enferm**, v. 56, n. 4, p.409-411, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672003000400021>. Acesso em: 03 set. 2019.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática de construção da pré-escola à universidade**. 33 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. 189 p.

JESUS, B. H. *et al.* Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 336-345, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

KEMPFER, S. S. **A temporalidade do ser-acadêmico-de enfermagem na experiência de cuidado: Uma interpretação em Heidegger**. 2012. 173 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100416/314136.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 ago. 2019.

LIMA, J.R.N. *et al.* Perceptions of nursing students about the process of health / illness during graduation. **Saúde Transform. Soc.**, v. 4, n. 4, p. 54-62, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-70852013000400010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

PEREIRA, W. R. Produção de conhecimento em enfermagem: transposição e repercussões no ensino de graduação. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 66, n. spe, p. 111-118, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática em enfermagem**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2019.

ROEHE, M. V; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser

humano. **Av. Psicol. Latinoam.**, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jan. 2022.

SAFRANSKI, R. **Heidegger**: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SEVERO, D.F; SIQUEIRA, H.C.H. Interconnection between the history of Brazilian nursing education and the ecosystem thoughts. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 66, n. 2, p. 278-281, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000200019&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 03 set. 2019.

SILVA, V. et al. Análise dos trabalhos de conclusão de curso da graduação em enfermagem da UNIMONTES. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 11, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46897>. Acesso em: 30 set. 2019.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

5.3 MANUSCRITO 3 - A EXPERIÊNCIA DO SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM COM O SER-DOCENTE NO MUNDO DA FORMAÇÃO: O QUE A JANELA DEMONSTROU ALÉM DO QUE SE PROCURAVA VER

A EXPERIÊNCIA DO SER-ESTUDANTE-DE-ENFERMAGEM COM O SER-DOCENTE NO MUNDO DA FORMAÇÃO: O QUE A JANELA DEMONSTROU ALÉM DO QUE SE PROCURAVA VER

Objetivo: Por meio do ente trabalho de conclusão de curso, foi desvelada a experiência do ser-estudante-de-enfermagem com o ser-docente.

Método: Foi realizada entrevista fenomenológica com quatorze ser-estudante-de-enfermagem do último semestre do curso de uma escola de graduação em Enfermagem na Grande Florianópolis. A pergunta realizada buscou desvelar o que significa o ente trabalho de conclusão de curso para a enfermagem e para a vida do estudante de enfermagem.

Resultado: O ser-estudante-de-enfermagem ao ser perguntado sobre o ente trabalho de conclusão de curso, trouxe o fenômeno ser-docente na mundanidade da ocupação, ente privilegiado em sendo-no-mundo é percebido como um auxiliador no mundo da docência como também um ente que frustra e dificulta.

Conclusão: Durante a graduação o ser-estudante-de-enfermagem vivenciou experiências mais diversas com o ser-docente como acolhimento, inspiração, orientação, conhecimento, bem como crueldade e injustiça. O aparecimento do ser docente, por não estar presente na pré-compreensão demonstra a importância da pesquisa fenomenológica, que por meio da destruição da ontologia tradicional, propicia ir-às-coisas-mesmas.

Descritores: Docentes de Enfermagem. Pesquisa de Educação em Enfermagem. Estudantes de Enfermagem. Prática do Docente de Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A ontologia fundamental de Martin Heidegger, filósofo alemão (1889-1976), vem trazer um novo olhar para a forma de se entender e fazer ciência. Com uma proposta radical, Heidegger sugere a destruição da metafísica e da tradição cartesiana e provoca a reflexão quando diz que as ciências positivistas esqueceram da importância da busca pelo ser do ente e esqueceram também deste esquecimento (HEIDEGGER, 2015).

Seu profundo conhecimento da filosofia antiga e medieval adquirida nos seminários católicos e universidades alemãs onde estudou e foi reitor, aliado ao seu interesse pela poesia e linguagem e seu inconformismo com os rumos traçados pela ciência moderna, fizeram de Heidegger um ícone da filosofia contemporânea (SAFRANSKI, 2005).

Para Heidegger, o homem está lançado ao mundo e é pura possibilidade de ser, é presença, é ser-aí, *Dasein*, e assim sendo é o único ente que pergunta pelo seu ser. Para pensar o ser é preciso pensar num ente que se abre para este ser, articulando a si próprio. Em sendo-no-mundo existem os utensílios, que consistem na compreensão do uso de uma coisa, mas também estamos falando do uso que damos a nós mesmos, constituindo nosso próprio projeto com o mundo e no mundo.

Este *mundo fenomenológico* pode ser trazido para a pesquisa em enfermagem, pois para Terra *et al.* (2006) a pesquisa em enfermagem tendo a fenomenologia como referencial teórico metodológico, consegue desvelar os fenômenos, ou seja, ir-às-coisas-mesmas considerando a existência do *Dasein*, a essência e a subjetividade. A enfermagem, por lidar com questões existenciais dos seres humanos que cotidianamente cuida, tem na fenomenologia uma importante contribuição para o seu pensar e o seu fazer, pois para compreender a realidade da cotidianidade no qual somos, é preciso que saibamos mergulhar na subjetividade, que significa fazer ver cada ser a partir de seu ente e sua essência que é a sua humanidade.

Uma área a ser pesquisada na enfermagem corresponde ao ensino, instituído por meio da Resolução CNE/CES No. 3, publicada em 2001 e trata das Diretrizes Curriculares Nacionais da Graduação em Enfermagem. Este documento apresenta quais os conhecimentos, habilidades e atitudes que o ser-estudante-de-enfermagem precisa demonstrar para que atue nos mais diversos cenários de prática. O documento apresenta o professor, ser-docente, com a responsabilidade de ser facilitador e mediador do processo de ensino-aprendizagem, como também orientador em pesquisas e trabalhos a exemplo do trabalho de conclusão de curso, de

caráter obrigatório onde para se tornar enfermeiro o estudante precisará realizar (BRASIL, 2001).

O professor na enfermagem, portanto, ser-docente, vive em uma área de extremo conflito, uma vez que é necessário ser enfermeiro para ser docente, porém não há uma exigência de se possuir a formação específica para ser professor em enfermagem. A percepção que um professor tem de si, das suas atividades reflete na sua identidade enquanto docente, fazem parte deste imaginário a formação recebida, as experiências vivenciadas na prática, o entendimento do que é ensinar e o impacto produzido pela docência (LAZZARI *et al.*, 2019).

Neste trabalho perguntei ao ser-estudante-de-enfermagem sua experiência no ensino da enfermagem mediante a realização do ente trabalho de conclusão de curso (TCC) e em sendo uma pesquisa fenomenológica se desvelou o fenômeno ser-docente nas falas destes seres, fenômeno este que iremos refletir.

MÉTODO

Realizei uma pesquisa fenomenológica baseada no referencial teórico metodológico de Martin Heidegger, a entrevista fenomenológica foi a forma de coleta de dados e o Círculo Hermenêutico o guia para a análise do fenômeno.

O projeto de pesquisa foi apresentado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina no final do ano de 2019 tendo sido aprovado sob o Número CAAE 2 9839820.0.0000.0121 em abril de 2020.

Convidei dezessete ser-estudante-de-enfermagem da última fase de graduação do Curso de Enfermagem de uma faculdade localizada na Grande Florianópolis, que estavam realizando seus trabalhos de Conclusão de Curso naquele semestre.

Aceitaram o convite quatorze ser-estudante-de-enfermagem, tendo estes assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorizado a gravação de imagem e som. Em virtude da pandemia por COVID-19 a reunião de apresentação da pesquisa e as entrevistas foram realizadas por meio de plataforma virtual ZOOM®, agendadas previamente por telefone ou WhatsApp®.

Na reunião de apresentação da pesquisa, orientei sobre a metáfora da janela, onde cada ser-estudante-de-enfermagem na data da entrevista, traria uma figura de janela, bem como um nome que representasse a figura, informei a todos que o nome de sua janela seria seu codinome na pesquisa.

As quatorze entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e junho de 2020 onde como iniciação o ser-estudante-de-enfermagem realizou a escolha de sua figura e nome de janela e relatou a razão da escolha, seguida da pergunta aberta: Qual o significado do trabalho de conclusão de curso para a enfermagem e para a sua vida?

Como nomes de janelas foram escolhidas Janela do Sucesso, Paz e Tranquilidade, Objetivo, Luz da Manhã, Oasis, Reconhecimento, Janela Esperança Um, Desafio, Esperança Dois, Esperança Três, Mudança, Coragem, Paz e Alegria.

As entrevistas foram transcritas utilizando o software Microsoft Word® e as gravações foram armazenadas em HD externo e nuvem, que após leituras e oitivas consecutivas foram listados os resultados e analisado os achados.

RESULTADOS

O ser-estudante-de-enfermagem ao ser indagado sobre o ente trabalho de conclusão de curso e seu significado para sua vida e para enfermagem, se referiu ao ser-docente e suas múltiplas formas de se apresentar e de ser visto no mundo.

Este ser-docente é percebido pelo ser-estudante-de-enfermagem como um mestre que orienta, acolhe, auxilia e inspira, é conhecedor de seu ofício, como também como um ser-aí que desola, comete injustiças, é cruel e não dedica seu tempo de forma a auxiliar o ser-estudante-de-enfermagem no ofício.

Assim pensei em cinco unidades de sentido que podem trazer estes sentimentos e percepções, quais sejam 1) Ser-docente orientador, acolhedor, auxiliador e inspirador; 2) Ser-docente conhecedor; 3) Ser-docente desolador; 4) Ser-docente cruel e injusto e 5) Ser-docente sem tempo e confuso.

Na primeira unidade de sentido o ser-docente realiza ações e se mostra orientador, acolhedor, auxiliador e inspirador. Este professor representa para o ser-estudante-de-enfermagem um ser a se espelhar pelas suas atitudes e habilidades, ele acolhe as necessidades do ser-estudante-de-enfermagem e está disponível para conversar, dirimir dúvidas, está presente. Tem amor pelo que faz, apaixonado estimulando os que estão à sua volta, é um exemplo a ser seguido. Está sempre disposto a trocar ideias, é receptivo, desperta um sentimento de agradecimento, provoca a reflexão, se apresenta como ser-com-os-outros.

[...] eu quero agradecer, agradecer tudo que [...] fez e se dedicou, todo o aprendizado que saiu de [...] foi muito importante (Janela Alegria).

[...] que professores muitos podem ser, dizem que são professores, mas mestres são

poucos, são poucos que são mestres de verdade [...] falo verdadeiramente de professores que me marcaram. Que eu vi que são mestres, que vem apaixonados para a sala de aula, que vem entusiasmados para sala de aula, [...] não foram todos, mas eu tive grandes mestres que me inspiraram, que me incentivaram, cada um trouxe uma coisa assim, essa paixão, esse entusiasmo, esse amor pelo ensinar, por repassar o conhecimento (Janela Esperança 2).

[...] eu estou agradecida por me fazer ter [...] como professora também foi a professora mais diferente. Houve algumas professoras que chamaram atenção, mas se for qualquer outro aluno assim qualquer pessoa fala bem da [...] normalmente não faz aquela aula maçante porque faz em roda é uma aula bem dinâmica. Acho que vou sentir um pouco de falta da faculdade (Janela Mudança).

[...] os professores foram essenciais na nossa vida acadêmica porque são parte de tudo, tem uns que a gente vê mais assim no contexto, amizade como pessoa, como profissional tu te espelhas [...] tem muitos ali que passaram pelas nossas vidas [...] e para mim os professores ali foram essenciais, essa última que passou, nesse último semestre, a professora [...] o professor [...] que pessoas maravilhosas (Esperança Três).

[...] a gente ali andando lado a lado, desde o início [...] foi uma das únicas professoras que acompanhou a gente do começo ao fim, então só tenho a agradecer e espero daqui algum tempo que a gente se encontre lá na estrada da vida (Janela Coragem).

A segunda unidade de sentido diz respeito ao mestre conhecedor que tem amor pela sua área e reflete este gostar, conhece seu trabalho e a rede de atenção à saúde para poder auxiliar o ser-docente-de-enfermagem na construção do seu ofício.

[...] para mim é uma deusa né, adoro, acho ela maravilhosa, muito inteligente, enfim, uma querida, só que assim, e ela também era tão apaixonada pelo assunto (Janela Esperança Dois).

[...] então a professora [...] que é a nossa orientadora, entrou em contato com a professora [...] que trabalhou no [...], e ela conseguiu o contato de uma enfermeira e essa enfermeira está ajudando a gente, a gente fez um questionário através Google Docs. e precisamos rapidamente que os questionários sejam respondidos (Janela Luz da Manhã).

[...] Ontem a gente teve reunião com os professores, daí a gente fez meio que uma apresentação, o bom é que se a gente pudesse fazer sempre isso, uma pré apresentação, para que eles vissem (Janela Paz e Tranquilidade).

Como terceira unidade de sentido temos o mestre desolador que por suas atitudes leva o ser-docente-de-enfermagem a falar sobre vontade de desistir do curso de não participar das aulas. Para o estudante, este ser-docente não pensa sobre a sua atitude, não leva à reflexão, demonstra superioridade, desmotiva, realizando unicamente cobrança de conteúdo.

Eu acho que esta correlacionado, essa questão da esperança, porque quando tu começa a faculdade, e que vem alguns obstáculos iniciais, eu fui uma pessoa que no início, assim que eu comecei, eu me frustrei com uma professora eu senti vontade imediata de desistir [...] do que os professores representam na vida acadêmica, para a gente, e o quanto eles podem enriquecer essa caminhada como também podem destruir, manchar a imagem ou fazer desistir, como muitos desistiram por causa da

professora que eu sei, eles ficaram assustadíssimos, e realmente, passava um aluno ou dois, o resto rodava a sala inteira e a conduta e a maneira dela, era desmotivador (Janela Esperança Dois).

Assim teve professores ali que passavam, davam somente matéria, tu chegavas, tu estudavas, tu via aquela matéria, mas tu não tinhas vontade de aprender, eu via assim uma aula da professora [...], eu não digo que a professora [...] seja má professora, que é uma baita professora de conhecimento, só que pra mim a forma dela de passar o conhecimento não deu certo (Janela Reconhecimento).

[...] que eu tive uns professores que assim não são seres humanos, não são, que me desanimou, até agora eu estudo para fazer uma prova. eu não estudo além disto. Nos últimos anos, da partir da sétima, oitava eu não estudei mais, sem vontade nenhuma, nenhuma, nenhuma, eu desanimei na área da saúde, com pessoas assim (Janela Paz).

A quarta unidade de sentido apresenta a face do ser-docente como mestre cruel e injusto. O ser-estudante-de-enfermagem ao conviver com este mestre se sente humilhado, não ouvido e não se sente avaliado de forma correta.

[...] ela tentou me prejudicar, como prejudicou alguns de nós, e eu não consegui nem passar bem na prova, e eu senti que eu fui bem, só que tinha ocasiões no estágio que algumas palavras eu desconhecia, eu procurava no celular, pra mim me atualizar e responder a coisa certa e ela passou para as professoras que eu mexia muito no celular, porém eu estava para poder responder a altura do que ela esperava de mim, eu queria corresponder a expectativa dela e foi aonde que eu me perdi, foi me entristecendo e fui reprovada [...] tu estás num lugar, sentada naquele lugar, gosto de sentar no cantinho, porque eu sempre trago muita coisa, é lanche, é bolsa, sempre gostei de ficar no canto e a professora sempre me mudava e eu parecia com aquela formiguinha que sempre andava no trilho que passaram o dedo e perdeu o trilho, era assim que eu me sentia, eu me lembro do dia que a professora [...] me tirou do lugar (Janela Oásis).

[...] eu perguntei para que seria a medicação, porque eu não conhecia, não sabia, não sabia qual era a dosagem, se tu não está ali como aluno o teu dever é perguntar, tirar tuas dúvidas e foi um professor para mim e disse que quem estava ali para fazer pergunta era ele, não era eu que deveria fazer perguntas, aí eu fui bem grossa! No meu ver, eu não sei se fui grossa, eu sei que eu virei e respondi: não, se tu está como professor é para tu tirar a dúvida de quem tem e se tu estás aqui para não tirar a dúvida da pessoa, tu não serves para nada, eu me recuso a fazer! E eu não fiz eu continuei: não vou fazer, porque eu vejo minha mãe, vejo o meu pai no outro lado fazendo uma medicação que eu não sei (Janela Esperança 3).

[...] porque esperaram eu fechar o estágio para dizer que eu não havia passado. Eu sofri bullying no estágio, eu e os outros alunos pelos supervisores de estágio, chamaram atenção de uns na frente dos outros e foi pedido para não passar em frente (Janela Esperança 1).

[...] Isso para mim é humilhação, é tu fazer uma coisa, está em campo e a pessoa começar a gritar contigo, isso já aconteceu comigo, então isso para mim, eu acho que, nem pai e mãe se deve, a gente autoriza um pai e uma mãe gritar, não um estranho, então assim, quando a gente diz, pede respeito a gente tem que ser respeitada. Na área da prática, por serem professores que estão ensinando prática, que eles acham que ali podem pintar e bordar e tu tem que ficar quieta, e não é assim... [...] ou o professor, tu está fazendo alguma coisa, tu tem dificuldade e o professor está atrás de você, acha não vê né, fazendo caras e bocas, para a sala toda ficar rindo atrás de ti, porque você está falando um com dificuldade, gaguejando,

meia trêmula, porque tu fica, mas não tem necessidade de ficar debochando, e isso eu presenciei, então tem coisas que marcou muito e que vamos levar para o resto da vida isso, não só eu, como todos que passaram por isso (Janela Paz).

A quinta unidade de sentido diz respeito ao entendimento do ser-docente enquanto mestre sem tempo e confuso. Em relação a esta unidade de sentido o ser-docente é percebido pelo aluno como alguém que, mesmo tendo esta responsabilidade, não auxiliou na elaboração do TCC por estar passando por problemas pessoais, ou ainda porque não mantém uma linha de raciocínio na condução do aprendizado.

[...] ela é professora referência, mas eu achava o jeito dela muito atrapalhado entendeu, a gente não entendia nada, a gente chegou no zero, chegamos ali e era uma orientação em grupo de TCC, foi muito ruim, porque cada um era um tema diferente, coisa muito bagunçada, eu fiquei bem confusa no projeto, eu tinha várias dúvidas, e a professora estava perdida neste meio (Janela Sucesso).

[...] ela estava com problemas de doença na família e ela demorava pra me dar retorno, não tinha tempo de me responder, porque ou ela estava cuidando do [...], ou ela estava viajando para cuidar da [...] assim, quando a eu chegava assim, quando a [...] não me respondia, eu infernizava a vida dessa mulher, de manhã, meio dia, de tarde, de noite, eu mandava e-mail, mandava mensagem, dizia: professora eu não consegui fazer o que tu me pediu, mas assim, eu vou conseguir fazer eu te mando e te aviso, porque eu não conseguia, eu não tinha tempo [...] (Janela Esperança Três).

[...] foi uma bagunça, uma bagunça, ela marcava conosco um negócio, ela vinha na outra aula não lembrava, mudava tudo de novo e daí ela dizia que estava bom, quando olhava novamente estava tudo ruim, pensei cara é de lua e dizia pra gente arrumar tal coisa a gente arrumava, ela dizia que já fez arrumação...muito difícil (Janela Desafio).

A partir das cinco unidades de sentido, o ser-estudante-de-enfermagem lançado ao mundo, sendo pura possibilidade com sua vivência e constituição, relatou as suas experiências com o ser-docente gerando a admiração, exemplo a ser seguido no ofício, como também um ser que por suas ações e modos de conduzir, geram no estudante a vontade de não seguir o caminho.

DISCUSSÃO

A fenomenologia, enquanto referencial teórico e metodológico de pesquisa apresenta uma ontologia fundamental que faz crítica ao esquecimento pela busca do ser, diferindo da forma tradicional representada pelas pesquisas positivistas, que entificando tudo, estuda os entes como se fossem o ser.

Como curiosidade inicial busquei entender qual o significado do trabalho de conclusão de curso para o ser-estudante-de-enfermagem, uma vez que ao orientar a realização deste trabalho eu percebia tristeza, cansaço, sofrimento, choro, desânimo nas expressões e nas faces

desse estudante. Buscando ir-às-coisas-mesmas perguntei a esse ser o significado do TCC para sua vida e percebi que o ser-docente se fazia presente das mais diversas formas no fenômeno e, visto como um ser que auxilia e como um ser cruel. O ser-estudante-de-enfermagem trouxe o ser-docente como um dos entes mais presentes em sua fala, como um caminho a ser seguido, como uma inspiração ou ainda como um ser desolador, cruel e injusto.

Para Heidegger (2015, p. 113) a ontologia tradicional não considera o Dasein como ser-no-mundo e “salta por cima do fenômeno da mundanidade”, entendendo o ente intramundano, as coisas, como o ser, além do mais ao realizar a categorização não permite demonstrar a mundanidade, sendo necessário o uso de outra ontologia.

Assim fazendo, ou seja, utilizando uma pesquisa que busca o sentido do ser, percebi que o ser-docente se apresentou como um fenômeno a ser discutido, aspecto que em minha pré-compreensão não se fazia presente, não fazia sentido.

Dentre as diversas facetas apresentadas pelo ser-estudante-de-enfermagem em relação ao ser-docente, entendi que o estudante vê em seu professor um modelo para a profissão, uma pessoa que pode por meio do exemplo fazer exercer seu ofício com amor, que mostra a importância do conhecimento, que é empático, que se preocupa com os outros, que o trata com respeito. A representação do ser-docente para os estudantes demonstra a mundanidade como um conceito existencial ontológico, ou seja, em estando no mundo este professor poderá ser-com-os-outros, uma vez que a existência é um projeto que se constitui aberto para fora e negar o outro é negar a própria existência.

O ser-estudante-de-enfermagem vê também o ser-docente a partir da ocupação, por meio do desempenho de ser o que se é, no mundo com o ente intramundano. Assim este estudante percebe seu professor como um mestre conhecedor de seu ofício, que ama o que faz e demonstra isto em ato, tem consideração pelo cuidado e pode ser um auxiliador na construção da carreira do ser-estudante-de-enfermagem, pois para Heidegger (2015) lidamos com o mundo por meio da ocupação.

Em contrapartida o estudante percebe também este ser-docente como fonte de sofrimento na medida em que o humilha, não o ouve e não realiza a avaliação com um caráter formativo, não o leva à reflexão e o desmotiva. Muitos relatos foram trazidos com estas características do ser-docente que em estando-no-mundo, tem a ocupação como uma forma de lidar com o ser-estudante, porém, que cuidado é esse que está sendo experienciado, quando gera estes sentimentos no ser-estudante-de-enfermagem? (FERNANDES PEREIRA *et al.*, 2014).

O ser-docente tem sido uma causa de adoecimento e stress nos estudantes, demonstrando a importância de se refletir mais sobre este no mundo-da-formação. Os professores por vezes realizam exigências que causam intimidação nos estudantes, fazendo com que não se crie uma boa relação, e no que concerne ao método de ensino é preciso utilizar metodologias ativas mais horizontalizadas que levem o estudante a participar ativa, critica e reflexivamente na sua formação o que leva ao exercício da autonomia e da segurança (COSTA *et al.*, 2018).

Interpretei que o ser-estudante-de-enfermagem não percebe o trabalho de conclusão de curso somente enquanto um ente intramundano, mas como um utensílio, que é algo constitutivo de seu viver no mundo e que constitui o mundo da ocupação em conjunto com o ser-docente. E quando considero minha preconceção em relação ao ente TCC percebo o quanto ir-às-coisas-mesmas, ao ontológico, faz vermos o que estava velado.

O trabalho de conclusão de curso não é um mero trabalho, ele possui uma rede de significados que na medida em que é realizado pelo ser-estudante-de-enfermagem, este ser também vai se modificando a partir do uso deste utensílio, e em sendo-no-mundo o ser-docente faz parte deste processo. As coisas do mundo, não são meros objetos, não são de dominação do sujeito sobre as coisas, o utensílio, coisa de uso, possui uma rede própria de significados que não é determinada só por quem o usa, mas o utensílio se mostra e depende também do utensílio a instauração de significados, há assim uma constituição intrínseca, visceral das coisas, não tem o que vem antes ou depois, tem o ser-aí.

O ofício e o utensílio podem ser demonstrados pelo exemplo do jardim e de seu jardineiro, que só se faz jardineiro na medida em que zela pelo jardim, cuida dele, semeia, irriga e poda, o jardim também só acontece por meio dos cuidados do jardineiro. “Ele se faz aberto para todas as necessidades de que o jardim possa carecer. Se esse jardineiro se colocar disposto em cuidar do jardim, de “fazer” o jardim, ele conseqüentemente se faz – constrói – a si mesmo como homem (existente) e como jardineiro” (SANTOS, 2007, p. 4).

O trabalho de conclusão de curso enquanto utensílio, precisa que o ser-estudante-de-enfermagem esteja aberto a tudo que dele necessitar e lhe for necessitado, se constituindo enquanto enfermeiro. Ele se dá com o ser-docente que precisa fazer deste utensílio, uma construção de si mesmo como um professor autêntico em sendo-com-os-outros e sendo-no-mundo.

CONCLUSÃO

A realização do trabalho de conclusão de curso pelo ser-estudante-de-enfermagem, na graduação, se mostra como uma das condições para a formação em enfermagem e o ser-docente foi apontado como um dos entes que podem auxiliar ou dificultar tanto a realização do trabalho quanto para a formação do enfermeiro.

A pesquisa fenomenológica se apresentou como uma formas de se ir-às-coisas-mesmas, pois mesmo sem haver a menção sobre o ser-docente na pesquisa, o professor se mostrou presente nas falas dos estudantes convidados a responder sobre o significado do trabalho de conclusão de curso para sua vida.

Este professor pode ser um auxiliador no processo da formação, sendo acolhedor, conhecedor, auxiliador deste ser-estudante-de-enfermagem como também um ser injusto e cruel que o faz querer abandonar o ofício.

Pesquisar sobre o utensílio trabalho de conclusão de curso demonstrou a importância dos professores e estudantes ser-no-mundo e ser-com-os-outros para desempenharem a ofício da enfermagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES no. 3, de 7/11/2001**. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

COSTA, C.R.B. *et al.* Percepções de discentes de enfermagem sobre fatores geradores de estresse durante a graduação. **Rev Rene**, v.19, e3442, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/33471>. Acesso em: 03 set. 2019.

FERNANDES PEREIRA, F.G. *et al.* Avaliação do estresse na inserção dos alunos de enfermagem na prática hospitalar. **Invest. educ. enferm**, Medellín, v. 32, n. 3, p. 430-437, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072014000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes/Universitária São Francisco, 2015.

LAZZARI, D.D. *et al.* Entre os que pensam e os que fazem: prática e teoria na docência em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 28, e20170459, 2019. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100393&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 fev. 2022.

SAFRANSKI, R. **Heidegger**: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SANTOS, L.A. O fenômeno da abertura como modo de manifestação do ser. **Existência e Arte: Revista Eletrônica do Grupo PET**, v.3, n.3, 2007. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/FENOMENO%20DA%20ABERTURA%20COMO%20MODO%20DE%20MANIFESTACAO%20Leandro.pdf. Acesso em: 13 out. 2019.

TERRA, M.G. *et al.* Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 15, n. 4, p. 672-678, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2019.

6 E A JANELA SE MANTÉM ABERTA

“Por mais elucidadora que possa parecer a diferença entre o ser da presença que existe e o ser dos entes não dotados do caráter da presença (ser simplesmente dado, por exemplo) ela não passa de um *ponto de partida* da problemática ontológica”.
(HEIDEGGER, 2015, p. 534)

Ao colocar que a janela se mantém aberta como título destas notas finais, busco manter a congruência com o que foram esses quatro anos de minha existência e que como nos provoca Heidegger (2015, p. 534) isso não passa de um “ponto de partida” da problemática ontológica.

Sou professora na graduação em enfermagem há dez anos e ao iniciar o doutorado a minha curiosidade se direcionava para as razões de tristeza, desânimo, choro do estudante de enfermagem, ao realizar o trabalho de conclusão de curso, sobre a orientação docente, não poucas vezes sob a minha orientação.

Na época eu partia do pressuposto que estes estudantes tinham sido apresentados para todas as variáveis necessárias à realização do trabalho, contactado ao longo do curso com o tema, com a metodologia, com as normas, realizado outras pesquisas, conhecido os professores e escolhido um foco de estudo. Me parecia que as dificuldades poderiam ser em relação ao cronograma ajustado ou ainda na dificuldade de escrita para a realização da pesquisa e que equacionando estes problemas o sofrimento seria menor.

Para entender o fenômeno tinha como objetivo realizar uma pesquisa qualitativa, porém não imaginava realizar por meio da fenomenologia hermenêutica, uma vez que o meu conhecimento acerca do referencial teórico-metodológico era bastante limitado, entretanto a oferta e o desafio lançado pelo programa de pós graduação em enfermagem me convocou a fazê-lo.

Foi e está sendo uma constante reflexão e mudança no que diz respeito ao meu entendimento sobre a ciência, sua configuração, sua organização e penso que ao longo deste trabalho deixei estas reflexões aparentes.

Conhecer um novo vocabulário onde o antigo já não mais cabe, muitas vezes me deixa parada olhando o cursor do computador piscando e os olhos tentando trazer das mãos o vocábulo apropriado para aquilo que se faz ver pela janela este ente janela que me acompanhou ao longo deste trajeto e que se faz presente nas partes desta tese.

Após a definição e a realização da pesquisa por meio da fenomenologia hermenêutica

como teoria e método, percebi que não caberia outra forma de investigar este fenômeno, uma vez que ao se desvelar trouxe questões do ser-estudante-de-enfermagem em sendo-no-mundo e sendo-com-os-outros.

O estudante passou a ser entendido como ser-estudante-de-enfermagem, uma vez que o hífen nos dá a possibilidade de entender que há uma visceral ligação entre o sujeito e o objeto, nós somos o ser e o tempo. Este ser-estudante-de-enfermagem que tive o privilégio de entrevistar, não se resume no ente estudante que pensava eu anteriormente, ele é um ente de um ser, um *Dasein*, pura possibilidade de ser, que na existência me apresentou questões outras que eu não trazia em minha concepção.

Como método de coleta realizei entrevista fenomenológica onde o ser-estudante-de-enfermagem respondeu à pergunta aberta sobre qual o significado do ente trabalho de conclusão de curso para sua vida. A entrevista se mostrou intensa, profunda e íntima mesmo utilizando uma plataforma virtual, em virtude dos tempos de pandemia.

O círculo hermenêutico enquanto guia para o entendimento do fenômeno trouxe a existência do ser, sua historicidade e vivências, bem como a fenomenologia foi um potente modo de ir-às-coisas-mesmas e iniciou um processo de ressignificação para mim do fenômeno que eu buscava entender.

Como resposta ao questionamento do significado do ente trabalho de conclusão de curso encontrei cinco unidades de sentido, sendo elas a historicidade do ser-no-mundo como significado de sua existência, a temporalidade do ser-estudante-de-enfermagem, a existencialidade do ser no mundo da pandemia, a ocupação como significado de ser-com-os-outros e ressignificando o sentido do ser a partir dos utensílios.

Assim a historicidade do ser-estudante-de-enfermagem suas vivências no mundo são relatadas quando se pergunta do ente, a escolha do tema, as experiências vivenciadas, o tempo cronológico escasso, as inúmeras tarefas a serem desempenhadas, a enfermagem como forma de cuidado e o trabalho de conclusão de curso visto como utensílio para o aprofundamento do ofício.

Na mundanidade da educação o ser-estudante-de-enfermagem mostra o ser-docente como um ente privilegiado que pode auxiliar neste mundo da formação sendo acolhedor, orientador, inspirador e conhecedor como também é entendido como cruel e injusto.

Diante dos desvelamentos consegui interpretar que o ser-estudante-de-enfermagem em ser questionado por meio do ente trabalho de conclusão de curso apresenta seu ser-com-os-

outros e ser-no-mundo e que o que o faz sofrer não é o TCC e sim a sua mundanidade.

Penso que a enfermagem por ser uma ciência com a responsabilidade de cuidar dos seres, precisa fortalecer a apropriação da fenomenologia hermenêutica enquanto referencial teórico-metodológico, muito há que se estudar e descobrir em relação ao ser quando perguntamos a um ente e por vezes ficamos somente com as respostas dos entes.

Não sou mais quem eu era e não serei amanhã quem fui hoje, não por sobreposição de saberes, mas por transformação, pois como fala o mestre: “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez mais meu” (HEIDEGGER, 2015, p. 85).

FIGURA 3 - Martin Heidegger.



Fonte: RAMIREZ-PEREZ; CARDENAS-JIMENEZ; RODRIGUEZ-JIMENEZ, 2015.

REFERÊNCIAS

ABEN. Associação Brasileira de Enfermagem. **ABEn contra retrocessos na formação em enfermagem**. 2021. Disponível em <https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2021/05/Manifesto-DCN.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

ADAMI, E.K; TEIXEIRA, E. A qualidade da educação em tempos de novas Diretrizes Curriculares Nacionais. **Rev Bras Enferm.**, 71, suppl 4, p. 1570-1, 2018. Disponível em: <http://reben.com.br/revista/artigos/?volume=71&ano=2018&numero=10&item=1485>. Acesso em: 19 jul. 2021.

ALMEIDA, L.Y. *et al.* Avaliação do apoio social e estresse em estudantes de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 52, e03405, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100469&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 set. 2019

ANÉAS, T.V, AYRES, R.C.M. Significados e sentidos das práticas de saúde: a ontologia fundamental e a reconstrução do cuidado em saúde. **Interface: Comunicação e Saúde**, v.15, n.38, p. 651-62. 2011. Disponível em: <https://link.gale.com/apps/doc/A444045832/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=0e96a242>. Acesso em: 13 out. 2019.

ANTUNES, F. A nova ordem educativa mundial e a União Europeia: a formação de professores dos Princípios Comuns ao ângulo português. **Perspectiva**, v. 25, n. 2, p. 425-468, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1818/1582>. Acesso em: 10 set. 2016.

ASSIS, P.Y.S. *et al.* Qualidade de vida de estudantes da graduação em enfermagem: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 5, n. 03, p. 2115-36, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/698>. Acesso em: 03 set. 2019.

BAMPI, L.N.S. *et al.* Nurse undergraduate students' perception of quality of life. **Rev. Gaúcha Enferm.**, v. 34, n. 2, p. 125-132, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

BARBOSA, M. F. A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia. **Psicol. cienc. prof.**, v. 18, n. 3, p. 2-13, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2019.

BETTANCOURT, L. *et al.* Nursing teachers in clinical training areas: a phenomenological focus. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 19, n. 5, p. 1197-1204, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000500018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

BRAGA, T.B.M; FARINHA, M.G. Heidegger: searching for sense for the human existence. **Rev. Abordagem Gestalt.**, v. 23, n. 1, p. 65-73, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES no. 3, de 7/11/2001**. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho de Saúde. **Moção de apoio nº 004, de 25 de maio de 2021**. Disponível em: <https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2021/05/Mocao004.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho de Saúde. **Resolução nº 573, de 31 de janeiro de 2018**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso573.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

BRASIL. Casa Civil. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 02 out. 2019.

BUBLITZ, S. et al. Association between nursing students' academic and sociodemographic characteristics and stress. **Texto Contexto Enferm.**, v. 25, n. 4, E2440015, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000400327&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

CAMILO, A. P. T. et al. Tendências temáticas e metodológicas dos trabalhos de conclusão de curso de acadêmicos de enfermagem. **R. Enferm. Cent. O. Min.**, v. 5, n. 3, 2015. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1094/927>. Acesso em: 02 out. 2019.

CAPONI, S. COVID-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, n. 34, v.99, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2021.

CASANOVA, M.A. **Compreender Heidegger**. 5.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

CHAVES, S. E. Os movimentos macropolíticos e micropolíticos: no ensino de graduação em Enfermagem. **Interface**, v. 18, n. 49, p. 325-336, 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000200325&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

CODATO, L.A.B; GARANHANI, M.L; GONZALEZ, A.D. Percepções de profissionais sobre o aprendizado de estudantes de graduação na Atenção Básica. **Physis**, v. 27, n. 3, p. 605-619, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000300605&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 ago. 2019.

CORREA, A. K. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, v. 5, n. 1, p. 83-88, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v5n1/v5n1a10.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

COSTA, C.R.B. *et al.* Percepções de discentes de enfermagem sobre fatores geradores de estresse durante a graduação. **Rev Rene**, v.19, e3442, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/33471>. Acesso em: 03 set. 2019.

COSTA, R.R.O. *et al.* Positivismo e complexidade: interfaces e influências no contexto do ensino na graduação em enfermagem. **Rev. Baiana Enferm.**, v. 31, n. 1, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/17067/pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

DUARTE, M. R; ROCHA, S.S. As contribuições da filosofia heideggeriana nas pesquisas sobre o cuidado em enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 16, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/18620/14221>. Acesso em: 13 out. 2019.

DURANTE, D. G.; RIBEIRO, J. L. S.; ROCHA, T. L. C. G. Produção monográfica: significados e dificuldades na visão dos estudantes. **R.G.Secr., GESEC**, v. 10, n. 1, p. 26-46, 2019. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/743>. Acesso em: 02 out. 2019.

ERDMANN, A.L.; FERNANDES, J.D.; TEIXEIRA, G.A. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. **Enfermagem em Foco**, v. 2, p. 89-93, 2011. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/91/76>. Acesso em: 03 set. 2019.

FACULDADE DE SANTA CATARINA. **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem** (bacharelado). 2017. Documento impresso.

FÁVERI, M. **Crônicas da incontinência da clausura**. Cotidianos na pandemia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2021.

FERNANDES PEREIRA, F.G. *et al.* Avaliação do estresse na inserção dos alunos de enfermagem na prática hospitalar. **Invest. educ. enferm**, v. 32, n. 3, p. 430-437, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072014000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

FERNANDES, J. D.; REBOUÇAS, L. C. Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios. **Rev. Bras. Enferm**, v. 66, p. 95-101, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GZqsmshGddpqFhBNWHpzs8d/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2019.

FERNANDES, J.D. *et al.* Expansion of higher education in Brazil: increase in the number of Undergraduate Nursing courses. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 21, n. 3, p. 670-678, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-116920130003000670&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

FERNANDES, J.D. *et al.* Aderência de cursos de graduação em enfermagem às diretrizes curriculares nacionais na perspectiva do Sistema Único de Saúde. **Esc. Anna Nery**, v. 17, n. 1, p. 82-89, 2013a. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ean/a/Hm3jFJYTm779Fq5bdNcHVRH/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2019.

FERNANDES, J.D; SILVA, R.M.O; CALHAU, L.C. Educação em enfermagem no Brasil e na Bahia: o ontem, o hoje e o amanhã. **Enfermagem em Foco**, n. 2, supl, p. 63-67, 2011. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/84/70>. Acesso em: 03 set. 2019.

GARANHANI, M.L.; VALLE, E.R.M. O olhar do aluno habitando um currículo integrado de enfermagem: uma análise existencial. **Ciênc. cuid. saúde**, n.11, supl, p 87-94, 2012.

Disponível em: [http://bases.bireme.br/cgi-](http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=23600&indexSearch=ID)

[bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=23600&indexSearch=ID](http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=23600&indexSearch=ID). Acesso em: 13 out. 2019.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZALEZ, A. D. *et al.* Heidegger's phenomenology as a framework for health education studies. **Interface**, v. 16, n. 42, p. 809-817, 2012 Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 ago. 2019.

GUERRERO-CASTAÑEDA; R.F, MENEZES, T.M.O. OJEDA-VARGAS, M. G. Características de la entrevista fenomenológica en investigación en enfermería. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 2, e67458, 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.67458>. Acesso em: 11 nov. 2021.

HEIDEGGER, M. **Cartas sobre o humanismo**. 2.ed.. São Paulo: Centauro. 2010. 93 p.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes/Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, M. **Todos nós...** ninguém: Um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

HEYDEN, M. S. T.; RESCK, Z. M. R.; GRADIM, C. V. C. A pesquisa na graduação em enfermagem: requisito para conclusão do curso. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 56, n. 4, p.409-411, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672003000400021>. Acesso em: 03 set. 2019.

HIRSCH, C.D. *et al.* Fatores preditores e associados à satisfação dos estudantes de enfermagem. **Acta Paul. Enferm.**, v. 28, n. 6, p. 566-572, 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000600566&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática de construção da pré-escola à universidade**. 33 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. 189 p.

IHU. Instituto Humanitas UNISINOS. O nazismo segundo Heidegger: Hitler desperta nosso povo. **Revista IHU on-line**, 2016 Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561279-o-nazismo-segundo-heidegger-hitler-desperta-nosso-povo>. Acesso em: 10 out. 2021.

JESUS, A.R. **Currículo e educação: conceito e questões no contexto educacional**. 2019. Disponível em: http://lagarto.ufs.br/uploads/content_attach/path/11339/curriculo_e_educacao_0.pdf. Acesso em: 30 set. 2019.

JESUS, B. H. *et al.* Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 336-345, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

KEMPFER, S. S. **A temporalidade do ser-acadêmico-de enfermagem na experiência de cuidado: Uma interpretação em Heidegger**. 2012. 173 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100416/314136.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 ago. 2019.

KEMPFER, S.S.; CARRARO, T.E. Temporality: existing and the perspective of finiteness for nursing students when experiencing death. **Texto Contexto Enferm.**, v. 23, n. 3, p. 728-734, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000300728&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

KIKUCHI, E. M.; MENDES, M. M. R. O cuidado no processo de avaliação da aprendizagem: um enfoque fenomenológico. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 11, n.5, p. 023-030, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/17049>. Acesso em 26 out. 2019.

KLOH, D; LIMA, M.M; REIBNITZ, K. S. Compromisso ético-social na proposta pedagógica da formação em Enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 23, n. 2, p. 484-491 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71431352031>. Acesso em: 29 set. 2019.

LAZZARI, D.D. *et al.* Entre os que pensam e os que fazem: prática e teoria na docência em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 28, e20170459, 2019. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100393&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 fev. 2022.

LIMA, A. et al. Análise dos trabalhos de conclusão de curso de graduação em enfermagem de uma faculdade do interior paulista. **UNIFUNEC Ciências da Saúde e Biológicas**, v. 1, n. 1, p. 16-24, 2017. Disponível em: <https://seer.unifunec.edu.br/index.php/rfce/article/view/2167>. Acesso em: 02 out. 2019.

LIMA, J.R.N. *et al.* Perceptions of nursing students about the process of health / illness during graduation. **Saúde Transform. Soc.**, v. 4, n. 4, p. 54-62, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-70852013000400010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

LINO, M. M. **Formação em Enfermagem Pós-Declaração de Bolonha na Europa**. 2021. 113 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/229223/PNFR1214-T.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 2.ed. São Paulo: Moraes, 1994. 110 p.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

MEDEIROS, M; TIPPLE, A.F.G; MUNARI, D.B. A expansão das escolas de enfermagem no brasil na primeira metade do século XX. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 10, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3aXX.htm>. Acesso em: 03 set. 2019.

MEIRA, M.D.D.; KURCGANT, P. O desenvolvimento de competências ético-políticas segundo egressos de um Curso de Graduação em Enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 47, n. 5, p. 1203-1210, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000501203&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/janela>. Acesso em: 25 jun. 2021.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1994. 269 p.

MONTEIRO, C.F.S. *et al.* Maternal experiences in the reality of having an autistic son: an understanding for nursing. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 61, n. 3, p. 330-335, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

MOURA, I.H. *et al.* Quality of life of undergraduate nursing students. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, e55291, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000200407&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

OLIVEIRA, L.R. et al. Trajetória profissional de egressos de enfermagem. **R. Interd.** v. 9, n. 1, p. 125-134, 2016. Disponível em: <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/668>. Acesso em: 07 set. 2019.

OLIVEIRA, M.F.V.; CARRARO, T.E. Care in Heidegger: an ontological possibility for nursing. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 64, n. 2, p. 376-380, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000200025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

OPAS. Organização Panamericana de Saúde. **Folha Informativa sobre COVID-19**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PAULA, C.C. *et al.* Analytical movement - Heideggerian hermeneutics: methodological possibility for nursing research. **Acta Paul. Enferm.**, v. 25, n. 6, p. 984-989, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000600025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

PEREIRA, M.O; PINHO, P.H.; CORTES, J.M. Qualidade de vida: percepção de discentes de graduação em enfermagem. **Revista J Nurs Health**, v.6, n. 2, p. 321-33, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/5780>. Acesso em: 03 set. 2019.

PEREIRA, R.S. **OCDE, PISA e política educacional**. 2018. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Rodrigo-da-Silva-Pereira.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2021

PEREIRA, R.S. **A política de competências e habilidades na educação básica pública: relações entre Brasil e OCDE**. 2016. 284 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22756/3/2016_RodrigodaSilvaPereira.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

PEREIRA, W. R. Produção de conhecimento em enfermagem: transposição e repercussões no ensino de graduação. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 66, n. spe, p. 111-118, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

PIRES, C.G.S *et al.* Prática de atividade física entre estudantes de graduação em enfermagem. **Acta Paul. Enferm.**, v. 26, n. 5, p. 436-443, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002013000500006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática em enfermagem**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2019.

RAMIREZ-PEREZ, M.; CARDENAS-JIMENEZ, M.; RODRIGUEZ-JIMENEZ, S. The Dasein of care from a perspective of Martin Heidegger's hermeneutic phenomenology. **Enferm. Univ**, v. 12, n. 3, p. 144-151, 2015 Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-70632015000300144&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

RODRIGUES, A.M.M. *et al.* Projetos políticos pedagógicos e sua interface com as diretrizes

curriculares nacionais de enfermagem. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 15, n.1, p.182-90, 2013. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v15/n1/pdf/v15n1a21.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

RODRIGUES, R.M.; CONTERNO, S.F.R; GUEDES, G.C. Formação na graduação em enfermagem e impacto na atuação profissional na perspectiva de egressos. **Interfaces da Educ**, v. 6, n. 17, p.26-43, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/744/685>. Acesso em: 07 Set. 2019.

ROEHE, M. V; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Latinoam.**, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jan. 2022.

SAFRANSKI, R. **Heidegger**: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SANTOS, B. S. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Almedina: Coimbra, 2020.

SANTOS, L.A. O fenômeno da abertura como modo de manifestação do ser. **Existência e Arte**: Revista Eletrônica do Grupo PET, v.3, n.3, 2007. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/FENOMENO%20DA%20ABERTURA%20COMO%20MODO%20DE%20MANIFESTACAO%20Leandro.pdf. Acesso em: 13 out. 2019.

SAUPE, R.; WENDHAUSEN, A. L. P.; MACHADO, H. B. Modelo para implantação ou revitalização de trabalhos de conclusão de curso. **Rev. Latino-amer. Enferm.**, v. 12, n. 1, p.109-114, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-11692004000100015>. Acesso em 03 set. 2019.

SEBOLD, L.F. *et al.* Perception of nursing faculty on the care: Heidegger constructions. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 50, n. spe, p. 39-46, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342016001100039&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

SEBOLD, L.F.; CARRARO, T.E. Ways of being nurse-teacher-teaching-nursing-care: a heideggerian look. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 66, n. 4, p. 550-556, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000400013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2019.

SEVERO, D.F; SIQUEIRA, H.C.H. Interconnection between the history of Brazilian nursing education and the ecosystem thoughts. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 66, n. 2, p. 278-281, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000200019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

SILVA, A.; SAMPAIO, A.S.; SANTOS, D.T.R. O ingresso do estudante jovem adulto na

graduação de enfermagem no Centro Universitário Campos de Andrade. **Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad**, v. 3, n3, p. 96-109, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6941092>. Acesso em: 05 out. 2019.

SILVA, V. et al. Análise dos trabalhos de conclusão de curso da graduação em enfermagem da UNIMONTES. **Rev. Eletrônica de Enfermagem**, v. 11, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46897>. Acesso em: 30 set. 2019.

SOUZA E SOUZA, L.P. et al. The challenges of newly-graduated in Nursing in the world of work. **Rev. Cubana Enfermer**, v. 30, n. 1, p. 4-18, 2014. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-03192014000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

SOUZA, M. M, CABECA, L.P.F. MELO, L. Pesquisa em enfermagem sustentada no referencial fenomenológico de Martin Heidegger: subsídios para o cuidado. **Avances en Enfermería**, Bogotá, v. 36, n. 2, p. 230-237, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002018000200230&lng=en&nrm=is. Acesso em: 28 out. 2021.

SOUZA, N.V.D.O. *et al.* Nursing Education and the Workplace: Perceptions of Nursing graduates. **Aquichan**, v. 17, n. 2, p. 204-216, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972017000200204&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

TEIN, E. **A questão do método na filosofia: um estudo do modelo heideggeriano**. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

TEIXEIRA, E. *et al.* Panorama dos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil na década das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 66, n. spe, p. 102-110, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

TEIXEIRA, E. *et al.* Trajetória e tendências dos cursos de enfermagem no Brasil. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 59, n. 4, p. 479-487, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

TEIXEIRA, E. Em tempos de novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em enfermagem. **Rev. Enferm UFSM**, n. 7, v. 2: iii-iv, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/28859/pdf> Acesso em: 19 jul. 2021.

TERRA, M.G. *et al.* Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 672-678, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2019.

TOMASCHEWSKI-BARLEM, J.G. *et al.* Manifestações da síndrome de burnout entre

estudantes de graduação em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 22, n. 3, p. 754-762, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000300023&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2019.

REVISAN, D.D. *et al.* Formação de enfermeiros: distanciamento entre a graduação e a prática profissional. **Cienc Cuid Saude**, v. 2, n. 12, p. 331-337, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/19643>. Acesso em: 18 set. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Instrução normativa:** Instrução Normativa para Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC: Curso de Enfermagem. Florianópolis: UFSC, 2015. 8 p. Disponível em: <http://enfermagem.ufsc.br/files/2015/11/Instrução-Normativa-Para-Elaboração-de-TCC-Enfermagem.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.